



COM-UNIDADE: experiências extensionistas

Organizadoras

ANNA CAROLINA MARTINS SILVA

ANA CRISTINA PASSARELLA BRÊTAS

CARMEN LÚCIA ALBUQUERQUE DE SANTANA



SÃO PAULO
2014





© 2014, Programa de Extensão COM-UNIDADE
Escola Paulista de Enfermagem/Unifesp
Departamento de Administração e Saúde Coletiva
Rua Napoleão de Barros, 754 - Vila Clementino - SP
Telefone: (11) 5576-4430
e-mail: programacomunidadeunifesp@gmail.com

Organizadoras:

ANNA CAROLINA MARTINS SILVA
ANA CRISTINA PASSARELLA BRÊTAS
CARMEN LÚCIA ALBUQUERQUE DE SANTANA

Ilustração da capa:

ANNA CAROLINA MARTINS SILVA

Projeto gráfico e impressão:

PÁGINAS & LETRAS - EDITORA E GRÁFICA LTDA.
Tels. (11) 3628-2144 - 2618-2461
e-mail: paginaseletras@uol.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Com-Unidade : experiências extensionistas / Organizadoras
Anna Carolina Martins Silva, Ana Cristina Passarella
Brêtas, Carmen Lúcia Albuquerque de Santana. --
São Paulo : Páginas & Letras Editora e Gráfica, 2014.

Bibliografia.

ISBN 978-85-8191-035-2

1. Extensão universitária 2. Programa Com-Unidade :
Saúde, Assistência Social, Educação e Direitos Humanos
3. Universidade Federal de São Paulo I. Silva, Anna
Carolina Martins. II. Brêtas, Ana Cristina Passarella.
III. Santana, Carmen Lúcia Albuquerque de.

14-01995

CDD-378.175098161

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo : Experiências
extensionistas : Ensino superior 378.175098161

II





*Este livro é o resultado de experiências extensionistas
vivenciadas no Programa Com-Unidade da
Universidade Federal de São Paulo/
Escola Paulista de Enfermagem.
Contou com o apoio financeiro obtido
do Ministério da Educação através do
Edital PROEXT 2013 (SiGProj
nº. 109423.480.47692.13042012).*

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

III







APRESENTAÇÃO

Anna Carolina Martins Silva

Natalia Tenore Rocha

Carmen Lúcia Albuquerque de Santana

Ana Cristina Passarella Brêtas

Este livro é uma construção coletiva, que surge a partir das diversas atuações na Extensão. É um espaço para refletirmos, compartilharmos ideias e vivências, e fixarmos a história. É um convite para o contato com a sociedade que (re)encontramos além dos muros da Universidade. Tal construção demanda um contínuo processo de troca, que através do respeito aos conflitos, contradições e diferenças, cria uma unidade.

Com-Unidade!

A partir de uma relação visceral entre sujeitos envolvidos com a arte de ensinar e aprender em comunhão, descobrimos uma Universidade diferente, na qual nos percebemos como cidadãos comprometidos com o processo de formação e com a realidade social vivida.

A Extensão, concebida nesse espaço, precisou e precisa ser vivenciada e sentida. Além do conhecimento teórico e metodológico, é preciso haver espaço para experimentar. Os textos aqui apresentados trarão sensações, emoções, recordações únicas e isto justifica a riqueza e não padronização das páginas que seguem.

A Extensão Universitária é um ato político!

A Extensão Universitária não é um campo neutro, ao contrário, expressa diferentes ideologias e mentalidades, sobretudo na relação que estabelece com o ensino, a pesquisa e as pessoas que moram nas comunidades e/ou utilizam os equipamentos sociais onde é realizada.





No nosso entendimento, ela é o lócus fecundo para a expressão da criatividade, para o desenvolvimento da autonomia e exercício da cidadania. Afinal, não é caridade, messianismo ou benevolência. É uma prática à cidadania.

Apesar do forte discurso institucional sobre a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, ainda é tênue a valorização da Extensão enquanto práxis de trans/forma/ação individual e coletiva no cenário acadêmico. Falar sobre a indissociabilidade na universidade é algo que se repete demasiadamente e quase sempre sem reflexão sobre o que de fato representa.

Se é tão importante, por que é utilizada de forma não equânime nas métricas acadêmicas para concurso público, avaliação docente, creditação de atividades estudantis, entre tantas outras medidas criadas para qualificar pessoas, atividades e ensino?

No bojo dessas reflexões, temos a questão da flexibilização curricular. Colocar a Extensão nos currículos, assegurando espaços comuns para todos os cursos em todos os campi, é um desafio hercúleo. Essa não é uma questão somente de gestão institucional, pois esbarra nos desejos dos docentes.

Os docentes mantêm o clichê da indissociabilidade e também o da valorização da Extensão, contudo poucos “abrem mão dos lugares na grade curricular”. Assim, os conteúdos são presos às grades e depois discursos eloquentes são feitos sobre a importância de se formar estudantes críticos, reflexivos, leitores do mundo e de si.

Estamos convictas: só se aprende o que impregna os sentidos. A Educação também não é neutra. Educar o educador é um dos grandes desafios para as universidades.

A maior medida da desigualdade social é o déficit de cidadania!

A cidadania não está desprovida de significado político, principalmente, porque o bom funcionamento de uma sociedade depende dos direitos e deveres das pessoas. Contudo, aí reside uma questão





paradoxal, pois se o princípio da cidadania é a igualdade, o campo no qual efetivamos a Extensão e a Saúde, no Brasil, é construído a partir de um cenário sociopolítico delineado pelo capitalismo, que na sua essência pressupõe a desigualdade, uma vez que o capital depende da pobreza para gerar a riqueza. Portanto, trabalhamos, enquanto extensionistas e profissionais da Saúde, no contexto da luta de classes. Isso é inevitável. Fato que nos obriga a tomar partido em relação a quem (ou a que) servir.

Acreditamos que a maior medida da desigualdade social é o déficit de cidadania e, indo além, afirmamos que os percalços da democracia ocorrem na esfera dos direitos. Portanto, o cenário para a atuação do extensionista comprometido com a construção de uma sociedade mais justa está posto, resta ocupá-lo.

Os projetos vinculados ao Programa Com-Unidade trabalham com pessoas e/ou grupos da população em situação de vulnerabilidade social. Isso demanda o desafio de contribuir com a formação de profissionais a partir da interdisciplinaridade entre as Ciências da Saúde e as Ciências Humanas e Sociais. É um processo formativo que depende muito mais da vivência partilhada nos campos de extensão e do desejo individual à mudança do que das aulas expositivas sobre as mais variadas temáticas.

O trabalho com situações de desigualdade social na perspectiva da cidadania é atitudinal.

Saúde não é ausência de doença!

Enfim, pensar sobre Extensão e Saúde requer revisitar conceitos, sobretudo o de Saúde. Confessamos que a maior dificuldade que temos no desenvolvimento do Programa Com-Unidade e seus quatro projetos é ancorá-los na Saúde, e não na doença. Frequentemente, somos tentados (por nós mesmos) a falar sobre diabetes, hipertensão, cânceres, feridas, entre tantas outras demandas que nos são caras, familiares e não menos importantes aos corpos que sofrem. Contudo, o desafio que nos propusemos está em trabalhar com graduandos e pós-graduandos da área da Saúde a partir de um “novo” movimento,





ou seja, de buscar impregná-los e ao mesmo tempo nos impregnar de sentido em relação à crença de que a Saúde é o contínuo agir do ser humano na sua própria vida. Pensar Saúde, nesta dimensão, implica em compreender que os tempos das pessoas são diferentes, bem como seus estilos e condições de vida. Podemos intervir com educação à saúde para estimular a consciência sobre os estilos, hábitos de vida, entretanto temos a obrigação, no mundo dos direitos, de buscar formas (coletivas sempre que possível) para transformar as condições de vida, interferindo positivamente para minimizar as desigualdades sociais tão presentes no cenário da práxis da Extensão na interface com a área da Saúde.

Essa crença nos arranca de nossa zona de conforto, principalmente se optarmos pelo trabalho conjunto com diferentes atores e atrizes sociais da universidade, do campo de trabalho e/ou das comunidades que nos acolhem como extensionistas da Saúde.

Educar é educar-se em comunhão!

O desafio está colocado! Cabe a nós, nos reinventarmos construindo redes que se tornem rizomas. Estamos convencidos de que o ato de educar, acima de tudo, deve ser dialógico, entre sujeitos, e requer uma ação transformadora sobre a realidade posta. Cremos que cabe à universidade não a tarefa de “adestramento”, treinamento, pura e simplesmente mas, sim, a dimensão participativa, na qual COM as pessoas e não apenas PARA elas, os universitários possam exercitar o ato libertário da educação como prática de transformação social. A educação, vista desta maneira, se torna uma ação criativa, portanto não pode ser padronizada, é a criatividade dos sujeitos que oferece condições para a transformação.

Ninguém ensina liberdade, sem liberdade; tampouco se ensina participação, sem participação. Assim, os projetos de extensão vinculados ao Com-Unidade preveem a cogestão no seu funcionamento. O voto de cada participante tem o mesmo peso. Essa atitude coletiva é conflituosa, afinal ao mesmo tempo em que garante a participação individual, demanda a tomada de decisão coletiva, a exposição de





ideias, a pactuação com o diferente. É um ótimo exercício político e social.

O presente livro é resultado de algumas reflexões sobre a nossa práxis extensionista na Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). O ato de escrever decorre da experiência de falar sobre ideias que paulatinamente vão se fixando sobre o papel e sobre nós mesmos.

O 1º Ato é para mostrar o Programa e os Projetos que compõem o Programa de Extensão COM-UNIDADE.

O 2º Ato é uma Miscelânea, para refletir sobre a Extensão Universitária. Conhecer os trabalhos de graduandos apresentados na conclusão da Graduação em Enfermagem, que foram construídos nos espaços da Extensão. Ir à Espanha e à Itália, e se aproximar das experiências de colegas extensionistas; logo depois retornar para uma experiência brasileira que resultou na elaboração de uma Cartilha para trabalhos com Educação Popular.

O 3º Ato traz as Experiências Extensionistas.

Boa leitura!







SUMÁRIO

Apresentação	V
1º ATO – PROGRAMAS E PROJETOS	
Extensão e “ex” tensão: o sonho é possível!	3
Programa Com-Unidade: saúde, assistência social, educação e direitos humanos	5
Projeto Saber Cuidar.....	11
Projeto Periferia dos Sonhos	16
Projeto A Cor da Rua	22
Projeto Envelhecer com Arte.....	32
2º ATO – MISCELÂNIA	
Extensão: espaço de vivências.....	39
A importância do Saber Cuidar no processo de formação do graduando de enfermagem	42
Educação ambiental com jovens participantes do Projeto Saber Cuidar.....	49
Em que parte da tese fica a experiência compartilhada?	54
Processos globais, contextos locais: extensão comunitária, territórios em transformação e formação em saúde.....	58
Vamos viajar?.....	73
3º ATO – EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS	
1ª CENA – Algumas Experiências	
Pela janela da extensão.....	85
A extensão da Bob	86
A extensão universitária no processo de construção da identidade profissional	90
A extensão na formação do profissional da saúde	94
A experiência de gestão administrativa.....	97





2ª CENA – Projeto Saber Cuidar

Ser extensionista.....	101
Vivências estudantis em extensão popular.....	104
Transformação.....	106
Projeto de extensão como mediador para a mudança	108
A importância do Saber Cuidar para a minha formação	110
Aprendizado apreendido	113
A transformação de uma graduanda em enfermagem.....	115
Só pude me encontrar depois que me perdi.....	118
Conversando sobre extensão	121
O projeto de extensão em minha formação pessoal e profissional ...	124
Extensão, onde aprendo a me tornar mais humana	126
O que dizer do Projeto Saber Cuidar?	128
O Sol	133

3ª CENA – Projeto Periferia dos Sonhos

Para continuar extensionista.....	139
Minha experiência no Periferia.....	142
Experiência extensionista	144
Um Dia	146
Vestido de Noiva	148
Curiosidades, expectativas e sensações marcantes	150
A extensão me motiva a ser diferente.....	153
A teoria desfeita	155
O poder do olhar	158
Limitações.....	161
Iracema	164
Uma experiência de escuta.....	166

4ª CENA – Projeto A Cor da Rua

Contribuições e significados do Projeto de extensão “A Cor da Rua” para extensionistas e travestis em situação de rua	173
--	-----

5ª CENA – Projeto Envelhecer com Arte

Envelhecer	181
O despertar para a extensão: Envelhecer com Arte	183

Apresentação das autoras e dos autores.....	186
---	-----





1º ATO

Programas e Projetos







Extensão e “ex” tensão: o sonho é possível!

Eduardo Sodré de Souza

Sonhar, sonhei.
Caminhar, caminhei.
Carona eu peguei.
Carona para o sucesso,
para o sonho sem regresso
rumo à realidade construída!

Canudinhos recheados eu vendi
para poder chegar até aqui
Na cidade grande, a capital.
Uau!!!

Lugar de gente bonita,
trabalhadora e inteligente,
Não somente competente,
Assim como era com a minha
gente.

E agora vou te falar,
Que além de me formar
Muita coisa vim fazer.

Me belisca que eu tô sonhando
Aqui na universidade pública,
tem gente (poucas mais tem)
que assim como a gente (daí e dali)
faz mais do que ler e escrever.

Essa gente , que como eu,
(e como nós)
muita coisa já perdeu
por escolher ser como é.

O sonho, nesse caso cabe,
se não na universidade,
na periferia.
No Periferia dos Sonhos.
Veja que falo no plural
Porque nem todo mundo é igual!
Mas cada um com seu cada qual.





Lembro, então, neste momento,
que, quando aqui cheguei
Vim sem saber cuidar,
Mas agora com o Saber Cuidar,
Aprendi ainda mais a amar.
Amar a vida na sua essência,
Valorizando as carências
Que nos permitem lutar.

E na rua sigo cantando,
Rindo, indo, vindo,
Mas também trabalhando,
Porque ali tem um povo que
quer viver.

Viver não de migalhas,
Nem tampouco de medalhas
Pelas vitórias do dia a dia ,
Que é esta arte de viver.

Falando em arte ,vou dizer
Que arteiro quero ser
Junto com esse povo,
Que colorindo a rua
Com suas mais variadas cores,
Sabores,
amores,
Me ensinam também a viver.

E o projeto A Cor da Rua
Transforma a realidade nua e crua
Em aventuras por toda parte,
Daí, nascer, crescer e envelhecer
É bom demais!
Mas, só se for com o
Envelhecer com Arte.

Sonho???
Pode ser...
Mas aqui tem outro nome:
Programa Com-Unidade.





Programa Com-Unidade: saúde, assistência social, educação e direitos humanos

*Ana Cristina Passarella Brêtas
Elisabeth Niglio de Figueiredo*

O “Programa Com-Unidade: Saúde, Assistência Social, Educação e Direitos Humanos” foi concebido a partir da integração de quatro projetos de extensão universitária que vimos desenvolvendo na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp): o Projeto Saber Cuidar (2001-atual), o Projeto Periferia dos Sonhos (2009-atual), o Projeto Envelhecer com Arte (2013-atual) e o Projeto A Cor da Rua (2011-atual). Os três primeiros foram criados a partir de demandas do movimento estudantil da Enfermagem, que argumentava a necessidade de construir laços com comunidades “extramuros” da universidade, extrapolando as ações voltadas à orientação sobre saúde, doença e cuidado, como usualmente ensinado nos currículos dos cursos de graduação. Por sua vez, o projeto A Cor da Rua decorreu da parceria com a Organização de Auxílio Fraternal (OAF) durante o processo de construção coletiva de redes de apoio à população em situação de rua, a partir de reflexões interdisciplinares entre as áreas da Saúde e da Assistência Social.

O Com-Unidade está vinculado institucionalmente ao Departamento de Administração e Saúde Coletiva da Escola Paulista de Enfermagem (DASC/EPE) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), no entanto é aberto à participação de estudantes e trabalhadores de quaisquer departamentos da universidade.

Os projetos foram originalmente concebidos na área temática da Saúde: o “Saber Cuidar” trabalhando com comunidades em parceria com movimentos sociais; o “Periferia dos Sonhos” e o “A Cor da Rua” atuando com pessoas em situação de rua e; o “Envelhecer com Arte” desenvolvendo atividades com idosos e seus cuidadores.

As ações extensionistas desenvolvidas nos projetos nos propiciaram apreender que a Saúde (ponto de partida) é um direito social, des-





ta maneira requer incursões interdisciplinares no campo das Ciências Humanas e Sociais. Nesse sentido, a Saúde deixou de ser a única área temática dos nossos trabalhos e aos poucos fomos incorporando à nossa práxis a perspectiva da Assistência Social e Educação em Direitos Humanos. Por meio da Educação Popular, ensinamos Saúde Coletiva e aprendemos Cidadania e COM as pessoas e/ou comunidades que atuamos fomos construindo formas (coletivas sempre que possível) de trabalho comunitário.

A indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão

A indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão é um fundamento do Programa Com-Unidade, sobretudo na perspectiva dialógica entre as Ciências da Saúde e as Ciências Humanas e Sociais. No que se refere à inserção nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação da Unifesp, ela ainda é precária, embora nos cursos de Enfermagem e Medicina seja possível atribuir créditos aos estudantes extensionistas, computando como atividade eletiva para a integralização curricular.

Sistematicamente, temos assegurado as temáticas Educação Popular, Saúde e Direitos Humanos (como atitude extensionista) nas disciplinas ministradas pelos docentes do Programa Com-Unidade no curso de graduação em Enfermagem. Contudo, a inserção dos projetos na dinâmica curricular dos cursos de graduação tem sido pequena devido à escassa flexibilização curricular no ensino de graduação na Unifesp.

No que tange à pesquisa o Programa está vinculado ao Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Saúde, Políticas Públicas e Sociais, credenciado no CNPq e reconhecido institucionalmente pela Unifesp; nas reuniões do Núcleo temos a participação efetiva de integrantes do Movimento Popular de Saúde, bem como de profissionais dos equipamentos sociais e de saúde nos quais desenvolvemos os projetos. As atividades de extensão propiciaram a realização de tese de doutorado, dissertação de mestrado e trabalhos de iniciação científica. O Com-Unidade tem possibilitado o desenvolvimento de metodologias participativas e interativas voltadas para a educação em valores democráticos, atitudes e práticas coletivas que promovam os direitos humanos.

Enfim, compreendemos a Extensão como o campo fecundo para qualificar o Ensino e a Pesquisa na dimensão da inserção comunitária.





Referenciais e objetivos

O referencial teórico do “Programa Com-Unidade” fundamenta-se na abordagem pedagógica de Paulo Freire (1983, 1977, 2007) e na concepção de Educação Popular (ASSUMPCÃO, 2009; BRANDÃO, 1984; BRANDÃO; ASSUMPCÃO, 2009; PALUDO, 2001; VASCONCELOS; CRUZ, 2011). Estamos convencidos de que o ato de educar acima de tudo, deve ser dialógico, entre sujeitos, e requer uma ação transformadora sobre a realidade posta. Cremos que cabe à universidade não a tarefa de “adestramento”, treinamento, pura e simplesmente, mas, sim, a dimensão participativa, onde COM as pessoas e/ou grupos sociais vulneráveis e não apenas para elas, os universitários possam exercer o ato libertário da educação como prática de transformação social. A educação visa, dessa forma, se tornar uma ação criativa, portanto não pode se padronizada, é a criatividade dos sujeitos que oferecerá condições para a transformação.

Entendemos que Saúde, Assistência Social, Educação e Direitos Humanos são campos ideológicos, não neutros e expressam o resultado do confronto entre as políticas sociais e econômicas adotadas pelos governos – não raras vezes ditadas por agrupamentos econômicos nacionais e internacionais – e a pressão de movimentos sociais organizados. Por sua vez, a cidadania também não é vazia de significado político, pressupõe o princípio da igualdade. Entretanto, nossa práxis extensionista se dá em um cenário sociopolítico delineado pelo capitalismo, que na sua essência pressupõe a desigualdade, pois o capital depende da pobreza para gerar a riqueza. Portanto, a conquista da cidadania não é tão simples, ela se dá no contexto da luta de classes. Comprendemos que “a maior medida da desigualdade social é o déficit de cidadania e, (...) os percalços da democracia ocorrem na esfera dos direitos”. (BRÉTAS, 2010, p. 104)

O Programa objetiva:

- desenvolver com seus parceiros institucionais e comunidade projetos de educação popular, visando maximizar a habilidade dos participantes e a sua confiança para desenvolver ações, atitudes e práticas coletivas que promovam os direitos humanos;
- contribuir com a formação acadêmica do estudante da Unifesp buscando integrar a teoria à prática, por meio da vivência extensionista e/ou realização de pesquisas;





- estimular o senso de responsabilidade social nos participantes do Com-Unidade, para que se percebam cidadãos e membros da sociedade;
- desenvolver metodologias participativas e interativas voltadas para a educação em valores democráticos, atitudes e práticas coletivas que promovam os direitos humanos;
- produzir e divulgar material educativo na comunidade.

Metodologia de trabalho e avaliação das ações

O Com-Unidade é desenvolvido por graduandos, pós-graduandos, docentes, técnicos administrativos em educação, profissionais das áreas da Saúde e da Assistência Social e, integrantes de movimentos populares, principalmente do movimento popular de saúde.

O Programa trabalha com três tipos de público, sendo que todos são compostos por pessoas e/ou grupos sociais vulneráveis. No Projeto Saber Cuidar, o público é composto por crianças, jovens e idosos residentes no Jardim São Savério/Parque Bristol e as atividades são realizadas com o movimento popular de saúde. Nos Projetos Periferia dos Sonhos e A Cor da Rua, o público é composto por adultos e idosos em situação de rua, que frequentam o Centro de Acolhida Portal do Futuro e a Associação Minha Rua Minha Casa. No Projeto Envelhecer com Arte o público é constituído por idosos que frequentam o Ambulatório de Geriatria e por seus cuidadores.

A dinâmica de funcionamento do Programa prevê: reuniões semanais de cada um dos Projetos para estudo e planejamento das ações extensionistas; pelo menos uma atividade mensal no campo de extensão para cada um dos Projetos e um encontro mensal entre os Projetos com a finalidade de construir metodologias participativas, possibilitar a troca de experiência para potencializar ações e a integração da equipe do Programa Com-Unidade. Acrescenta-se a essas atividades, horas/estudo/pesquisa para o desenvolvimento de estudos contando com a participação das comunidades envolvidas; bem como, horas/atividade/elaboração de material educativo, capítulos de livro e/ou artigos sobre as atividades desenvolvidas.

Para o desenvolvimento dos Projetos, o Programa Com-Unidade dispõe da seguinte infraestrutura:





- (1) física: o grupo se reúne nas dependências da Escola Paulista de Enfermagem e no Diretório Central dos Estudantes – ambos situados no campus Vila Clementino/Unifesp. As atividades na comunidade são realizadas na Escola Estadual Dr. Álvaro de Souza Lima, na sede da Associação dos Moradores do bairro Jardim São Savério, no Centro de Acolhida Portal do Futuro, na Associação Minha Rua Minha Casa, no Ambulatório de Geriatria e Gerontologia da Unifesp;
- (2) material: o Programa se mantém por meio dos recursos adquiridos pelo Projeto Saber Cuidar no Edital PROEXT/MEC 2005, pelo Com-Unidade no Edital PROEXT/MEC 2013 e com aqueles advindos da colaboração entre os participantes;
- (3) transporte: o projeto se mantém por meio da colaboração entre os participantes.

Os projetos são acompanhados e avaliados mediante os seguintes indicadores:

- pelo público - ao final de cada ação extensionista solicitamos aos participantes que avaliem e proponham modificações para os próximos encontros;
- pela equipe - verificamos (1) atividades técnico-administrativas: número de reuniões com os membros do grupo, com o objetivo de planejar e avaliar as atividades desenvolvidas na comunidade; (2) atividades de extensão: número de reuniões na comunidade; hora/atividade de extensão; (3) atividades de pesquisa: número de reuniões científicas para planejamento e execução das pesquisas; hora/revisão bibliográfica; hora/estudo individual; hora/estudo coletivo; hora/coleta de dados; hora/análise de dados; (4) atividades de treinamento e desenvolvimento de competências: número de reuniões para orientação de bolsistas; hora/treinamento em técnicas de pesquisa; (5) elaboração de material educativo, de trabalhos para publicação e/ou apresentação em eventos científicos: hora/preparo de material para publicação.





Referências

ASSUMPÇÃO, Raiane (org). *Educação popular na perspectiva freireana*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Educação popular*. 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. *Cultura rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. *Participação social*. Especialização em Saúde da Família. Módulo Político Gestor. São Paulo: Unasus-Unifesp. 2010. p. 93-111. http://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/esf/1/modulo_politico_gestor/Unidade_7.pdf [acesso em 08/04/2012].

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 12a ed.. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1977.





Projeto Saber Cuidar

Ana Cristina Passarella Brêtas

Elisabeth Niglio de Figueiredo

Anderson da Silva Rosa

Maria Cristina Wafae Felix de Carvalho

Em janeiro de 2001, a gestão do sistema municipal de saúde de São Paulo passou a ser descentralizada com a criação de 41 distritos de saúde, visando aproximar as políticas de saúde às necessidades dos moradores de sua área territorial. Essa medida significou o primeiro passo rumo à municipalização da rede – com a integração das unidades municipais, estaduais e federais – implicando na implantação/implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) na cidade de São Paulo.

Nesta perspectiva o reitor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), professor Helio Egydio Nogueira, aceitou a proposta de parceria feita pelo secretário municipal de Saúde, Eduardo Jorge, para que a universidade fosse gestora de dois distritos de saúde, a saber: o de Vila Maria e o de Sacomã. Para efetivar tal iniciativa o reitor indicou duas docentes para dar início ao processo de construção desses Distritos, respectivamente, as professoras Ana Cristina Passarella Brêtas e Ana Lucia Pereira.

Na ocasião, um grupo vinculado ao movimento estudantil do curso de Enfermagem procurou a diretora do Distrito de Saúde Vila Maria (DSVM) e solicitou a sua inserção no processo de gestão por meio do desenvolvimento de atividades de educação em saúde e/ou educação popular.

O projeto aqui apresentado nasceu dessa parceria e foi inserido no Plano de Gestão Distrital do DSVM. Teve por finalidade primeira introduzir graduandos dos diferentes cursos da Unifesp (na ocasião, cinco cursos em um único campus – Biomedicina, Enfermagem, Fonoaudiologia, Medicina, Tecnologia Oftálmica) no planejamento, implantação e avaliação de ações extensionistas no DSVM, por meio do desenvolvimento de ações de educação, comunicação e vigilância à saúde, em conjunto com as equipes da Estratégia de Saúde da Família (ESF) que estavam sendo constituídas.





Até o mês de agosto de 2002, a professora designada pelo reitor acumulou os cargos de Diretora do DSVM e o de coordenadora do Projeto, na época denominado “Educação, Comunicação e Vigilância à Saúde no Distrito de Saúde Vila Maria da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo”. A partir dessa data, a docente solicitou sua substituição na gestão do Distrito, retornando às atividades de ensino, pesquisa e extensão na Unifesp e com isto ampliou as possibilidades de construção do projeto de extensão, visto que as atividades na gestão municipal comprometiam temporalmente a relação com os estudantes e/ou com a comunidade local.

Nesse momento, em conjunto com alguns graduandos dos cursos de Enfermagem e de Medicina o projeto foi reelaborado, deixou de fazer parte do Plano de Gestão Distrital, associou-se a uma equipe da ESF definindo como locus de trabalho a sua área de abrangência: a região da Chácara Bela Vista, no Parque Novo Mundo, zona norte da cidade de São Paulo. A escolha ocorreu em decorrência das características de vulnerabilidade social do local, bem como a relação de reciprocidade com a enfermeira e os agentes comunitários de saúde da referida equipe.

Esse delineamento desencadeou a mudança do nome do projeto para SABER CUIDAR que assumiu os objetivos de: implantar com a equipe da ESF e comunidade local um projeto de educação para a saúde em forma de oficinas comunitárias, visando aumentar a habilidade dos participantes e a sua confiança para desenvolver ações de promoção, proteção e vigilância à saúde, contribuindo para ampliar o senso de responsabilidade sobre a saúde individual e coletiva. Adotou como método de trabalho a abordagem pedagógica de Paulo Freire, o método do Planejamento Estratégico Situacional, o referencial da Atenção Primária à Saúde.

Com o fomento PROEXT/MEC 2005/2006, o Projeto Saber Cuidar ampliou as suas atividades e estabeleceu parcerias com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Célia Regina Consolin, com a equipe da Pastoral da Criança da Igreja Santa Rita e com lideranças sociais do local. Assim, além das oficinas comunitárias sobre saúde, foram desenvolvidos grupos educativos, rodas de conversa, festival de jovens talentos, formatura da 8ª série, campanhas educativas, eleição da Associação dos Moradores da Chácara Bela Vista, grupo de artesanato, apresentação das experiências em eventos científicos, entre outras atividades.





Lamentavelmente, o mês de maio de 2006 tornou visível a violência urbana e a insegurança pública em São Paulo, sobretudo pelos ataques sistemáticos da organização criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC). Esse processo impactou no trabalho do Projeto, principalmente após o assassinato de um dos líderes sociais do local, com quem vínhamos desenvolvendo ações de inserção comunitária.

Nos anos seguintes, a fragilidade organizativa da comunidade e as mudanças constantes da direção da Escola Municipal, obrigando a “recomeçar” sempre os contatos, levaram-nos a focalizar novamente as ações do Projeto apenas para atividades pontuais de educação para a saúde – sobretudo as campanhas de vacinação, entre outras – em parceria com a equipe da ESF. Permanecemos nessa área até 2008, encerrando nossas atividades com o IV Festival de Talentos Jovens¹.

A partir de 2009, em uma reunião do Pró-Saúde/Unifesp, conhecemos uma liderança do movimento popular de saúde da região Sudeste, em particular dos bairros Jardim São Savério e Parque Bristol, dando início à construção de uma nova parceria. O Projeto Saber Cuidar deslocou a sua área adstrita de atuação para essa região e passou a ter por parceiros: o Movimento Popular de Saúde da região, os Projetos “Taekwondo e Cidadania”, “Borussia: Futsal e Cidadania”, “Reflorescer para a Vida” e a coordenação pedagógica da Escola Estadual Dr. Álvaro de Souza Lima. Vale salientar que é contínua, nesse local, a participação de movimentos populares, entre eles destacamos: o de Moradia; o da Educação e o da Saúde.

Método de trabalho

O Projeto Saber Cuidar ancora-se no preceito da indissociabilidade entre as ações de extensão, ensino e pesquisa, na perspectiva interdisciplinar. Está vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Saúde, Políticas Públicas e Sociais – credenciado no CNPq e reconhecido institucionalmente pela Unifesp. Em 2012, passou a integrar o “Programa Com-Unidade: Saúde, Assistência Social, Educação e Direitos Humanos”, o qual foi contemplado pelo Edital PROEXT/MEC/2013.

Vale destacar que o Saber Cuidar tem por finalidade instigar a consciência crítica sobre o papel da universidade pública na socie-

¹ Destaca-se que no ano de 2010, a Prefeitura Municipal de São Paulo em ação pública deslocou as famílias do local para construção de uma das vias do anel viário.





dade brasileira por meio da inserção de graduandos e servidores da Unifesp no planejamento, implantação, implementação e avaliação de ações extensionistas. Objetiva:

- implantar projetos de educação e comunicação à saúde visando aumentar a habilidade dos participantes e a sua confiança para desenvolver ações de promoção à saúde, por meio da utilização do referencial da Educação Popular;
- contribuir para ampliar o senso de responsabilidade dos participantes sobre a saúde individual e coletiva;
- auxiliar na formação crítica do estudante universitário, buscando integrar a teoria à prática por meio da vivência extensionista e/ou a realização de pesquisas, valorizando as competências técnicas, científicas e políticas;
- produzir com seus parceiros e divulgar na comunidade material didático sobre promoção à saúde e educação popular.

A dinâmica de funcionamento do Projeto se caracteriza-se pela existência de atividades desenvolvidas no campus Vila Clementino da Unifesp e no Jardim São Savério/Parque Bristol situado na zona sudeste, ambos na cidade de São Paulo.

As atividades desenvolvidas no campus têm a finalidade de preparar técnica, científica e politicamente os estudantes para o desenvolvimento das ações extensionistas. Seus membros se reúnem semanalmente (uma hora/semana) para discutir questões administrativas e estudar temas que dão sustentação teórica para o desenvolvimento do projeto.

Merece destacar que o Saber Cuidar é administrado por meio da cogestão entre os estudantes, docentes, técnicos administrativos em educação e lideranças do movimento popular de saúde implicando no contínuo exercício do diálogo entre estes diferentes atores e atrizes sociais.

Nesta lógica, as ações de extensão, ensino e as pesquisas são pactuadas entre os participantes, que constroem em conjunto formas de intervir na comunidade. Seus integrantes procuram envolver no cotidiano das ações as crianças, os jovens e os idosos da comunidade, com vistas a estimulá-los à participação cidadã – quiçá, à prática do controle social. Tal práxis tem contribuído para a formação crítica (técnica e política) dos participantes e, sobretudo ensinado a “arte da negociação”.





O Projeto Saber Cuidar é extracurricular, consegue atingir somente os estudantes que participam dele, não tem impacto sobre os demais; entretanto, constatamos que os extensionistas conseguem integrar a teoria à prática, por meio da vivência na comunidade. Percebemos também que o Projeto é um agente estimulador do senso de responsabilidade social, sendo notório o crescimento de cada um dos estudantes e docente envolvidos no Projeto, principalmente no que tange ao compromisso social.

Enfim, esta tem sido a nossa contribuição para a formação de profissionais comprometidos com a Saúde Pública brasileira. Acreditamos que a Extensão é um campo fecundo para estimular práticas cidadãs.





Projeto Periferia dos Sonhos

*Anna Carolina Martins Silva
Natalia Tenore Rocha
Ana Cristina Passarella Brêtas*

Desde 1995, na disciplina Enfermagem em Saúde Pública, trabalhamos com a população adulta e idosa em situação de rua na cidade de São Paulo, desenvolvendo atividades de ensino, extensão e pesquisa com graduandos e pós-graduandos da Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo (EPE/Unifesp).

O ensino e a extensão, até o ano de 2009, estavam previstos no currículo do Curso de Enfermagem, com o objetivo de propiciar aos estudantes o desenvolvimento de ações de educação e comunicação em saúde, bem como prestar assistência de enfermagem para esta população. No período entre 1995 e 2006, essa experiência ocorreu junto ao Centro de Convivência São Martinho de Lima por meio do projeto curricular de extensão “Saúde do povo em situação de rua”, envolvendo as disciplinas curriculares: Assistência Transdisciplinar em Comunidade, Enfermagem Gerontológica, Enfermagem em Saúde Mental. As pesquisas, por sua vez, respondiam às exigências dos programas de iniciação científica e da pós-graduação estrito senso, por meio do vínculo ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Unifesp.

A partir de 2009, dado a estruturação político-pedagógica do currículo de graduação em Enfermagem, os equipamentos sociais destinados ao cuidado às pessoas em situação de rua deixam de ser campo de estágio para os graduandos, por outro lado, a extensão e a pesquisa se aproximam, passando a ser desenvolvidas de forma indissociável.

Nesse contexto, em 2009, fomos procuradas por um grupo de estudantes com o intuito de criar um projeto de extensão que propicias-se a vivência dos seus participantes junto à população em situação de rua. Dado a dinâmica de vida dessa população e a não flexibilização curricular, a demanda estudantil acenava na direção de um projeto no período noturno.





Desse movimento, surgiu o Projeto Periferia dos Sonhos: lócus fecundo para pensar estratégias de educação e cuidado com as pessoas em situação de rua, bem como estimular os participantes à gestão de projetos sociais. Em 2012, o Periferia dos Sonhos passou a integrar o programa de extensão “Com-Unidade: Saúde, Assistência Social, Educação e Direitos Humanos” com outros três projetos também desenvolvidos na EPE/Unifesp. Esse Programa foi contemplado pelo Edital PROEXT/MEC/2013.

A demanda do grupo de graduandos para a criação do Periferia dos Sonhos é legítima, ancorada no compromisso ético, social e político de estudantes que participam ativamente do seu processo de formação. Não aceitam passivamente o que lhes é proposto enquanto grade curricular.

Não lhes passou despercebido que o número de pessoas vivendo na e da rua tem aumentado de maneira considerável. Fato que nos obriga, enquanto universidade, a pensar sobre formas para compreender esse processo e buscar estratégias para o cuidado.

Nos dias atuais, aproximadamente quarenta e cinco mil pessoas estão nessa situação nas médias e grandes cidades brasileiras. Na cidade de São Paulo, 14.478 pessoas vivem nessa situação, sendo 6.765 moradores de rua e 7.713 acolhidos em equipamentos sociais da capital. (SÃO PAULO, 2011)

No âmbito das políticas públicas e sociais são considerados moradores de rua as pessoas que não têm moradia e que pernoitam nas ruas, praças, calçadas, marquises, jardins, baixos de viadutos, mocós, terrenos baldios e áreas externas de imóveis, já os acolhidos são pessoas que, também sem moradia, pernoitam em albergues ou abrigos. (FIPE, 2010). Enquadram-se no grupo de indivíduos, que apesar de poder escolher estilos de vida e comportamentos sociais, tem condições impostas, como a falta de moradia, segurança, alimentação, acesso a serviços públicos, entre outros. (ROSA, 2008).

Embora sobrevivam sem empregos regulares ou formais, geram renda monetária para satisfazer algumas de suas necessidades. Segundo Buarque (2003), as pessoas que têm a vida na rua como única possibilidade se tornaram desnecessárias ao circuito econômico, configurando custos em políticas sociais e riscos em segurança pública. Nesse sentido, afirma que a desigualdade levada ao seu extremo pode gerar





uma situação de dessemelhança, no qual há a ruptura dos laços de solidariedade e de pertencimento a uma mesma espécie – seres humanos.

Sobre o Projeto

O Periferia dos Sonhos tem a finalidade de introduzir graduandos da Unifesp no trabalho com a população em situação de rua, visando à reflexão sobre inclusão e exclusão humana no espaço urbano. É desenvolvido em parceria com o Centro de Acolhida Portal do Futuro, localizado na região norte da cidade de São Paulo.

O Projeto fundamenta-se na abordagem pedagógica de Paulo Freire e na perspectiva analítica do pensamento social brasileiro. Ancora-se no princípio de que o ato de educar, acima de tudo, deve ser dialógico, entre sujeitos, e requer uma ação transformadora sobre a realidade posta. Neste contexto, entendemos que cabe à universidade não a tarefa de “adestramento”, treinamento, mas, sim, a dimensão participativa, na qual COM as pessoas em situação de rua e não apenas para elas, os universitários possam exercitar o ato libertário da educação como prática de transformação social. A educação vista dessa forma se torna uma ação criativa, portanto não pode ser padronizada, é a criatividade dos sujeitos que oferecerá condições para a transformação.

Objetiva:

- propiciar espaços para a convivência social e o desenvolvimento de ações de educação e comunicação em saúde;
- estimular o estudante da universidade pública a analisar criticamente o seu papel social como membro da sociedade brasileira pautada pela desigualdade social.

O projeto Periferia dos Sonhos atua com a comunidade, através da troca mútua de experiências, portanto a intenção do projeto não está em “fazer para” a comunidade, propondo atividades prontas, mas, sim, em construir o que nos impregna de sentido. As atividades decorrem da interação entre os membros do projeto e os albergados, contemplando nosso objetivo principal que é a convivência; esta dinâmica se dá através de jogos, sarau, conversas, roda com músicas e poesias.

Essa convivência se coloca e mantém a partir de um processo; nos primeiros encontros a relação estabelecida é distante e, em alguns momentos, superficial. Essa relação se modifica quando a interação





com a população em situação de rua ultrapassa o vale que nos diferencia. O encontro de estudantes e albergados desnuda as aparentes diferenças e estreitas relações, permitindo também o desenvolvimento de ações de educação e comunicação em saúde. Para a universidade essa experiência agrega valor à formação do profissional da área da Saúde e amplia possibilidades de realização de pesquisas sobre a temática, permite o acesso dos acadêmicos a lugares não previstos na grade curricular tradicional. Para os trabalhadores do equipamento social abre-se a oportunidade de inserção em grupos de estudo e pesquisa, assim como a construção de redes sociais com outros profissionais das áreas da Saúde e da Assistência Social. Para os usuários do centro de acolhida as atividades desenvolvidas pelo Periferia dos Sonhos constroem relações no mundo dos afetos que possibilitam diálogos entre pessoas. Dessa maneira, entendemos que esse projeto de extensão cumpre o seu papel de, a partir da troca de experiências com pessoas semelhantes e em realidade distinta, permitir que os extensionistas reflitam sobre as questões relacionadas às desigualdades sociais no espaço urbano.

Natureza acadêmica

O Projeto Periferia dos Sonhos prevê a indissociabilidade entre as ações de extensão, ensino e pesquisa, na perspectiva interdisciplinar apesar da dificuldade da operacionalização do ensino em decorrência da não flexibilização e curricularização no ensino da graduação.

O eixo estruturante do Projeto é a cogestão entre os estudantes, docente e profissionais que atuam nos equipamentos sociais onde suas atividades são desenvolvidas, implicando no contínuo exercício do diálogo. Tal práxis tem contribuído para a formação crítica (técnica, científica e política) dos participantes e, sobretudo ensinado a “arte da negociação”. Vale mencionar que a participação é aberta aos estudantes de todos os campi da Unifesp.

No que tange à pesquisa, o Projeto está vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Saúde, Políticas Públicas e Sociais – credenciado no CNPq e reconhecido institucionalmente pela Unifesp. Esse Núcleo agrega estudantes de graduação e pós-graduação, profissionais das áreas da Saúde, Humanas e Sociais e membros de movimentos sociais, uma das linhas de investigação destina-se ao estudo da população em situação de rua.





O Periferia dos Sonhos prevê, na sua essência, não apenas a ação extensionista focalizada, caracterizada pela prestação de serviços e/ou realização de oficinas e grupos educativos, mas valoriza a produção e disseminação do conhecimento, como complementos dialógico e dialético na formação acadêmica.

Sempre na perspectiva da indissociabilidade entre as atividades de extensão, ensino e pesquisa, destacamos o desenvolvimento, além das atividades oriundas à dinâmica do Projeto, de trabalhos de iniciação científica, dissertações de mestrado, tese de doutorado e a edição do livro *Enfermagem e Saúde: olhares sobre a situação de rua*¹. Merece destaque, também, a participação dos estudantes em diferentes eventos científicos e/ou de extensão universitária. Seu trabalho foi premiado em primeiro lugar na área de Direitos Humanos e Justiça no II Congresso Paulista de Extensão Universitária, São Paulo, 2012².

A dinâmica de funcionamento do Projeto prevê reuniões semanais e uma atividade de campo mensal no Portal do Futuro, equipamento social destinado ao trabalho com adultos e idosos em situação de rua na cidade de São Paulo. As atividades nesse centro de acolhida ocorrem no período noturno e/ou em datas comemorativas tradicionais. Nas demais terças-feiras os participantes do Projeto reúnem-se nas dependências da Unifesp para estudar temas relacionados à vida na e da rua, bem como para planejar e avaliar as atividades desenvolvidas no equipamento.

No início de cada ano, o Periferia dos Sonhos é apresentado para os ingressantes nos cursos de graduação da Unifesp. Procuramos, com isso, sensibilizar futuros integrantes para o Projeto. Nesse processo, conversamos sobre a importância do graduando se envolver com a extensão universitária, sobretudo se comprometer socialmente, afinal, a Unifesp é uma universidade pública, não é gratuita. A extensão pode ser uma boa forma de estimular a formação de profissionais críticos e reflexivos sobre o seu papel na sociedade brasileira.

¹ ROSA, A.S.; BRÊTAS, A.C.P. *Enfermagem e saúde: olhares sobre a situação de rua*. Curitiba: CRV, 2013

² SANTOS, M.T. et al. Sentimentos e percepções que as ações extensionistas do projeto Periferia dos Sonhos acarretam em seus integrantes. *Rev. Ciênc. Ext.*, v. 8, n. 3, p. 233, 2012.





Referências

BUARQUE, C. Olhar a (da) rua. In: BURSZTYN, M. (Org.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. Rio de Janeiro: Garamonde, 2003, p. 7-10.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS (FIPE). *Censo da população em situação de rua na cidade de São Paulo, 2009*. São Paulo (SP): FIPE, 2010.

ROSA, A.S. *O sentido de vida para pessoas em situação de rua*. Dissertação (Mestrado) – Unifesp, São Paulo, 2008.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social; Núcleo de Pesquisas em Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. *Principais resultados do Censo da população em situação de rua na municipalidade de São Paulo*, 2011.





Projeto A Cor da Rua

*Carmen Lúcia Albuquerque de Santana
Eduardo Sodré de Souza*

A presença de pessoas vivendo nas ruas, não apenas sem-teto, mas sem-horizontes –, é uma situação para qual não há ainda uma resposta efetiva. Em situações de sofrimento intenso, falar muitas vezes não ajuda. Metáforas e imagens são necessárias para descrever trabalhos psíquicos complexos e sutis, ou para conceituar a própria experiência humana em situações impossíveis para o verbo.

Oferecer morada não é apenas oferecer pernoite, mas, sim, raízes, identidade, senso de pertencimento, um ambiente de bem-estar. Problemas sociais complexos exigem ações intersetoriais, diálogo e participação ativa das pessoas envolvidas. Promovendo o diálogo entre a universidade e a comunidade, o Projeto A Cor da Rua ensina-nos o potencial terapêutico do encontro, a diferença que faz a presença do outro em situações em que nada mais parece fazer diferença. A prática na rua exige também aliar humanidade ao conhecimento. Essa experiência nos surpreende, cada dia uma novidade, uma situação que nos tira da “zona de conforto” do conhecimento técnico e nos instiga a pensar sobre política, cultura e todos os pontos que fazem o cuidado ir muito além do tratamento.

Trabalhamos em um espaço de convívio onde alunos e professores têm a oportunidade de ver e aprender a apreciar múltiplas cores, valores e tons de vida que existem fora dos muros da universidade. O cuidado necessariamente ganha um sentido mais amplo. O trabalho ganha outros tons, outras cores. Aqui a pesquisa tem o seu maior valor: ela possibilita que o processo criativo aconteça em um ambiente de desgaste e sofrimento psicológico: o atendimento a refugiados e a pessoas em situação de rua. O trabalho com essa população, se imbuído de sentido e criatividade, reflete a beleza das múltiplas cores da rua.





Um pouco sobre a história do Projeto A Cor da Rua

O Projeto A Cor da Rua é estruturado na formação de profissionais da rede pública, na participação da comunidade usuária dos serviços e na produção de conhecimento. A partir de ações de aprendizagem participativa que integram saúde, assistência social e participação popular, o projeto promove encontros e convivências para desenvolver novas formas de cuidado para a pessoa em situação de vulnerabilidade social. A Educação Popular é um recurso importante utilizado pelo projeto para a promoção do diálogo e leitura crítica da realidade. As ações e propostas do Projeto A Cor da Rua compartilham e valorizam diferentes saberes e expertises; pretendem atuar na garantia e luta dos/pelos direitos humanos e resgate da autonomia e dignidade dos grupos vulneráveis.

A escolha do nome do projeto é uma homenagem a um dos programas desenvolvidos pela Organização de Auxílio Fraterno (OAF): o programa Casa Cor da Rua, que trabalha com população adulta em situação de rua e jovem em risco social. A casa cor da rua é “um espaço decorado com peças produzidas nas oficinas escola, tendo sempre como matéria prima o descarte urbano.” A “arte reciclagem” é utilizada pelo programa como “ferramenta de desenvolvimento e inclusão social. O ambiente da Cor da Rua convida os visitantes a um novo olhar sobre pessoas em situação vulnerável, divulgando produtos que são resultados de sua criatividade e capacidade produtiva” (ORGANIZAÇÃO DO AUXÍLIO FRATERNO, 2014).

Embora já existissem as experiências anteriores que deram origem ao Projeto, o início do formato atual do A Cor da Rua data de abril de 2010, quando a OAF convidou o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Saúde, Políticas Públicas e Sociais (NEPSPPS) da Unifesp para pensar sobre formas de integrar na prática as atividades desenvolvidas pelas áreas da Assistência Social e da Saúde no cotidiano do trabalho com pessoas em situação de rua. Cientes de que essa demanda envolveria um grupo maior de atores e atrizes sociais comprometidos com o trabalho na rua, esse grupo convidou outras instituições constituindo uma rede para o desenvolvimento desse trabalho: Associação Saúde da Família (ASF), Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto, É de Lei, NEPSPPS, OAF e a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

No início, as discussões pautaram-se na experiência dos participantes, contudo, no segundo semestre de 2010 o grupo canalizou





esforços para a efetivação da Oficina Construção da Rede de Apoio à População em Situação de Rua. A preparação dessa Oficina mobilizou o grupo à escuta atenta de diferentes atores e atrizes sociais que utilizam ou trabalham em equipamentos destinados a assistência e cuidado à saúde para a população em situação de rua na cidade de São Paulo. Esse trabalho demandou a realização de grupos focais, com os agentes comunitários de saúde, agentes sociais e educadores sociais; com os técnicos: assistentes sociais, enfermeiros, médicos, psicólogos; com os gerentes dos equipamentos sociais e de saúde e com pessoas em situação de rua atendidas nestes equipamentos.

Esse processo de diagnóstico das necessidades do território nos permitiu ouvir um total de 100 pessoas em situação de rua, 30 agentes comunitários (saúde e assistência), 30 técnicos (médicos, enfermeiros e assistentes sociais) e 10 gestores de equipamentos da área da saúde e da assistência social.

A transcrição e sistematização das narrativas obtidas nos grupos focais possibilitaram a construção de sete eixos temáticos, os quais foram trabalhados na oficina: preconceito, violência, saúde mental, abuso e dependência de álcool e outras drogas, crianças e adolescentes, populações vulneráveis (idosos, travestis) e capacitação e apoio para os trabalhadores das redes básicas de Saúde e Assistência Social.

Os trabalhos na Oficina permitiram: a valorização profissional; a compreensão do trabalho do outro, reconhecendo os limites e potencialidades de cada serviço; a oportunidade de integração do trabalho – criar redes; a ampliação de contatos entre as áreas/serviços da Saúde e da Assistência Social; o reconhecimento da necessidade de trabalhar a temática nos locais de trabalho, integrando diferentes equipes, serviços e áreas, e a compreensão de que esta discussão precisa estar também dentro da universidade, sobretudo para formação de profissionais preparados para trabalhar com esse segmento populacional.

Terapia pela arte: uma abordagem comunitária para a população em situação de rua

A Terapia pela Arte desenvolvida na Tenda do Parque Dom Pedro,¹ durante o ano de 2010, foi uma das experiências anteriores que

¹ A Tenda do Parque Dom Pedro é um espaço aberto de convivência para pessoas em situação de rua que fica a 200 metros da Unidade Básica de Saúde da Sé. Aproximadamente 750 pessoas passam todos os dias pelo espaço.





originaram o atual Projeto. Foi uma estratégia bem-sucedida de cuidado integral às pessoas em situação de rua, nas esferas preventiva, terapêutica e cultural.

Com o intuito de implementar uma estratégia para ampliar o acesso à Atenção Básica e ao cuidado em saúde mental para a população em situação de rua; motivar os usuários da Tenda para o tratamento de transtornos mentais e dependência química; oferecer à população em situação de rua uma abordagem terapêutica complementar ao tratamento psiquiátrico medicamentoso e, ainda, criar uma intervenção compartilhada da Equipe da Saúde da Família (ESF) (enfermeira e agentes comunitários de saúde) com o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) (psiquiatra arteterapeuta, terapeuta ocupacional, fisio-terapeuta e assistente social), foi organizado um Ateliê de arteterapia.

As sessões abertas, com duração média de uma hora e meia, contaram com a parceria das equipes de ESF e NASF. Cada sessão trabalhou, através de técnicas expressivas, mecanismos para lidar com as adversidades, estrutura e organização pessoal, habilidades de comunicação, cognição social e resolução de problemas.

Na ocasião, também foram realizadas entrevistas diagnósticas (psiquiátrica e social) e motivacionais. Além disso, foram realizados encaminhamentos e acompanhamentos dos usuários para início de tratamento na rede de saúde: Unidade Básica de Saúde (UBS) e Centro de Atenção Psicossocial para usuários de Álcool e Drogas (CAPS-AD).

A ideia do Ateliê Terapêutico, como instrumento de intervenção psicológica para a população em situação de rua no centro de São Paulo surgiu a partir de entrevistas realizadas nos meses de fevereiro e março de 2010 com grupos de usuários e trabalhadores da tenda. Estes apontaram a necessidade de apoio psiquiátrico e psicológico à população em situação de rua. Entretanto, referiam ser muito difícil que essas pessoas conseguissem aderir a qualquer tipo de intervenção, especialmente às abordagens não farmacológicas.

Objetivos e ações desenvolvidas pelo Projeto A Cor da Rua

No Projeto A Cor da Rua trabalhamos atualmente com dois grupos vulneráveis: a população em situação de rua e os refugiados. São objetivos do Projeto:





- desenvolver projetos de educação popular, visando maximizar a habilidade dos participantes e a sua confiança para desenvolver ações, atitudes e práticas coletivas que promovam os direitos humanos, sobretudo em relação às pessoas em situação de rua, imigrantes e refugiados;
- participar e desenvolver pesquisas com e para pessoas em situação de vulnerabilidade social, no campo de interesse interdisciplinar;
- desenvolver estratégias que garantam o acesso da população em situação de vulnerabilidade social à rede pública de Saúde;
- qualificar o cuidado e integrar a rede de saúde e assistência social para população em situação de vulnerabilidade social;
- contribuir com a formação de graduandos, pós-graduandos da Unifesp integrando a teoria à prática, por meio da vivência extensionista.

As ações do Projeto A Cor da Rua acontecem no centro da cidade de São Paulo, região que congrega grupos, dentre eles grupos em situação de vulnerabilidade social: moradores de habitações inadequadas (cortiço, favelas, ocupações e conjuntos habitacionais deteriorados), profissionais do sexo, refugiados, imigrantes em situação ilegal, e população em situação de rua. Este grupo é uma demanda crescente de atenção psicossocial (SILVEIRA et al, 2009).

Formação para profissionais da rede pública

O trabalho com os profissionais da rede pública teve como ponto de partida os estudos exploratórios realizados no período de novembro de 2009 a dezembro de 2010 dentro do Programa de Saúde Mental da Unidade Básica de Saúde da Sé (SANTANA; GARCIA, 2011). Estes estudos possibilitaram realizar um diagnóstico das necessidades desta população a partir de entrevistas em profundidade e de grupos focais realizados com usuários da Tenda do Parque Dom Pedro e com trabalhadores da área da saúde.

Com base nesse diagnóstico territorial, no planejamento participativo (envolvendo usuários, trabalhadores da saúde e da assistência social) e no cuidado colaborativo (CANADIAN MEDICAL ASSOCIATION, 2007), desenvolvemos uma intervenção de Terapia pela





Arte (descrita anteriormente). Os resultados alcançados permitiram-nos verificar as potencialidades das ações que utilizam instrumentos da cultura no cuidado às pessoas em situação de rua e a exequibilidade destas técnicas em nosso contexto.

Em 2011, considerando a necessidade de capacitar os trabalhadores da assistência em saúde mental, elencada como uma das prioridades pela “Oficina Construção da Rede de Apoio à População em Situação de Rua” (descrita anteriormente), através da parceria NEPSPPS/OAF, iniciamos a capacitação em saúde mental para os trabalhadores da Associação Minha Rua Minha Casa (AMRMC) e Projeto de Moradia Provisória, ambos os projetos vinculados à OAF. O contato assíduo com a AMRMC, nesse período, reforçou a necessidade de maior integração saúde e assistência social. Identificamos, nesse processo diagnóstico das necessidades do território, a carência da capacitação em saúde mental para os profissionais da assistência social. Por isso, realizamos, durante o ano de 2011, uma ação de Capacitação em Saúde Mental para os trabalhadores da OAF. O curso desenvolveu-se em encontros mensais para educadores, zeladores e coordenadores da OAF.

Nesse período, constatamos a alta prevalência de portadores de transtornos mentais severos e/ou dependência química, sem acesso a tratamento, nos diversos projetos da OAF. Constatamos, também, um conjunto de ações que a OAF não tem realizado no processo de reabilitação psicossocial desses usuários, sem apoio adequado dos equipamentos de saúde, especialmente de saúde mental.

A partir dessa experiência, foi levantada a necessidade de uma formação básica em Primeiros Socorros para os educadores sociais da AMRMC, que não sabiam lidar com algumas situações já vivenciadas. Realizou-se, então, em setembro de 2013, uma formação teórica e prática, com duração de cinco horas, sobre as principais situações que os educadores elencaram previamente: convulsões, corpo estranho nos olhos ou boca e garganta (engasgo), contenção do usuário em agitação psicomotora, intoxicações e envenenamento, fraturas, hemorragias, choque elétrico, queimaduras e parada cardíaca e respiratória.

Tendo em vista a situação atual, em 2014 desenvolveremos outro curso de capacitação em saúde mental, desta vez envolvendo trabalhadores da saúde, da assistência social e usuários dos serviços.





Arteterapia comunitária

As atividades de arteterapia comunitária tiveram início em 2012, na Baixada do Glicério, região central da cidade de São Paulo por meio da parceria entre a OAF e o NEPSPPS/Unifesp.

A implantação das atividades de arteterapia comunitária foi concebida a partir da experiência da construção da rede de apoio à população em situação de rua e também da experiência Terapia pela Arte.

O Curso de Arteterapia Comunitária, oferecido neste período, objetivou qualificar profissionais da rede pública da saúde e da assistência social para utilizar técnicas expressivas na abordagem a populações em situação de alta vulnerabilidade social. Estruturado em módulo teórico (introdução aos fundamentos da arteterapia e temas específicos das técnicas expressivas aplicadas a intervenções psicossociais na comunidade) e prático com ateliê na comunidade e supervisão didática de cada atendimento. As aulas e os atendimentos foram semanais, com a duração de 17 semanas.

Nesse curso experimental, trabalhamos com 12 profissionais da rede pública atuantes nas áreas da saúde e da assistência social à população em situação de rua: UBS Sé, CAPS-AD, NASF Sé e República, Complexo Prates e AMRMC. Foram oferecidas 12 vagas, sendo seis para trabalhadores da rede de Saúde e seis para trabalhadores da rede de Assistência Social. Esse curso experimental, que não teve nenhuma desistência dos participantes, reforçou o valor positivo da ação e apontou a capacitação conjunta como estratégia eficiente de integração dos serviços de saúde e assistência social na rede pública.

Atualmente, participantes do curso desenvolvem intervenções de arteterapia comunitária em seu local de atuação. O Projeto A Cor da Rua promove encontros mensais para compartilharmos e discutirmos o andamento dessas atividades, com o objetivo de ampliar e aprofundar a compreensão das experiências.

Travestis em situação de rua

O trabalho atualmente desenvolvido com as travestis em situação de rua iniciou-se em 2008, com as travestis que frequentavam a AMRMC. Na ocasião, como equipe de ESF propusemos, depois de várias tentativas de aproximação dessas pessoas com o serviço, um





encontro que ficou conhecido como “Café com Saúde”, nome dado pelas próprias travestis em situação de rua cadastradas pela equipe.

Esses encontros quinzenais das travestis com diferentes profissionais da UBS Sé tinha o apoio de uma padaria da área de abrangência que se sensibilizou com a situação após apresentação do projeto pelos agentes comunitários. Os objetivos dos grupos eram: identificar e discutir as questões de saúde dessas pessoas e promover maior aproximação com os serviços de saúde e de assistência social.

Essa proposta, que utilizou a metodologia participativa e de educação popular, possibilitou para todos os envolvidos conhecimentos importantes, principalmente em relação à organização do serviço para atendimento desse grupo. Os encontros tiveram duração de quatro meses e foram encerrados em função de mudanças nos componentes da ESF responsáveis pelo território.

Durante o curso de arteterapia, realizado em 2011 na AMRMC, foram reencontradas algumas travestis; juntos decidimos retomar o grupo, nos moldes do “Café com Saúde”. Aconteceram oito encontros entre dezembro de 2012 a janeiro de 2013 e pudemos identificar algumas necessidades e fragilidades que podem contribuir para melhoria dos serviços e para “saídas” da situação de precariedade em relação à saúde e à assistência social. Dos problemas levantados, as participantes reivindicavam, prioritariamente, pelo reconhecimento e respeito por parte dos frequentadores da AMRMC, onde elas assumiam algumas funções (cozinha, recepção, biblioteca, limpeza e outras).

O grupo das travestis em situação de rua teve a ideia de organizar um desfile para promover reflexões a atitudes em prol das reivindicações. Esse evento, que aconteceu na AMRMC, localizada embaixo do viaduto do Glicério, contou com o apoio dos profissionais desta instituição e de pesquisadores da NEPSPPS.

Após os resultados do desfile, que teve impacto positivo, surgiu a necessidade de um diálogo com o poder público. Realizamos o “I Seminário A Cor da Rua”, que promoveu o debate sobre a abordagem psicossocial às travestis em situação de rua que convivem no centro de São Paulo. Foram realizados dois grupos focais para que o grupo das travestis em situação de rua pudesse se organizar para escolher a representante para o seminário, bem como outras reivindicações e abordagens. A construção da apresentação e organização da fala pela representante





do grupo foi feita em conjunto com todos os participantes dos encontros (escolha do slide, figuras, disposição das frases, tamanho da letra, etc.).

O seminário aconteceu na Unifesp e contou com a participação de duas travestis, sendo uma em situação de rua e a outra representante da Associação Brasileira de Transgêneros (ABRAT) e membro da Comissão de Combate à Homofobia da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB); um coordenador de um Centro de Acolhida que recebe travestis em situação de rua e dois representantes do poder público.

Realizamos, também, uma visita dialogada à exposição “Mem de Sá, 100” de autoria da fotógrafa Ana Carolina Fernandes que, com muita sensibilidade, retratou as condições de vida e de saúde de travestis do Rio de Janeiro. Na ocasião, participantes dos grupos puderam dialogar com a autora, que contribuiu muito para o debate e reflexões acerca de: condições de vida das travestis; autoestima; uso e dependência de substâncias psicoativas; acesso aos recursos culturais; entre outros. Atividades culturais e corporais também fazem parte do planejamento de ações a serem desenvolvidas.

Registramos, também, a elaboração de um dos capítulos deste livro em parceria com a representante do grupo das travestis que foi porta-voz do grupo no seminário.

Crianças refugiadas no Brasil

A presença de imigrantes na população e na utilização dos serviços de saúde é crescente em vários países. Embora a saúde seja considerada um direito humano fundamental, ainda não está definido o caminho para oferecer um cuidado à saúde efetivo e acessível aos imigrantes. Viabilizar esse direito fundamental em um contexto multicultural abrange intervenções complexas. Muitos países voltaram sua atenção para a saúde dos imigrantes, refugiados e minorias étnicas nas últimas décadas, diversos estudos abordam este desafio.

O Projeto A Cor da Rua trabalha, em parceria com o Departamento e Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPq-HC FMUSP), no programa de saúde mental para refugiados desde 2012. Atualmente, desenvolve pesquisa – ação junto ao Serviços de Acolhida para refugiados em São Paulo – com o foco na saúde mental e no processo de integração da criança refugiada no Brasil.





Referências

CANADIAN MEDICAL ASSOCIATION. Putting patients first ®: patient-centred collaborative care: a discussion paper. 2007. Disponível em: <<http://fhs.mcmaster.ca/surgery/documents/CollaborativeCareBackgrounderRevised.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2012.

ORGANIZAÇÃO DO AUXÍLIO FRATERNAL. Disponível em: <www.oafsp.org.br>. Acesso em: 28 jan. 2014.

SANTANA, C.L.A.; GARCIA, L.S.L. *Saúde mental e atenção básica*. In: MIGUEL, E.C.; GENTIL, V.; GATTAZ, W.F. (Org.). *Clínica psiquiátrica*. Barueri: Editora Manole, 2011, v. 1, p. 1840-1849.

SILVEIRA, C; CARNEIRO JR, N; MARSIGLIA, R. *Projeto inclusão social urbana: nós do centro*. Metodologia de pesquisa e de ação para inclusão social de grupos em situação de vulnerabilidade no centro da cidade de São Paulo. São Paulo: Fundação Arnaldo Vieira de Carvalho: Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, 2009.





Projeto Envelhecer com Arte

Sônia Maria Garcia Vigeta

Vários foram os motivos que contribuíram para a efetivação da formação do Projeto de Extensão Envelhecer com Arte, entre eles: o rápido processo de envelhecimento populacional brasileiro; as mudanças curriculares do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal de São Paulo; o desejo da enfermeira gerontóloga – atual coordenadora do Projeto – de ampliar possibilidades de práticas na área da Gerontologia e, principalmente, a demanda estudantil para desenvolver atividades extracurriculares com idosos.

No que tange ao processo de envelhecimento populacional, destaca-se que o século XXI é reconhecido como a Era do Envelhecimento. Dados apontam que a expectativa de vida do brasileiro está aumentando significativamente, passou a ser de 74,6 anos em 2012, cinco meses e 12 dias a mais em relação à estimada em 2011 que era de 74,1 anos (IBGE, 2013).

Nesse cenário, a tendência contemporânea é rever os estereótipos associados à fase da velhice, resignificar este momento em que o processo de perdas é mais intenso nas diferentes dimensões da vida biopsicossocial.

O envelhecimento populacional tem provocado a necessidade da criação e direcionamento de diversos serviços na sociedade para atender a população de idosos. O conhecimento acumulado na área de Geriatria e Gerontologia precisa ser difundido para que possa influenciar a prática dos profissionais que hoje atuam em diversos serviços e não tiveram em sua formação básica conteúdos relacionados à pessoa idosa.

O Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU), 2003), realizado em Madri no ano de 2002, sugeriu que houvesse mudanças das atitudes, das





políticas e das práticas em todos os níveis e em todos os setores, com a finalidade de se concretizar as enormes possibilidades que o envelhecimento cresceria no século XXI. Objetivou garantir que, em todas as partes do mundo, a população possa envelhecer com segurança e dignidade e que os idosos possam continuar participando, em suas respectivas sociedades, como cidadãos com plenos direitos. Basearam-se nas quatro dimensões propostas pelo Ano Internacional do Idoso, celebrado em 1999, que foram: desenvolvimento individual durante toda a vida; relações entre várias gerações; relação mútua entre envelhecimento da população e desenvolvimento; e a situação dos idosos.

Assim, como na Carta de Ottawa para a Promoção da Saúde (1986), foram enunciadas estratégias básicas para a promoção da saúde e do bem-estar durante toda a vida, que supõem estimular as pessoas a vigiar e melhorar sua própria saúde.

Na Conferência Internacional sobre a População e o Desenvolvimento (1994), foi estabelecido como objetivo aumentar os anos de vida com boa saúde, melhorando a qualidade de vida de todas as pessoas, reduzir as taxas de mortalidade e aumentar a expectativa de vida.

Esses objetivos propostos por essas organizações podem ser alcançados com maior eficácia por meio da aplicação das medidas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para melhorar a saúde pública e o acesso a uma assistência sanitária adequada. Assim, as atividades de promoção da saúde e o acesso universal de idosos aos serviços de saúde durante toda a vida são as bases do envelhecimento com saúde.

A perspectiva, que leva em conta uma vida inteira, supõe reconhecer que as atividades destinadas à promoção da saúde e à prevenção das doenças devem concentrar-se em manter a independência, prevenir e retardar o aparecimento de doenças, proporcionar assistência à saúde e propor intervenções de políticas públicas para melhorar o funcionamento e a qualidade de vida de idosos que já sofrem de incapacidades, desde ações no ambiente físico, econômico e social.

Nesse contexto, trago à discussão a necessidade de contribuir com a formação de profissionais da saúde para assistir idosos com competência técnica, científica e política. Nesse caso em especial, falo sobre a formação de enfermeiros generalistas no Curso de Graduação em Enfermagem da Unifesp.





Na grade curricular desse Curso, vigente até 2012, estava assegurada uma carga horária de 72 horas para desenvolver, de maneira teórico prática, a disciplina de Enfermagem Gerontológica. Mas a atividade prática que conseguíamos viabilizar para os graduandos era basicamente composta por visitas técnicas às Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), Centros de Convivência a Idosos, entre outros equipamentos sociais, pois o número de estudantes por série era desproporcional à quantidade de professores nesta área: 88 estudantes para três docentes.

Durante o desenvolvimento dessas visitas observávamos que alguns graduandos interagiam com os idosos, enquanto outros se isolavam, apresentando após a visita declarações de que se sentiam incomodados de estarem naqueles locais, principalmente nas ILPI.

Atualmente, a unidade curricular Enfermagem Gerontológica passou a acontecer com 36 horas no 2º ano da Graduação em Enfermagem, entendendo o envelhecer na perspectiva de ser um processo contínuo e que o graduando vai encontrar com os idosos em todo momento da sua formação, inclusive em Unidade de Neonatologia, considerando sua interação com os avós ou bisavós dos recém-nascidos.

Ciente da necessidade de assegurar experiências de cuidado gerontológico, portanto motivada para a ação, fui procurada por um grupo de graduandas de Enfermagem que haviam cursado a disciplina de Enfermagem Gerontológica e que desejavam criar um projeto de extensão extracurricular com a finalidade de trabalhar na prática com o conteúdo aprendido na Gerontologia. Enfim, aspiravam a uma maior aproximação com a pessoa idosa.

Aceitamos de pronto o desafio e optamos por inserir o Projeto em construção no Programa Com-Unidade, visto que algumas estudantes já participavam de outros projetos deste Programa e avaliavam que a metodologia utilizada era o que queriam para assegurar a autonomia dos estudantes na execução do Projeto.

O nome foi escolhido entre os participantes: Envelhecer com Arte, pois no entendimento do grupo envelhecer é a maneira como se desenvolve a vida que é a maior das Artes.

Nesse contexto, o grupo tinha interesse em estudar o envelhecer. Definiu-se, com o grupo, que desenvolveríamos o enfoque geronto-





lógico por meio de estudos e vivências com idosos na comunidade, buscando o conhecimento sobre o envelhecimento humano.

Utilizamos como referencial teórico os pressupostos de que “só existe conhecimento em sociedade”, encontramos no sociólogo Boaventura de Sousa Santos um norteador para os desafios contemporâneos em desvelar a nova geração de idosos, que vem colocar famílias, políticas públicas e sociedade em geral, diante de questões sobre as quais não estamos preparados (SANTOS, 2004).

Com relação à Gerontologia, priorizamos neste projeto o “envelhecer ativo” preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em que se desenvolve o pensar o processo de envelhecimento humano ao longo da vida, numa perspectiva preventiva e promotora da saúde, para manter a independência (realizar funções relativas à vida diária) e autonomia (capacidade de tomar decisões pessoais).

O termo “ativo” refere-se à continuidade da participação na vida social, cultural, espiritual, cívica e não apenas ser fisicamente apto para participar da força de trabalho. O envelhecimento ativo pode ser abordado como uma política de Direitos Humanos voltada para os idosos envolve independência, participação, dignidade e acesso a cuidados (WHO, 2014).

Os cenários onde desenvolvemos a prática são diversificados, compostos por salas de espera de ambulatórios, Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), centros de convivência, instituições de longa permanência para idosos, entre outros.

O Envelhecer com Arte tem como objetivos: propiciar para os estudantes vivências com idosos; contribuir com a formação gerontológica, valorizando experiências interdisciplinares; participar e promover eventos científico-culturais na área da Gerontologia.

Para alcançarmos os objetivos propostos, seguimos a proposta metodológica do Programa Com-Unidade para promover com o estudante a compreensão sobre a visibilidade da diversidade na velhice, a importância da intergeracionalidade e do protagonismo da pessoa idosa na formação de uma sociedade inclusiva.

Dentre as atividades já desenvolvidas, em 2013 ressaltamos a dramatização sobre o risco de quedas para a pessoa idosa, que ocorreu na Semana Mundial de Prevenção de Quedas e o uso da música na





sala de espera como ferramenta para um despertar à socialização, momento em que os estudantes tiveram a oportunidade de desenvolver, com uma musicoterapeuta, a Oficina de Musicoterapia para o Cuidar.

Nossas atividades acontecem quinzenalmente, no horário das 12h às 14h.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Expectativa de vida. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen>>. Acesso em: 9 dez. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. *Plano de ação internacional sobre o envelhecimento*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

SANTOS, B.S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 17.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. *Care and independence in older age*. Disponível em: <<http://www.who.int/hpr/ageing>>. Acesso em: 27 jan. 2014.





2º ATO

Miscelânea







Extensão: espaço de vivências

*Natalia Tenore Rocha
Anna Carolina Martins Silva
Ana Cristina Passarella Brêtas*

A extensão é um espaço de vivências que permite uma associação entre os saberes e parte de uma ação com intencionalidade sobre a realidade social, através das quais promoveremos uma relação mutuamente transformadora entre Sociedade e Universidade.

Em 2012, durante a reunião do Fórum de Pró-Reitores, houve a definição da extensão universitária como:

“A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.”
(FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX, 2012)

Ainda que a Universidade se organize a partir de um tripé que inclui atividades de ensino, pesquisa e extensão é nítido que as três nem sempre recebem o mesmo valor (a devida importância). Nessa desigualdade de espaços entre a extensão, a pesquisa e o ensino, vemos que a primeira pode estar mais vulnerável. A extensão não recebe os mesmos incentivos quando comparada à pesquisa, por exemplo; é medida majoritariamente por indicadores quantitativos de difícil aplicabilidade, já que vemos em seus resultados espaço para discussões e reflexões qualitativas, que permitam enxergar o processo de mudança, além da população atingida; utiliza os espaços e horários alternativos e isto significa que os extensionistas desenvolvem, quase sempre, atividades fora da grade curricular (em finais de semana, horários de almoço, depois das aulas).

Pensando neste último, mais palpável para nós, avaliamos que por mais que isso seja uma forma de se “adequar” aos horários de determi-





nadas comunidades, é um ponto que traz dificuldades diante das muitas cobranças e demandas da vida universitária. Esse fato, quando colocado como uma das poucas maneiras de efetivar as atividades extensionistas dentro da grade curricular, expõe o quanto o tripé e a indissociabilidade se garantem no discurso, mais do que em qualquer outro lugar. A extensão universitária, muitas vezes, é o pé do tripé que precisa de muletas!

Para nós, a extensão universitária ocorre a partir da co-gestão entre estudantes, docentes, técnicos, comunidade e serviços e isto implica no contínuo exercício de diálogo entre as pessoas. Além da prestação de serviços, buscamos a produção e a disseminação do conhecimento como complementos da formação. Aliado a essa reflexão, (re)pensamos o modo pelo qual a Universidade interage com a sociedade e como os saberes, culturas e demandas, que estão além dos seus muros, chegam para conversar com tudo aquilo que nasce nas aulas, teses, laboratórios, conferências...

Mesmo que existam modos e especificidades da construção do pensamento, muitas vezes há uma condução de conhecimento em um processo vertical, no qual partimos de alguém que seleciona como e o que vai transferir ao outro. No momento em que aquele detentor do conhecimento opta por ensinar (e não também aprender), nos certificamos do quanto é distante a relação e o quanto há passividade em uma das partes. O conhecimento só será útil aos sujeitos quando aplicado à realidade e para fazer isto é necessário que troquemos de posição e sejamos parte de um processo horizontal, em que todos que participam possam assumir papéis ativos diante da realidade social colocada. Esse modo de produzir e espalhar saberes permite considerar quem são, de onde vem e o que pensam as pessoas...

Percebemos então quanto o processo de educação deve possibilitar a rotatividade dos papéis que assumimos. Somos atores e atrizes sociais, além de espectadores. Há sempre quem pode ensinar e quem pode aprender e isto se repete em qualquer relação.

“Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’, até a “sede da ignorância” para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.” (FREIRE, 2006)





A defesa de Paulo Freire sobre uma educação exercida com liberdade, diálogo e que promova o encontro de pessoas e ideias, mostra-nos o quanto a educação e a extensão podem garantir espaços em que o conceito de educação popular seja usado por meio de metodologias, modos de aproximação e de construção de saberes. A Educação Popular empodera e incentiva a participação popular e é colocada como: “fenômeno é lastreado em uma teoria política direcionada aos anseios humanos de liberdade, de justiça, de igualdade e felicidade, além de estimuladora das transformações sociais necessárias.” (MELO NETO, 2009)

As nossas leituras de mundo precisam ser eficazes para que possamos compreendê-lo e, principalmente, criar ações coletivas, deste modo as experiências serão incorporadas como princípios, não dissociadas da nossa prática e discurso. O olhar crítico que dirigimos para a realidade social nos prepara para o encontro com o mundo e com o outro e o movimento no qual a educação está compreendida será mais rico quando conduzido neste terreno.

Referências

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICAS BRASILEIRAS - FORPROEX. *Política nacional de extensão universitária*. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2012.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação*. 13a ed. São Paulo: Paz e Terra. 2006.

MELO NETO, J. F. de. *Educação popular: sistema de teorias intercomunicantes*. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/producao_academica/pa_e_popular.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2014.





A importância do Saber Cuidar no processo de formação do graduando de enfermagem

Samuel Sueharu Oka

Introdução

Este trabalho¹ nasceu da observação crítica sobre o meu processo de formação, refletindo sobre os quase 20 anos de estudante, acumulando as informações transferidas pelos professores de modo passivo, com pouca reflexão sobre este processo.

Afinal! Aprendo para quê? Para quem? Por que?

Partindo dessas reflexões, cheguei à seguinte conclusão: – eu aprendo para ser uma pessoa melhor, capaz de enfrentar os problemas do meu dia a dia.

No curso de graduação estudamos os conteúdos necessários para a prática da Enfermagem, confiando que os professores nos forneçam o necessário para a profissão. E seguimos, na maior parte das vezes, aprendendo as matérias fornecidas sem muito esforço, apenas frequentando as aulas e estudando para a prova, acreditando que o problema e a solução irão aparecer nas aulas. Ao cortar o cordão umbilical com a escola e entrar no mercado de trabalho não contaremos mais com os professores a quem recorreremos durante a formação, acabando com a transferência cotidiana do conhecimento. Assim, ironicamente, passamos a buscar com as próprias pernas o conhecimento necessário para enfrentar os problemas do dia a dia, nos tornando agentes do saber apenas quando já estamos fora do ambiente de ensino. A universidade propicia-nos conhecimentos, raras vezes incita o pensamento.

Participei do Saber Cuidar durante toda a graduação, de 2009 a 2012. Aprendi muito nas reuniões e visitas à comunidade. Aprendi

¹ Trabalho de conclusão do curso apresentado à Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo, 2012, sob a orientação da Profª. Ana Cristina Passarella Brêtas. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo.





que mudar é possível e que posso fazer parte dessa transformação como ator e não apenas como espectador. Por meio de várias experiências no Projeto, colocando minhas posições sobre os assuntos discutidos nas reuniões ou organizando com o grupo as ações planejadas, colaborei para a criação de intervenções na comunidade e isto contribuiu com a minha formação cidadã. Através desse aprendizado, pude compreender melhor as pessoas e respeitar suas individualidades; conhecendo-me, conheci melhor o outro.

Mudei muito neste processo, e essas mudanças aconteceram de modo sutil, quase imperceptível. Quando consideradas em profundidade tornaram-se preciosas para mim.

Acreditando que a trans/forma/ção que o Saber Cuidar provocou em mim também pode ter exercido efeitos interessantes nos demais extensionistas, realizei como trabalho de conclusão do curso um estudo qualitativo para conhecer como o Projeto contribui com a formação do graduando de enfermagem.

Para realizá-lo, entrevistei cinco estudantes de Enfermagem da Unifesp, sorteados aleatoriamente entre os membros que participavam do Saber Cuidar, no mínimo, por seis meses ininterruptos. As entrevistas foram realizadas individualmente, gravadas, transcritas e categorizadas. Para garantir o anonimato solicitei aos entrevistados que escolhessem nomes de astros do Universo para que eu os identificasse no estudo. O graduando do 1º ano escolheu Cometa, os dois do 2º ano escolheram Júpiter e Ursa Maior, e dois do 3º ano, Lua e Estrela. Quanto ao sexo, três eram homens e duas mulheres.

As narrativas foram analisadas por meio da técnica da análise temática. Para este texto, em especial, utilizarei somente o tema “A gente trabalha junto com eles”.

A gente trabalha junto com eles

O extensionista sente a necessidade de seguir as suas opções e aprofundar o saber naquilo que ele acha importante. As suas escolhas o motivam. Ao contrário disso, o estudante preso à grade curricular acaba se desmotivando quando não enxerga o objetivo para aquilo que aprende. Em contraste à obrigatoriedade da grade, a essência do Projeto Saber Cuidar está na crença nos seus participantes, dando autonomia para o graduando realizar as atividades no seu tempo e de





forma livre, confiando na sua maturidade e responsabilidade de maneira suficiente para a realização de suas escolhas, permitindo a este ampliar sua visão de universidade.

“Acho que a gente está muito focada em só acreditar que a universidade é o tempo de aula ou a grade curricular. – Mas poxa! A gente está na U-NI-VER-SI-DA-DE e universidade vem do que? Vem do universo... Não existe uma coisa só, essa é minha ideia de universidade, é o que tenho que fazer com a minha formação, ser universal, não ser essa coisa tapada. E o projeto de extensão me ajuda muito nessa ideia de universidade.” (Ursa Maior)

“Não é só porque está escrito que tenho que fazer, que vai ser mais importante do que aquilo que eu posso fazer se eu quiser. Porque aquilo que a pessoa é obrigada a fazer – a pessoa faz, mas faz por obrigação, aprende, mas não tanto quanto aquela pessoa que faz porque quer, porque tem vontade ou porque faz sentido.” (Júpiter)

Observei nas entrevistas que o Projeto Saber Cuidar vem sendo visto pelos extensionistas como uma válvula de escape da graduação, no qual o graduando encontra momentos de respeito ao seu eu, aprimorando sua formação pessoal, conhecendo novas realidades e as pessoas que estão ao seu redor de forma livre de julgamentos e opressão por parte dos seus avaliadores na graduação.

“O projeto de extensão Saber Cuidar me ajudou muito não sei se saberia levar a graduação do mesmo jeito, sem ele.” (Júpiter)

“É essencial ter um espaço para o projeto de extensão, porque acrescenta muito na vida das pessoas e não só na profissão, às vezes é até mais importante a pessoa estar bem com ela mesmo do que ser inteligente, tirar dez e não se sentir bem e não ser feliz.” (Estrela)

“Não tem uma hierarquia e ninguém é submisso.” (Lua)

Pelas narrativas dos extensionistas, vi que Saber Cuidar permite a cada pessoa uma concepção diferente: para o extensionista não existe um Projeto e sim vários. Cada um tem seus motivos para estar ali: trocar experiências, conhecer pessoas novas, mudar o seu mundo e contribuir para melhorar o mundo dos outros, crescer como pessoa e como enfermeiro, trabalhar em união com o grupo, aprender a ser um profissional, fazer a promoção da saúde e a prevenção de agravos.

“Saber Cuidar é o que cada um sente. É estar sempre aberto a essa troca de experiência e tirar alguma coisa com isso.” (Júpiter)





“Acho que a gente busca encontrar novas situações, debater, conhecer o outro e todo mundo e crescer junto com as experiências... Acho que a união de conseguir trabalhar em um grupo, um desafio em alguns momentos. A gente aprende lidar com o outro e conhecer uma realidade diferente.” (Estrela)

“O Projeto do Saber Cuidar tem uma visão voltada para a comunidade, para fazer com as pessoas e não para elas. É justamente isso que quero seguir enquanto profissional, fazer com as pessoas a promoção da saúde e a prevenção de agravos. E o Saber Cuidar me ensina a ser enquanto estudante um profissional.” (Lua)

No Saber Cuidar a experiência é valorizada. O Projeto proporciona a integração entre o conhecimento popular e o conhecimento científico no processo de formação dos extensionistas, vislumbrando o impacto na futura atuação profissional.

“Eu acho que quanto menos a pessoa sai mais ela fica presa numa bolha, achando que o mundo é só aquilo. Desde que entrei no Saber Cuidar até agora, a minha cabeça já virou e mudou muito, porque cada pessoa que a gente conversa tem uma realidade diferente da sua, um pensamento diferente do seu e cada pensamento possui seu valor.” (Júpiter)

“O que eu gosto mais é dessa interação com as crianças, ver que elas estão buscando alguma coisa para si. Não que a gente está impondo nada, elas que vão atrás procurar. Na grade curricular falta muita coisa ainda, até por isso a gente procura os projetos de extensão, onde a gente consegue extramuros da faculdade conhecer um pouco mais da realidade da nossa sociedade.” (Cometa)

“A gente tem um convívio com a população do bairro, com a comunidade do Jardim São Savério, a gente tem o convívio com as crianças, faz atividades com elas, com a participação delas. Não para elas, com elas. A gente enxerga esse outro universo que também é campo da universidade. É proporcionar interação com outra população que talvez você não conseguisse ter contato dessa maneira que a gente tem em uma aula.” (Ursa Maior)

Existe uma grande importância em vivenciar a realidade, pois é a partir dela que se pode levantar o problema enfrentado e discutí-lo, e, se possível, intervir sobre a realidade em questão, considerando que a realidade não é estática, mas dinâmica, e por isso há necessidade de problematizar-se o futuro. (CAMACHO, 2001; FREIRE, 1996).





Apesar do impacto positivo que a extensão causa nos estudantes, os colegas entrevistados mencionaram que um dos entraves para a realização das atividades é o período que lhe é atribuído na universidade. É uma atividade extracurricular, o que faz com que o extensionista abdique do seu tempo livre para realizar a extensão. É pouco valorizada na graduação.

“Acho que o ponto negativo é a questão de sempre estar fazendo tudo depois de tudo. Sempre tem alguma coisa pra fazer antes ou uma coisa muito importante que eu tenho que fazer atropelando o Saber Cuidar. Eu poderia me dedicar um pouco mais. E também acho que tem uma questão de criminalização. É, criminalização! Não só da extensão, mas do extracurricular que não é tão valorizado.” (Júpiter)

“Por conta da graduação, do estágio, de muitas matérias e muitas coisas pra fazer nesse final de ano, eu não consegui participar tanto das reuniões como gostaria.” (Estrela)

“Há necessidade da universidade ter maior compromisso e um horário para extensão, para que nós não tenhamos que tirar uma hora do almoço.” (Lua)

O ensino, a pesquisa, a assistência e a extensão, apesar de pilares da universidade, não são abordadas de forma equânime. A extensão acaba sendo tratada de forma diferente das outras atividades, não sendo obrigatória na formação dos estudantes. Defendemos que a extensão é uma ferramenta indispensável para forçar a mudança do atual modelo de assistência. (LOYOLA; OLIVEIRA, 2005)

“Agora vem a famosa história do Paulo Freire, que não é que gente está fazendo para a comunidade e sim fazendo com ela porque quando a gente faz com a comunidade, ela se empodera dos direitos e de tudo o que ela tem. Quando a gente faz para a comunidade, eles não dão o valor necessário porque não tem sentido para eles, somente ganhar algo.” (Estrela)

O Projeto Saber Cuidar ancora-se nos pressupostos de Paulo Freire, respeitando o potencial da comunidade, realizando atividades com os membros da comunidade e não somente para eles, estimulando que as pessoas são capazes de se transformar, não são meras espectadoras das mudanças. Nessa situação, o conhecimento universitário sozinho não consegue resolver problemas em uma comunidade e insistir com essa ideia é adotar uma postura assistencialista e não cidadã. (FREIRE, 1979; FALCÃO, 2006)





Algumas considerações...

A extensão é uma atividade que produz o conhecimento a partir da interação com a comunidade, é construída por meio da experiência. O aprendiz e a comunidade ficam em constante troca de saberes, em que a população aprende e ensina com o educando. Essa troca acontece de modo diferente do processo tradicional, no qual o conhecimento se encontra na figura de um sábio e a este cabe a transmissão para o estudante. Essa prática, segundo Paulo Freire, é conhecida como ensino bancário, o conhecimento torna-se uma moeda, e esta é depositada do que tem mais para o que tem menos, professor e estudante. Assim, ignora o histórico do aprendiz, como se o interlocutor fosse alguém completamente ignorante e que não acredita em nada, além disso, torna o ensino algo alienante, não permitindo novos saberes. O não respeito à história do próximo torna o processo de aprendizado enfadonho e com grande chance de ser ineficaz. (SERRANO, 2008; FREIRE, 1979)

O projeto de extensão Saber Cuidar tem a pretensão de colaborar com a formação do enfermeiro, seguindo o pensamento de educação de Paulo Freire. A práxis trabalhada colabora com a leitura de mundo, compartilhamento de mundo e reconstrução de mundo. A leitura de mundo é entendida como conhecer as pessoas, o contexto delas, ampliando a visão a partir de uma visão crítica e reflexiva sobre o cotidiano. Compartilhar o mundo entende-se por discutir a leitura a partir do mundo lido. E reconstrução do mundo, com ações críticas, reflexivas e emancipatórias, baseada no mundo lido e compartilhado. (FREIRE, 1979; GADOTTI, 2000)

A construção do saber no Projeto possui a característica de ser o tempo todo dialogado, pois é considerado o meio como se transmite o conteúdo, colocando o aprendiz no processo, ou seja, a construção do saber acontece com o graduando e não para o graduando. Através das conversas e discussões, procuramos detectar problemas e assim tentar achar meios para intervir naquela situação, ancorados nos conhecimentos adquiridos por meio da leitura, compartilhamento e reconstrução do mundo, impregnando de significados o conteúdo adquirido na graduação.

O Saber Cuidar é um espaço onde o estudante possui voz ativa, pois a sua opinião tem o mesmo peso que a de um professor; espaço no qual o extensionista abre um canal para expor o seu eu. Apreciando o que está sendo apreendido por ele, valoriza-se enquanto ser político.





Apreendi com este trabalho que o Saber Cuidar conferiu sentidos à vida dos seus participantes. Para mim, em particular, apresentou uma realidade que eu desconhecia. Permitiu ampliar a minha perspectiva sobre o social, tocando e ouvindo as pessoas com suas queixas, sugestões, esperanças, elogios e os anseios no seu próprio ambiente. Os depoimentos que ouvi durante as ações extensionistas, as esperanças levantadas, os planos, os sorrisos dados, os pensamentos, os ensinamentos, os materiais produzidos, os textos lidos e outras ações realizadas... – tudo valeu a pena –, me impregnaram de sentido, afinal eu estava motivado não apenas por um diploma ou uma nota alta.

Referências

CAMACHO, A.C.L.F.; SANTO, F.H.E. Refletindo sobre o cuidar e o ensinar na enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, p. 13-17, janeiro 2001.

FALCÃO, E. *Vivência em comunidades: outra forma de ensino*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 7a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso em: abr. 2011.

LOYOLA, C.M.D.; OLIVEIRA, R.M.P. *A universidade 'extendida': estratégias de ensino e aprendizagem em enfermagem*. Esc. Anna Nery Rev. Enferm. [online]. v. 9, n. 3, p. 429-433, 2005.

SERRANO, R.S.M. *Conceito de extensão universitária: Um diálogo com Paulo Freire*. UFPB. [on-line] 2008. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_d_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: jun. 2011.





Educação ambiental com jovens participantes do Projeto Saber Cuidar

Edme Severino dos Santos

Discutir sobre a importância da educação ambiental é importante para a construção da consciência ecológica. Neste sentido, o projeto de extensão Saber Cuidar busca estimular a consciência coletiva sobre a sustentabilidade ambiental, proporcionando reflexões sobre este tema e, ao mesmo tempo, abre canais que favoreçam a criação de políticas direcionadas.

A multiplicação de problemas socioambientais tem contribuído para a emergência e difusão de uma consciência ecológica, bem como para o questionamento da atual forma de relacionamento entre sociedade e natureza, propondo, assim, a integração dos conhecimentos da economia, da ecologia, da sociologia e da biologia, no sentido de uma aproximação das ciências naturais e sociais. Esse despertar de uma nova consciência ecológica, entretanto, ainda não se refletiu em mudanças significativas nos rumos das políticas governamentais e dos estilos de vida individuais (LIMA, 1997).

Assim, a preocupação com a preservação do meio ambiente é, talvez, o principal foco de atenção do século XXI. Nela se inserem as alternativas capazes de garantir, para as futuras gerações, um ambiente propício que possibilite a continuidade da evolução humana.

Nesse sentido, em se tratando da valorização da natureza, o processo de construção que leva à definição de desenvolvimento sustentável pode ser interpretado por duas razões: a primeira é tentar entender os meios objetivos e subjetivos que fazem a sociedade repensar sobre a carência de efetividade do modelo de desenvolvimento experimentado nas últimas décadas. E a segunda, suprir a necessidade imediata de uma nova compreensão sobre a importância do meio ambiente de modo que o entendimento sobre a limitação dos recursos naturais possa alimentar o sentimento coletivo de preservação do ambiente (CAVALCANTI, 1994).





Por outro lado, a problemática ambiental urbana para Freire (1996) abre canais que nos possibilitam adentrar novos espaços para programar alternativas diversificadas de democracia efetivamente plural. Nos dias atuais, um dos maiores desafios para a consolidação desse equilíbrio é, sem dúvida, a criação de estrutura que assegure qualidade aceitável de educação e que torne as cidades social e ambientalmente sustentáveis, de modo que respeite o meio ambiente e evite a continuidade da degradação dos recursos naturais.

Em virtude das observações acima expostas, resolvemos estudar melhor a educação ambiental com jovens na periferia de São Paulo (SANTOS, BRÊTAS, 2013). Realizamos um estudo qualitativo em uma escola estadual da cidade de São Paulo, no período de 2010 a 2011. A escolha desse local se pauta no fato de ser o lugar onde as atividades do Projeto de Extensão Universitária Saber Cuidar são realizadas. Participaram da pesquisa doze estudantes de 11 e 12 anos de idade. A faixa etária dos participantes definida para esse estudo, segundo Hockenberry e Wilson (2011), está de acordo com o padrão de crescimento e desenvolvimento, bem como comporta as exigências e o grau de complexidade esperado para a participação na pesquisa.

Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética da Unifesp, apresentamos formalmente o projeto de pesquisa à Direção da Escola e pactuamos formas de apoio institucional para o desenvolvimento do trabalho de campo. Foi uma boa experiência, uma vez que, com essa contribuição, tivemos a oportunidade de transformar as ideias em realidade.

Acreditamos desse modo, que o legado da educação deve ser passado não apenas pelo professor lotado na escola e que cumpre um calendário anual de aulas, mas, sim, por todos aqueles que contribuem, por meio de práticas educativas e dialógicas, para a melhoria social. Durante o período das atividades, a coincidência de horários com a graduação obrigou-me a faltar em algumas atividades na universidade, colocando em xeque a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

Ao chegar à sala de aula, no primeiro dia do trabalho de campo, ao meio de muita conversa cuja sonoridade ensurdecia a qualquer bom ouvido, ouvi da professora: “Bem-vindo ao barulho, se você conseguir falar, fique a vontade”. Foi uma vivência capaz de “encher os olhos” de qualquer educador que acredita na educação a partir do





diálogo e da participação coletiva. Na condição de pesquisador e extensionista, deixei meu corpo ereto e esbocei um olhar observador. Postei-me por longos três minutos, sem absoluta expressão verbal. Como em cadeia, naquele desorganizado amontoado de carteiras espalhadas e de papéis voando no teto, percebi olhares desapontados e curiosos, cujo silêncio abriu alas para um coro de “Bom Dia”.

Ao apresentar-me para os estudantes e expor as minhas pretensões, a maioria mostrou-se interessada e se dispôs a participar da pesquisa. Escolhi os alunos que mais conversavam. Percebi que eles chamavam mais atenção da turma e, as ideias defendidas nessa pesquisa precisavam de jovens com este perfil. Assim, poderiam dar continuidade à semente plantada no humo da conscientização e regada nas águas da pluralidade.

A partir daquele momento, passei a me reunir com os 12 estudantes uma vez por semana. Cada membro foi nomeado monitor da sustentabilidade ambiental. As atividades teóricas foram realizadas no espaço concedido pela Escola, em horário fora do período de aula. Por outro lado, as atividades práticas foram realizadas na própria sala de aula, com autorização do professor.

Nas atividades teóricas conversávamos sobre a educação ambiental. Todos expressavam suas opiniões e, por vezes, dialogavam em grupo. Antes das discussões, cada monitor fazia um desenho esboçando sua visão sobre o conteúdo a ser explorado. No final dos diálogos, os desenhos eram expostos e explicados, bem como o porquê dos detalhes e o que foi aprendido.

No início, os desenhos expressavam certa preocupação com o “mundo”. Por exemplo, o desenho do planeta Terra com apenas uma árvore. Outro mostrava um urso polar faminto e vulnerável. À medida que conversávamos sobre o tema e nos enxergávamos capazes de promover mudanças, os desenhos mudaram de conformação.

Os problemas ambientais do bairro, como falta de saneamento básico, começaram a ser denunciados. O lixo depositado indevidamente na escola, também foi questionado. O “mundo”, como eles diziam, passou a nos pertencer. A charge do professor, impossibilitado de ministrar aula por falta de colaboração da turma, já não mais foi engraçada.

Nas atividades práticas, a opinião dos monitores, frente às problemáticas discutidas, era apresentada para a turma. O maior desafio,





talvez, foi conquistar a colaboração de todos os alunos para ouvir a apresentação dos coleguinhos. Apesar das dificuldades, no decorrer das apresentações, a maioria mostrou-se interessada e colaborativa. Nesse aspecto, a opção de escolher os estudantes “mais rebeldes” foi muito feliz, por serem “respeitados” pela turma fizeram a diferença no processo de transformação.

Do ponto de vista da consciência ecológica, a experiência de construir educação ambiental COM e não PARA os jovens, permitiu popularizar a pesquisa, favorecendo a identificação dos atores e atrizes sociais e dando base para a emancipação das propostas defendidas no trabalho de campo. O pesquisador “planta sementes” e espera que todas se desenvolvam. Paulo Freire coloca a conscientização como objeto e finalidade da educação: “Estou absolutamente convencido de que a educação, como prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade.” (FREIRE, 1980, p. 25).

Como exposto, a percepção de sensibilidade que adquirimos com o processo de conscientização sobre a sustentabilidade nos propicia a construção de um olhar diferenciado, capaz de direcionar o foco de ação do objeto estudado. Possibilita-nos, também, enxergar as interconexões do saber ecológico, por meio da persistência das nossas atitudes, da força das nossas ações e da capacidade ímpar que temos de relacionar os objetos de conhecimento.

Este estudo desnudou a importância da conscientização ambiental, no processo da “educação”, da tomada de consciência pelos jovens e da percepção do meio em que vivemos. Revelou-nos a necessidade de um olhar direcionado à construção de novas formas de interação, capaz de ver as problemáticas educacionais e sociais. E, diante delas, direcionar uma postura incisiva para potencializar a necessária mobilização social, por meio da transformação individual e coletiva.

Nesse contexto, este estudo possibilitou a compreensão dos significados e a importância da educação ambiental para jovens que participaram das atividades realizadas pelo Projeto Saber Cuidar, contribuiu com a formação de multiplicadores da educação ambiental, estimulou e qualificou a consciência ecológica e a responsabilidade planetária. Ao mesmo tempo, favoreceu o crescimento das ações que a equipe do Saber Cuidar, em parceria com o Movimento Popular de Saúde, desenvolve na região, possibilitando melhor intervenção no meio ambiente e evitando a ascensão de sua degradação.





A consciência ecológica, como se vê, não é um ato simples de ação presumível, mas é a consciência da consciência pensada que se desvincula dos “janelões” da ignorância e se aperfeiçoa no cotidiano social. No entanto, agir e interferir no meio, com o preâmbulo da consciência ecológica, pode ser resquício da falta de recursos para se viver dignamente, da injustiça social, da intolerância à presença humana, da exclusão social.

Enfim, a sustentabilidade ambiental e a consciência ecológica são assuntos de relevante importância para a sociedade nos dias de hoje e precisam ser discutidos, não apenas pela escola, mas por todas as instituições e indivíduos que se preocupam com a formação de uma sociedade mais consciente. Não mais é possível sermos alheios a uma problemática tão discutida e que, a cada dia, se torna tão necessária.

Referências

CAVALCANTI, C. (Org.). *Estudos para uma sociedade sustentável*. Recife: INPSO, FUNDAJ, 1994. 262 p. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/brasil/pesqui/cavalcanti.rtf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3a ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1980.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOCKENBERRY, M.J.; WILSON, D. *Wong: fundamentos de enfermagem pediátrica*. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

LIMA, G. F. C. *O debate da sustentabilidade na sociedade insustentável*. Revista Política e Trabalho, João Pessoa, v. 13, p. 201-222, set. 1997.

SANTOS, E. S.; BRÊTAS, A. C. P. *Ensinando e aprendendo educação ambiental com os jovens*. Rev. Ciênc. Ext., v. 9, n. 3, p. 82-93, 2013.





Em que parte da tese fica a experiência compartilhada?

Andréa Lúcia Torres Amorim Pellegrini

Um dia desses, em que você não sabe se tudo vai bem ou se está mesmo em uma catástrofe, fui apresentada por minha amiga de 15 anos com um poema: o hino da Escola da Ponte em Portugal.

Aprender a estudar

Estudar não é só ler nos livros que há nas escolas. É também aprender a ser livre e sem ideias tolas. Ler um livro é muito importante e, às vezes urgente, mas os livros não são o bastante para a gente ser gente. É preciso aprender a escrever, mas também a crescer, mas também a sonhar. É preciso aprender a viver, aprender a estudar.

Estar na Escola da Ponte é estudar. Estar contente consigo é estudar. Aprender com os outros, aprender contigo e ter um amigo também é estudar.

Estudar também é repartir, também é saber dar o que a gente souber dividir, para multiplicar. Estudar é escrever um ditado, sem ninguém nos ditar. E, se um erro nos for apontado, é sabê-lo emendar. É preciso, em vez de um tinteiro, ter uma cabeça que saiba pensar, pois, na escola da vida, primeiro, está saber estudar.

(Adaptado de um poema de José Carlos Ary dos Santos e de uma melodia de Fernando Tordo)

Acabo de chegar da Espanha¹, onde estive por um ano e um mês aprendendo com os movimentos sociais, na luta contra a privatização dos direitos (saúde, educação, água...).

No momento em que me debruço para escrever, coisa que habitualmente me dá muito prazer, sinto desta vez uma enorme frustração:

¹ Bolsa CAPES/ Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior.





não consigo traduzir em palavras tudo o que foi essa experiência. Mesmo quando conto histórias – que ao contar cubro de olhares, sorrisos, lágrimas e da melodia da língua brasileira falada –, o vivido me escapa. Mas sei que é assim, que a palavra não descreve o mundo, apenas ensaia. Mesmo nessa tentativa insana, de tentar compartilhar a vida através da semântica, vou buscando com o que temos (limitações) tocar meus companheiros e companheiras. Além disso, há outro aspecto desta questão: onde colocar na tese de doutorado a cor da experiência? Não sei onde coloco tudo aquilo que me proporcionou refletir sobre mim e o mundo. Não sei onde coloco tudo aquilo que me proporcionou amadurecer e verdadeiramente construir conhecimento sobre a realidade. E não sei onde coloco, simplesmente porque esse processo de construção de conhecimento é vivencial e não acadêmico. Não há um lugar preciso ou de destaque para ele na academia, e no entanto ele foi fundamental para meu processo de aprendizagem, inclusive para o processo de compreensão do meu objeto de estudo: a Universidade Popular e seu potencial transformador.

Em sua tese doutoral sobre universidades populares, a professora Julia Benzaquen² nos explica que Leopoldo Palacios Morini, ao publicar em 1908 o livro “Las universidades populares”, com estudos sobre as primeiras universidades populares europeias do séc. XIX, classifica-as em dois grupos: um nascido e desenvolvido independente e longe da formalidade das universidades e dos poderes formais, portanto genuinamente não formal, e outro que dispõe oficialmente dos professores e dos métodos universitários, que seria a extensão universitária (p. 8). Quando nos referimos às experiências de extensão, ligadas ao Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Saúde, Políticas Públicas e Sociais da Escola Paulista de Enfermagem, estamos falando de que universidade? Uma universidade que se propõe a ser realmente engajada pela luta de um saber universal, compartilhado? Esse tipo se aproximaria mais de propostas que emergem da própria necessidade de saber dos que estão fora das universidades, os excluídos do saber, ou da Universidade formal? Em que caixinha ele cabe? Talvez não esteja muito claro o que é universidade e a quem está destinada. Assim como não está muito claro a quem se destina o saber nela construído, ou por alguns momentos temos muitas dúvidas em relação a isto.

² BENZAQUEN, J. F. *Universidades dos Movimentos Sociais: apostas em saberes, práticas e sujeitos descoloniais*. Tese (Doutorado). Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011.





Talvez por esses motivos, quando tento descrever minha experiência, sou tomada por uma desconcertante sensação de vazio: onde colocar esse conteúdo tão importante?

Não sei em que parte da tese coloco como foi minha adaptação a uma cultura tão diferente da nossa, onde as pessoas que convivem com você podem simplesmente comer na sua frente, sem te oferecer comida e isto não é falta de educação.

Não sei em que parágrafo da tese coloco a descrição da noite inteira que estive a conversar com Didoné e ele tão generosamente me contou sobre sua viagem de Burkinafaso à França, no porão de um navio pesqueiro, com 140 pessoas, entre crianças, mulheres grávidas e velhos, quando eu ainda pensava que “Navio Negreiro” era uma memória de algo nefasto em uma história terrível.

Não sei em que capítulo da tese coloco o que Fatokoma me disse sobre as crianças de Mali, que ao não ter vagas nas escassas escolas francesas, são cooptadas por grupos religiosos radicais, e em troca de um prato de comida recebem uma arma e o ódio aos brancos.

Não sei em que linha da tese coloco sobre Latifa, a mulher que me abraçou quando eu estava chorando no Marrocos, com saudade da minha família, que me jogando água de cheiro e com lágrimas me contou sua história e me disse: “Uma mulher linda como você tem que estar feliz, não para chorar assim...” enquanto as outras mulheres cuidavam de mim e me acolhiam com os olhos, através da fresta da burka.

Não sei em que página da tese coloco a dor do nosso grupo, quando Esther e Lucia foram presas por defender de uma “enredada policial racista”, outro de nossos companheiros Africano, cidadão espanhol. Ou o meu aperto no coração, ao ver uma das mulheres mais fortes de nosso grupo chorar copiosamente, já no final da festa catártica que fizemos para comemorar quando foram libertadas.

Não sei em que trecho da tese coloco sobre os braços de Marisa ao alto, quando as mais de 400 pessoas do movimento *stop desahucios*, que estavam em frente a sua casa, conseguiram impedir pela segunda vez seu despejo, com força, gritos e indignação.

Não sei em que tópico da tese coloco o frio que fazia no dia em que fui a primeira vez em uma assembleia do 15M³, numa praça, no

³ Em 15 de maio de 2011, toma as ruas de Madrid o que seria um divisor de águas nos atuais movimentos sociais da Espanha, o movimento horizontal, assembleário e autogestionado 15M.





inverno madrileno e vi um grupo de velhos e jovens com toda energia e alegria de saber que “*si se puede*” fazer algo, discutindo sobre economia e o quanto é necessário compreender o economês, para se defender da financeirização do mundo...

Não sei em que lugar da tese coloco a emoção de ver a primeira Marea Blanca, em Cibeles, ou a tristeza de ver e ser varrida como lixo, com truculência, pela polícia, no dia em que sentamos em volta da assembleia de Madrid, no ato contra a privatização de 27 centros de saúde e 8 hospitais...

Mamadu me deu comida senegalesa na “Tabacalera”, que comprou com o dinheiro que conseguiu de mim mesma, em troca do amuleto que me ofereceu para curar meu ligamento rompido. Nesse dia, ele só pediu o que o meu coração pudesse dar, e me retribuiu com o que seu coração podia dar: sua amizade... Meu orientador me levou pelas ruas de Madrid e me ensinou o coração dos movimentos por justiça, dos Indignados... meus professores, muito deles gentes que não sei os nomes, não tem títulos universitários, e no entanto constroem conhecimento, que não sei se se vê em livros, mas que está vivo nas ruas de Madrid, nos Centros Sociais Okupados, nos parques... e que a polícia vem dissolver, quando está no seu mais belo fervor... Porque a polícia obedece a quem é dono da decisão do que pode e do que não pode se saber, do que pode e do que não pode ser estudado, do que pode e do que não pode colocar nas teses de doutorado...

Mas eu sou desobediente e indignada também, e junto com outros e outras tantas companheiras, colocamos em nosso currículo oculto, pelos corredores, pelos cantos, pelos muros da cidade, nossas histórias, mais livres, menos condicionadas, mais criativas... e em livros que falam da Universidade Popular, da extensão, de uma porta aberta, de onde se possa criar fissuras nesse sistema perverso, e reinventar a comunidade!!!





Processos globais, contextos locais: extensão comunitária, territórios em transformação e formação em saúde

*Andrea Canini
Emma Cavalleri
Antonio Donato
Alessandro Guzzetta
Brigida Lilia Marta
Ardigò Martino
Martina Riccio
Leonardo Tonelli*

O Contexto

No cenário atual, caracterizado por uma estreita interconexão entre processos globais e comunidades locais, entre dinâmica macropolítica e micropolítica cotidiana de sujeitos, serviços e instituições, torna-se fundamental formar profissionais de saúde capazes de atuar em campos de práticas complexos, para promover saúde e cuidado através da articulação em rede e da implementação de modelos tecno-assistenciais inovativos (LABONTE; MOHINDRA; SCHRECKER, 2011; KAWACHI; WAMALA, 2007; BAUM, 2001).

De modo particular, no contexto italiano de crise econômica, no qual o aumento da vulnerabilidade social e da desigualdade econômica e o agravamento das necessidades de saúde caminham junto com a racionalização dos recursos em nível organizativo, é muito importante que os jovens profissionais possam reorientar as suas práticas num sentido ético e equitativo, mediante a aquisição de novos instrumentos para analisar e operar em situações críticas, e ao mesmo tempo formar um olhar “vivo” (ROLNIK, 2006), a fim de entrar em relação com diferentes subjetividades e coconstruir percursos de cura negociados e partilhados (WHO, 2008; MERHY; ONOCKO, 1997; MERHY, 1997; GEBBIE; ROSENSTOCK; HERNANDEZ, 2003). Isto é ainda mais necessário neste momento de transformações no sistema de saúde, em que se observa o fechamento de hospitais menores e periféricos e a implementação das “Casas da Saúde”, que são serviços territoriais com base nos princípios da Atenção Primária à





Saúde, organizados com equipes multidisciplinar sob a lógica da integralidade (EMILIA-ROMAGNA, 2014).

A instituição das Casas de Saúde ocorreu por decreto do Ministério da Saúde, em 2006, e foi fortalecida em 2010 por normativas regionais, sendo que estes eventos representam a mais importante tentativa de potencializar a atenção primária italiana desde o nascimento do *Servizio Sanitario Nazionale*, em 1978.

Apesar das recentes transformações e da necessidade urgente de reestruturar as práticas de trabalho, a aproximação dos estudantes de saúde italianos à realidade cotidiana dos cuidados territoriais e dos contextos de vida das pessoas continua a ser um desafio. Ao contrário do que acontece no Brasil, tomando como exemplo a Faculdade de Medicina, o estágio em medicina geral é limitado a duas semanas durante o sexto ano do curso, ou seja, no momento em que o estudante, de modo geral, já escolheu qual carreira seguir; este estágio, cuja brevidade não permite sequer um conhecimento superficial da organização dos serviços no território, é caracterizado por uma orientação clínica e biomédica, com pouca análise prática de conceitos-chave da atenção básica, conforme definido pela Declaração de Alma-Ata, tais como o conceito de educação, prevenção e participação da comunidade. A única diferença entre o estágio na comunidade e aquele tradicional no hospital é o *setting*. Ao mesmo tempo, o currículo ainda está fortemente orientado para noções de medicina interna, que muitas vezes são de aplicabilidade pobre em ambientes não hospitalares.

De modo que se cria uma situação paradoxal: de um lado o contínuo fechamento dos hospitais e a redução de bolsas de estudo para especializações médicas (uma recente proposta de lei pediu a redução em 50% no número de bolsas); de outro lado, a produção contínua de um conhecimento bioeducacionista, hospitalocêntrico e tecnicista, desinteressado pelas dinâmicas políticas e sociais, com escassa operacionalidade no nível territorial.

Com a finalidade de descrever a experiência realizada em Bolonha, também é importante lembrar que na Itália, assim como no resto da Europa, os pilares que compõem a missão da universidade são estruturados, exclusivamente, pelas atividades de ensino e pesquisa, e não também pela extensão comunitária. A distância da realidade territorial é, portanto, um processo cultural que tem se acumulado de forma gradual, levando de fato muitos estudantes de saúde a considerar





que o único modelo de atenção que pode ser aprendido é aquele ensinado nos setores especializados de hospitais. Nesse sentido, é provável que a tentativa de redefinir os cuidados primários através da abertura das Casas de Saúde seja frustrada se não for acompanhada de uma redefinição simultânea dos processos de ensino e de formação que compõem a cultura médica-sanitária e das demais profissões da saúde. Precisamente, por esta razão, a universidade está se perguntando sobre a possibilidade de reestruturar o currículo das profissões de saúde, introduzindo novos conteúdos, métodos e novos cenários de práticas.

Nesse sentido, tal como a literatura e as experiências internacionais demonstram, o papel crucial que a universidade desempenha é o de aproximar os estudantes de saúde dos itinerários biográficos e terapêuticos das pessoas, do trabalho dos operadores, dos serviços territoriais e da comunidade, promovendo a sua inserção desde o início da graduação ao cotidiano da produção do cuidar (REISER, 2009; SANTOS, 2004; FERLA, 2007; MERHY; FRANCO, 2003; CECCIM; FEUERWERKER, 2004). Do mesmo modo, pensamos que criar pontes entre o local e o global, incentivando a troca, o contato direto e confronto com práticas de diferentes contextos é recurso potente para a formação dos futuros profissionais de saúde (FRENK et al., 2010; SAVITT, 2006), de modo que incentivar a produção de redes globais é fundamental para contribuir com a problematização da realidade e para a construção de novas práticas.

Com o intuito de contribuir no debate sobre os assuntos que enunciamos acima, apresentamos neste artigo uma proposta de extensão universitária no cenário da saúde, com a finalidade de mostrar, na prática os desafios de se produzir um contexto formativo implicado com a realidade cotidiana. Desse modo, este artigo objetiva descrever as etapas iniciais do processo de construção do Programa de Extensão Comunitária junto com o Condomínio Bel(le)trame. A ideia é apresentar o contexto de elaboração do programa, os projetos que vem sendo executados, bem como a metodologia que guia cada um deles, além de alguma análise crítica sobre os mesmos.

O Programa “Extensão Comunitária no Distrito Geo-educativo Cirenaica”

Partindo dessa perspectiva, o Centro de Estudos e Pesquisas em Saúde Internacional e Intercultural (CSI) do Departamento de Ciências





Médicas e Cirúrgicas da Universidade de Bolonha (UNIBO) iniciou, no âmbito da Faculdade de Medicina, o primeiro Programa Interdisciplinar de Extensão Comunitária no Distrito Geo-Educacional Cirenai-ca, a partir da aproximação dos alunos de graduação e pós-graduação de vários cursos da universidade (Medicina, Enfermagem, Antropologia, Educação Física, Psicologia) aos determinantes sociais da saúde presentes no território, às práticas de trabalho dos profissionais e ao funcionamento dos serviços sócio-sanitários. A partir do curso “Saúde Global, Determinantes Sociais e Atenção Primária em Saúde” organizado pelo CSI, e seguindo a proposta dos participantes de explorar as questões abordadas no curso num campo de práticas concreto, desde janeiro de 2013 um grupo interdisciplinar de cerca de 30 estudantes está realizando atividades de extensão comunitária no bairro Cirenai-ca, uma região de Bolonha onde se cruzam diferentes experiências de marginalização e problemas complexos. Essa região está situada próxima ao Hospital Universitário e é historicamente caracterizada por forte presença proletária e por alta concentração de imigrantes.

As atividades foram realizadas no Condomínio Bel(le)trame, que é um projeto experimental do Centro de Acolhimento Beltrame para pessoas que não possuem casa/abrigo, envolvendo e incentivando a participação ativa dos trabalhadores, hóspedes e outras realidades territoriais. O Centro de Acolhimento Beltrame é a maior estrutura da cidade de Bolonha dedicada ao cuidado residencial diurno e noturno para homens e mulheres em condição de desvantagem social e que estão vinculados a projetos elaborados pelos Serviços Sociais Territoriais ou pelos serviços hospitalares do município. Embora o projeto terapêutico de reinserção social dessas pessoas preveja uma permanência limitada na estrutura do albergue, o que se vê é que este local acaba funcionando como um depósito de pessoas, em função da difícil realidade socioeconômica italiana no contexto atual, em que se observa redução de investimentos em projetos sociais. Os problemas dizem respeito a situações de vida bastante diversas e heterogêneas, tais como pobreza, envolvimento com drogas ou com o tráfico, ex-detentos, pessoas com problemas crônicos de saúde, migrantes, asilados políticos, etc.

Assim, o Condomínio Bel(le)trame é uma estratégia criada pelos trabalhadores e moradores do albergue e pessoas da comunidade, com a finalidade de resituar o papel deste estabelecimento no território, pro-





blematizando o caráter de instituição total (GOFFMAN, 2001), abrindo esse espaço para a composição de práticas comunitárias. Com isso, a ideia do Condomínio é colocar os atores que transitam no território em relação, a fim de compor novas possibilidades para a vida dessas pessoas, superando a divisão de quem está dentro e quem está fora do albergue, valorizando o espaço de transição e de constituição de novas subjetividades. Assim, essa proposta se caracteriza como um projeto intersticial, criativo e em oposição à institucionalização da estrutura do albergue, dando voz e fazendo uma ponte com a comunidade.

Foi a partir do encontro militante com o Condomínio Bel(le)trame que surgiu a proposta coletiva de construção de um Programa de Extensão comunitária no território, com alguns projetos já sendo desenvolvidos atualmente. Através da intersecção de ferramentas e paradigmas da saúde global (KRIEGER, 2011), saúde coletiva (CAMPOS, 2000) e antropologia médica (YOUNG, 1982), o Programa de Extensão desenvolve-se no âmbito da pesquisa-ação (KOCH; KRALLIK, 2009) e da formação-intervenção (FREIRE, 2011; PINHEIRO; MATTOS, 2006), tendo como objetivo a transformação a partir das práticas (FRANCO, 2006) e a autoreflexividade no que diz respeito ao posicionamento ético e político das partes envolvidas, como futuros profissionais/alunos/cidadãos e parte de um coletivo.

As práticas que vêm sendo desenvolvidas, assim como as reflexões teóricas que sustentam as atividades, estão em estreita ligação com as redes internacionais com as quais o CSI trabalha (em particular com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil), lançando as bases para uma investigação-formação multi-local e multissituada que: permita analisar o impacto das dinâmicas globais em diferentes contextos; desenvolver, a partir do local, ferramentas e abordagens que tecem conexões com outras experiências internacionais e desencadear processos de transformação conjunta entre sujeitos e grupos sociais que apresentam criticidades comuns.

Portanto, foram promovidas oportunidades de intercâmbio e discussão crítica com pesquisadores e estudantes de diferentes instituições brasileiras (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de São Paulo) envolvidas em projetos de extensão comunitária em saúde com população de rua, com a intenção de ampliar as possibilidades de encontro e recíproca construção a partir de projetos de intercâmbio universitário, de estágios, teses ou pesquisas.





A cooperação com essas universidades tem permitido o encontro dos estudantes com a realidade concreta dos serviços de saúde tanto no Brasil quanto na Itália, aprofundando experiências e vivências de diferentes realidades. Tal estratégia promove o aprofundamento teórico e metodológico, fortalecendo a autorreflexividade do estudante.

A primeira fase do programa concentrou-se na (difícil) desconstrução das categorias incorporadas e numa reflexão coletiva, ética e epistemológica sobre as relações hierarquizadas e as relações de poder, justiça distributiva, eficácia simbólica, política e biológica da medicina, e o papel da comunidade e do coletivo na promoção da saúde e do cuidado.

Posteriormente, foi iniciada uma reflexão com relação às necessidades de formação, expectativas e desejos de todos os atores que participam do Condomínio, com a finalidade de coconstruir atividades conjuntas e horizontais com a participação de todos os envolvidos, dos moradores do estabelecimento, estudantes, pesquisadores e operadores sociais. Assim, foram delineados dois projetos: “Práticas corporais e saúde” e “Diabetes e determinantes sociais de saúde”, que serão descritos, detalhadamente, abaixo.

Atividades práticas são constantemente acompanhadas por processos reflexivos em relação ao posicionamento ético do profissional de saúde, a importância do trabalho em equipe e trabalho em rede, o papel do estudante no processo de transformação das práticas de formação e de trabalho. À crise do imaginário produzida neste difícil momento histórico de coação econômica e social, trata-se de responder por meio da reapropriação da subjetividade e da criatividade transformadora, identificando nas micropráticas diárias um primeiro passo para mudar a realidade (MERHY, 1997). Nessa perspectiva, as ações de promoção da saúde são reconfiguradas como motor de construção da identidade, assumindo impacto no nível biológico, simbólico e social, produzindo uma transformação tanto no coletivo quanto nas pessoas envolvidos.

O Projeto de Práticas Corporais “Bel(le)trame in movimento”

O projeto parte de uma reflexão crítica sobre os programas de educação e de reabilitação nos serviços sociais e de saúde, que se





configuram cada vez mais como práticas de autogoverno e de responsabilização individual em que a condição de morador de rua é muitas vezes representada em termos de desvio e/ou doença. Tais práticas não levam em conta as trajetórias de vida pessoais como terreno de ação de dinâmicas socioeconômicas mais amplas, propondo uma solução individual e frequentemente ineficaz para problemas que são principalmente políticos.

Dentro do Centro de Acolhimento Beltrame, como na maioria dos lugares de produção de vulnerabilidades, há uma complexidade de percursos de quem passa por estes espaços, caracterizados pelo empobrecimento da identidade, tornando as relações difíceis, bem como a construção de práticas de cuidado para a própria saúde. Ao mesmo tempo, surge uma conflitualidade com relação à condição estrutural de subordinação e vulnerabilidade que se cria entre os moradores e operadores, os quais se deparam com a escassez diária de recursos e a obrigatoriedade de dividir os mesmos espaços, resultando em constante tensão e conflito.

Durante um primeiro período de aproximação e observação do ambiente (janeiro a novembro de 2013), e através do confronto constante dentro do grupo de pesquisa, verificamos que as atividades físicas realizadas até o momento, no âmbito do albergue, possuem principalmente uma função recreativa, auxiliar e subordinada à proposta (re)educativa e de reabilitação implementada em tempos de cuidados institucionalizados. Isso é percebido em função da falta de uma reflexão teórica sobre as práticas corporais como ferramenta de negociação da subjetividade e coconstrução de necessidades de saúde, que se desdobra em propostas de atividades específicas pré-definidas e muitas vezes ineficazes, resultando em baixa participação das pessoas envolvidas.

A partir destas considerações, dentro do grupo interdisciplinar mais amplo que compõe o Programa de Extensão no Distrito Cirenaica, os estudantes e as estudantes de Educação Física e Antropologia empreenderam um projeto sobre as práticas corporais. O projeto tem como objetivo utilizar o movimento de uma forma que se oponha ao modelo biomédico tradicional, conectando a atividade física – entendida como uma mera repetição de movimentos e exercícios – à saúde, através da construção de uma corporeidade que leva em consideração os aspectos socioculturais e políticos constitutivos da subjetividade e da coletividade.





O momento do esporte-jogo, apoiado em ferramentas metodológicas para a produção do confronto e da reflexividade do grupo, constitui-se como espaço de sociabilidade, de reapropriação e construção da subjetividade, e de negociação de papéis e dinâmicas de poder através do corpo, atuando sobre a dimensão relacional. O movimento, assim entendido, na verdade, é um modo eficaz para tecer redes de relações entre indivíduos e grupos dentro de uma determinada sociedade, dando vida à mudança de posturas que produzem mudanças também de significados, alusões e representações coletivas da realidade, trazendo novas possibilidades de valores compartilhados. Ao mesmo tempo, a criação de um espaço/tempo de sociabilidade, não rigidamente estruturado, permite estabelecer uma rede de coconstrução de processos de negociação das necessidades em saúde, criando um contexto paralelo de formação e de pesquisa-ação ativa e interdisciplinar enraizada no território.

A metodologia de trabalho utilizada é própria da pesquisa qualitativa e etnográfica (CARDANO, 2011) e da pesquisa-ação (BARBIER, 2007), mediante a preferência pelo uso de ferramentas que valorizam a narração, a experiência e o confronto com os/as participantes, bem como a autorreflexividade da própria pesquisa-ação sobre quais dinâmicas e relações são produzidas antes, durante e após a atividade realizada (CAPPELLETTO, 2009; PAVANELLO, 2010; FRANCESCHI; DASSO, 2010; CORBETTA, 1999; DELLA PORTA, 2010; GOOD, 1999). Nesse sentido, as ferramentas utilizadas são projetadas para produzir mudanças durante a execução de atividades específicas (métodos, tempos, relações, etc.) e, num sentido mais amplo, também no contexto de vida das pessoas envolvidas (BARBIER, 2007). Tal metodologia compreende a construção e experimentação coletiva dos jogos e das atividades, visando à reflexão sobre as relações entre os/as participantes e as dinâmicas de poder que frequentemente norteiam as relações através da utilização inconsciente do corpo; a escrita de “anotações de campo” durante o desenvolvimento das atividades, que serve como ponto de partida para outros momentos de discussão do grupo; a estruturação de espaços de discussão/confronto e debate informal antes e depois das atividades e, por fim, a elaboração de um diário coletivo como ferramenta de apoio à autorreflexividade do grupo em relação às práticas realizadas no campo e os efeitos relevantes e não intencionais que elas produzem (MELUCCI, 1998).





Numa segunda fase, está previsto o planejamento de momentos de confronto dirigido através de grupos focais abertos à participação de todos os envolvidos nas atividades, durante os quais as questões específicas a serem discutidas serão escolhidas em conjunto (questões emergentes, problemas ou dificuldades), assim como as questões teóricas que deverão ser aprofundadas.

Envolvendo desde o início de maneira ativa e horizontal na organização e gestão das atividades trabalhadores, moradores do albergue, estudantes e qualquer pessoa que queira participar, realizam-se duas atividades fixas por semana: uma para realizar as práticas corporais e outra mais autorreflexiva e de tomada de decisão, visando à definição coletiva da modalidade de gestão de grupo e ao planejamento das atividades. As atividades desenvolvidas até o momento foram pensadas para provocar a construção de vínculos entre os moradores do albergue e a comunidade, uma vez que todas estas pessoas fazem parte do mesmo território. A aposta é que ações transversais (práticas cooperativas, conjuntas) possam desconstruir estigmas e produzir relações mais horizontais.

Desde os primeiros encontros, em diferentes ocasiões, apareceu o desejo dos moradores do albergue e dos operadores do Condomínio de formar um time de futebol. Foi decidido coletivamente escolher isto como primeira atividade de jogo-esporte, o que nos permitiu expandir o grupo e torná-lo mais diversificado. A necessidade de apoiar a participação e divulgação de informações, dentro e fora da estrutura do albergue, levou à criação de um quadro de avisos na entrada do dormitório e a uma página no Facebook chamada “Beltrame em Movimento”, através da qual estão sendo compartilhadas fotos, eventos e compromissos. Entre as atividades já discutidas a serem realizadas estão um curso a ser construído com os participantes e as participantes e um torneio de futebol em colaboração com outras associações.

O Projeto “Diabetes e determinantes sociais da saúde”

O *Diabetes mellitus* cuja prevalência está aumentando a nível global e na Itália (onde a taxa padronizada passou de 3,9 a 4,6% de 2000 a 2011), é uma doença complexa que diz respeito a várias dimensões da vida da pessoa, desde os aspectos sociais (dieta, exercício, educação) até àquelas estritamente biológicas (BROWN et al., 2004). A gestão integrada do paciente diabético, portanto, requer uma abordagem mul-





tidimensional e interdisciplinar que leve em conta, além dos aspectos clínicos e farmacológicos, também aqueles socioeconômicos, que podem constituir uma barreira intransponível para o controle adequado da doença (BROWN et al., 2004; SALUTER, 2003). Abordar de forma isolada apenas alguns desses componentes pode gerar resultados parciais ou frustrar os objetivos terapêuticos, especialmente nos casos em que os determinantes socioeconômicos da doença e as desigualdades são evidentes, ou seja, entre os grupos mais frágeis da população.

Como estudantes e pesquisadores do Programa de Extensão Comunitária decidimos focar a atenção ao estudo do *Diabetes mellitus*, pois após uma série de reuniões formais e informais realizadas no Condomínio, este assunto surgiu como problema frequente e de difícil gestão, tanto entre os moradores que sofrem da doença quanto entre os profissionais e os educadores da estrutura. O foco na patologia diabética, portanto surgiu de maneira progressiva e processual, como forma de construção colaborativa de um projeto social e de saúde a partir das necessidades percebidas no local. O tema diabetes é apenas um ponto de partida para explorar outras dimensões do estado de saúde da comunidade, através da utilização de uma metodologia de pesquisa quali-quantitativa, que combina a análise clínica com a abordagem antropológica e sociológica, com a finalidade de promover o intercâmbio interdisciplinar, bem como fortalecer as próprias disciplinas no que diz respeito à promoção da saúde (CARDANO, 2011; BARBIER, 2007; CORBETTA, 1999).

O grupo, formado por estudantes da Faculdade de Medicina, Enfermagem e Antropologia, começou a se reunir no mês de setembro de 2013. Inicialmente, foram realizados encontros com os educadores do albergue e com os moradores que sofrem de *Diabetes mellitus*. Nessa primeira fase, surgiram como prioritários os problemas relacionados ao acesso à alimentação adequada para o controle da glicemia no sangue, bem como o problema da comunicação com os médicos de família em relação à gestão da dieta e da terapia, especialmente em função de um contexto caracterizado pela erosão da autonomia econômica e social.

Após uma fase inicial de reflexão sobre o posicionamento ético do profissional de saúde e das implicações que um programa social e de saúde poderia gerar tanto dentro como fora do albergue, chegou-se a uma definição dos objetivos e da metodologia do projeto. Se por um lado o objetivo principal é o de reconhecer e analisar os determinantes





sociais de saúde e a complexidade do modo como o problema do Diabetes se inscreve e se determina entre os moradores do albergue (refletindo sobre os nós críticos relacionados com a gestão e o modo de cuidar os sujeitos que sofrem da doença), por outro lado, partir de um problema concreto e específico representa uma espécie de “porta de entrada” para estabelecer relações ou formas de interação horizontais e equitativas, visando à valorização das experiências, à coconstrução das atividades e ao empoderamento de todos os atores envolvidos no processo.

A metodologia que sustenta as práticas do grupo é a da pesquisa-ação. De acordo com essa metodologia, o objetivo da pesquisa não é a produção de conhecimento teórico e abstrato, mas a análise das práticas concretas no campo da experiência vivida, a fim de transformá-las. Nesse sentido, o pesquisador não deve ser entendido como intérprete neutro da experiência, mas, sim, como um agente ativo que mantém uma postura ética e implicada com a realidade. O processo de pesquisa estrutura-se de forma horizontal, reconhecendo que a realidade, além de ser objeto de investigação é coproduzida de forma dinâmica e em conjunto com os pesquisadores no campo. Uma abordagem assim configurada redefine, no campo da saúde, o lugar do pesquisador e o papel do paciente-cidadão-morador do dormitório, sendo que, especialmente este último deixa de ser entendido como mero utilizador de serviços assistenciais para se tornar sujeito ativo e produtor de itinerários terapêuticos e práticas de cuidado. A aposta consiste em que a aplicação de tal metodologia funcione como elemento de reflexão para a transformação das práticas dos estudantes e futuros profissionais de saúde (BARBIER, 2007; CECCIM; FEUERWERKER, 2004).

Assim, essa perspectiva representa o ponto de partida fundamental para preencher a lacuna que existe no contexto formativo, que está marcada pela cisão entre os conhecimentos teóricos aprendidos nas salas de aula e a complexidade do ambiente social e humano.

Entre as atividades realizadas pelo grupo, foi iniciado um processo de autoformação através da socialização de documentos, muitos deles provenientes de experiências brasileiras com população em situação de rua (BRASIL, 2012), e sua respectiva análise multidisciplinar. Atualmente, está em curso uma investigação sobre metodologias qualitativas de pesquisa em saúde, tendo em vista subsidiar a construção da próxima etapa da atividade, que consiste em avaliar as necessidades dos sujeitos envolvidos no Condomínio.





Todas as definições que envolvem o trabalho no projeto são construídas a partir de encontros e discussões coletivas, que representam o momento crucial de ressignificação da realidade e das experiências produzidas no encontro, visando à construção de um processo formativo amplo e diversificado. Os encontros estão abertos a todas as pessoas do território, moradores, profissionais e educadores, visam criar um espaço de discussão onde todos possam se sentir livres para contribuir com o planejamento das ações e com a constante redefinição ou proposição de novas práticas.

Reflexões Finais

Ao apresentarmos os projetos desenvolvidos no Programa de Extensão Comunitária junto com o Condomínio Bel(le)trame, percebemos que as propostas construídas sofrem influência de uma variedade de leituras sobre a realidade, o que amplia o olhar sobre o processo saúde-doença e permite construir diferentes modos de cuidar no cotidiano. Isso acontece porque os projetos são pensados de forma coletiva, ou seja, com a participação de diferentes pessoas e saberes.

O trabalho conjunto com as redes internacionais multilocais tem oportunizado vivência de diferentes contextos, agregando uma multiplicidade de ferramentas para analisar e refletir a realidade, haja vista que as dificuldades existentes nos diferentes territórios possuem raízes comuns baseadas em processos históricos e políticos globais que, por sua vez, produzem respostas locais que podem ser utilizadas em diferentes contextos.

Esse modo de pensar e agir coloca em evidência a perspectiva teórica, na qual processos globais geograficamente amplos e historicamente profundos têm uma interseção com os locais. A partir da necessidade de ferramentas de análise e compreensão transdisciplinar, bem como de novas estratégias de ação entre global e local, temos buscado desenvolver conjuntamente ações de ensino, pesquisa e extensão com diferentes atores em diferentes países, levando em conta a realidade singular de cada território.

Entre os desafios que observamos está o de envolver as pessoas na produção de conhecimento sobre sua própria realidade, enquanto prática militante e transformadora do cotidiano da comunidade, na perspectiva de que as pessoas (todas elas) possam se tornar coparticipantes de processos de mudança. Trata-se de constituir sobre o ter-





ritório onde desenvolvemos o Programa de Extensão um laboratório inventivo que subverta as práticas cristalizadas de forma contínua.

No que diz respeito ao processo de formação dos atores envolvidos no trabalho cotidiano junto ao Programa de Extensão, é importante perceber que a composição dos diferentes projetos tem ocorrido em relação às pessoas, o que implica que os estudantes também se desconstruam com a montagem-desmontagem das atividades. Nesse processo de autorreflexividade e produção coletiva, conhecimentos e atitudes incorporadas são ressignificadas no próprio coletivo, transformando a subjetividade e ressitando o estudante como cidadão e futuro profissional, de modo a sustentar uma experiência de formação carregada de uma importante dimensão ética e política que está implicada com uma produção contra-hegemônica em oposição à pedagogia conservadora/tradicional.

Referências

BARBIER, R. *La ricerca-azione*. Roma: Armando, 2007.

BAUM, F. Health, equity, justice and globalisation: some lessons from the People's Health Assembly. *J. Epidemiol Community Health*, v. 55, p. 613-6, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Manual sobre o cuidado à saúde junto a população em situação de rua*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. 98 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

BROWN, A.F. et al. Socioeconomic position and health among persons with *Diabetes mellitus*: a conceptual framework and review of the literature. *Epidemiol Rev.* v. 26, p. 63-77, 2004.

CAMPOS, G.W. de S. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. *Ciênc. saúde coletiva* [online], v. 5, n. 2, p. 219-230, 2000.

CAPPELLETTO, F. *Vivere l'etnografia*. Firenze: SEID, 2009.

CARDANO, M. *La ricerca qualitativa*. Bologna: Il Mulino, 2011. 336p. (Collana Manuali).

CECCIM, R.G.; FEUERWERKER, L.C. M. O Quadrilátero na formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 41-65, 2004.





CORBETTA, P. *Metodologia e tecniche della ricerca sociale*. Bologna: Il Mulino, 1999.

DELLA PORTA, D. *L'intervista qualitativa*. Bari: Laterza, 2010.

EMILIA-ROMAGNA. *CasadellaSalute*. Disponível em: <<http://www.saluter.it/ssr/logo-ssr/casa-della-salute>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

FERLA, A.A. *Clínica em movimento: cartografias do cuidado*. Caxias do Sul: EDUCS, 2007.

FRANCESCHI, Z.; DASSO, M.C. *Etno-grafias: la escritura como testimonio entre los Wichi*. Buenos Aires: Corregidor, 2010.

FRANCO, T.B. *As redes na micropolítica do processo de trabalho in gestão em redes: práticas de avaliação, formação e participação na saúde*. Rio de Janeiro: CEPESC-IMS/UERJ-ABRASCO, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRENK, J, et al. Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in an interdependent world. *The Lancet*, v. 376, n. 9756, p. 1923-1958, 2010.

GEBBIE, K.; ROSENSTOCK, L.; HERNANDEZ, L.M. (Ed). *Who will keep the public healthy?* Washington, D.C.: The National Academies. Press, 2003.

GOFFMAN E, *Manicômios, Prisões e Conventos*. 7a ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001

GOOD, J.B. *Narrare la malattia: lo sguardo antropologico sul rapporto medico-paziente*. Torino: Edizioni di Comunita, 1999.

KAWACHI, I.; WAMALA, S.P. *Globalization and health*. New York: Oxford University Press, 2007.

KOCH, T.; KRALIK, D. *Participatory action research in health care*. Wiley-Blackwell, 2009.

KRIEGER, N. *Epidemiology and the people's health: theory and context*. New York: Oxford University Press, 2011.

LABONTE, R.; MOHINDRA, K.; SCHRECKER, T. The growing impact of globalization for health and public health practice. *Annu. Rev. Public Health*, v. 32, p. 263-83, 2011.

MELUCCI A., *Verso una sociologia riflessiva: ricerca qualitativa e cultura*. Bologna: Il Mulino, 1998.





MERHY, E. E. Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde In: MERHY, E.E.; ONOCKO, R.T. (Org.). *Agir em saúde: em desafio para o público*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MERHY, E. E.; ONOCKO, R. (Org.). *Praxis en salud: un desafío para lo público*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MERHY, E. E.; FRANCO, T.B. Por uma composição técnica do trabalho centrada nas tecnologias leves e no campo relacional. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 65, set./dez. 2003.

PAVANELLO, M. *Fare antropologia*. Metodi per la ricerca etnografica. Bologna: Zanichelli, 2010.

PINHEIRO, R.; MATTOS, R.A. (Org.). *Gestão em redes: práticas de avaliação, formação e participação na saúde*. Rio de Janeiro: CEPESC: IMS/UERJ: ABRASCO, 2006.

REISER, J. *University social responsibility definition*. Disponível em: <http://www.Usralliance.org/resources/Au-rilla_Presentation_Session6.pdf>. 2009.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SALUTER PORTALE SERVIZIO SANITARIO REGIONALE EMILIA ROMAGNA *Linee guida clinico-organizzative per il management del diabete mellito*. 2003. Disponível em: <<http://www.saluter.it/documentazione/leggi/regionali/linee-guida/linee-guida-clinico-organizzative-per-il-management-del-diabete-mellito/view?searchterm=diabete%20mellito%20linee%20guida>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

SANTOS, B. de S. *A universidade no séc. XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SAVITT, T. Abraham Flexner and the black medical schools. *Journal of the National Medical Association*, v. 98, n. 9, p. 3, 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. *The world health report 2008: primary health care now more than ever*. Geneva: The World Health Organization, 2008.

YOUNG, A. The anthropologies of illness and sickness, *Annual Review of Anthropology*, v. 11, 1982.





Vamos viajar?

Andréa Lúcia Torres Amorim Pellegrini

Vamos Viajar?

Para onde vamos? O lugar é maravilhoso: o Universo das oficinas de grupo. Oficina, no dicionário, quer dizer, entre outras coisas: “lugar onde se verificam grandes transformações” Outros nomes: trabalho de grupo, reunião, grupo educativo, ou simplesmente grupo. Você já pensou nisso? Conversar sobre o nome é um bom exercício. Esse exercício nos faz pensar nos motivos que nos unem e reúnem.

Como vamos?

Podemos ir de carro, de bicicleta, a cavalo, de barco, ou a pé.

Guiamos o veículo, mas ele nos leva. Estimulamos nossas pernas e elas caminham. O grupo é assim também. Já pensou se quiséssemos ir para um lugar e nosso cavalo para outro? Cairíamos.

Queremos ir para o mesmo lugar: nosso objetivo!

O que precisamos para ir ao nosso objetivo? Temos que ouvir todos do grupo.

Como conseguimos ouvir todos?

Tendo OUVIDOS e ESTIMULANDO a fala.

De onde partimos?

Nem todos os grupos ficam à vontade para falar. É bom conhecer o grupo antes da reunião.

Quem são? Qual a profissão dessas pessoas? Como vivem? Qual a idade? Onde moram? O que têm de diferente? O que têm em comum?





Mas não se preocupe se não conseguir as respostas já. As próprias reuniões ajudam o grupo a se conhecer mais. Algumas respostas só vêm com o tempo.

Alguns carros precisam esquentar o motor antes da viagem.

Outros, se esquentarem muito, podem fundir.

Com o grupo é parecido. Alguns grupos precisam se esquentar para falar. Outros, já estão acostumados e organizados para falar. Existem exercícios que ajudam. São os exercícios de aquecimento. Exemplos: exercícios de apresentação, brincadeiras com o nome, movimentos com o corpo como andar na sala ou espreguiçar, jogos ou brincadeiras que puxem o assunto do dia, entre outros.

DICA: é mais fácil se começarmos com exercícios a partir da realidade do grupo. É importante sempre explicar porque estamos brincando. Algumas pessoas perderam o costume de brincar. Isso pode acontecer por vários motivos: porque a vida os endureceu, por timidez, porque não aprenderam a brincar, por preconceito, por medo de serem manipulados. Não devemos deixar que isso nos paralise. É importante tentar ser bem claro sobre a proposta do exercício. O exercício com contato corporal é melhor depois de mais tempo de convívio.

Qual é o roteiro da nossa viagem?

Não vemos tudo num dia só! Precisamos de um roteiro de viagem. São os nossos planos. Planejamento. Assim é com o grupo: faça um roteiro dos assuntos mais importantes na discussão. Esse roteiro pode ser feito em forma de perguntas. A sequência das respostas conta uma história com começo, meio e fim. Melhor ainda é se os temas forem tirados do próprio grupo, de seu cotidiano, de suas necessidades, de suas curiosidades. Pense nas atividades que estimulem a pensar no tema.

Divida o tempo entre as atividades propostas.

Vamos fazer as malas?

Colocamos na mala todo o necessário. Prepare o material antes do dia. Converse com as pessoas que vão ajudar. É bom ter alguém para trabalhar junto. Discuta e divida as atividades antes do dia do grupo. Controle sua ansiedade. Nunca conseguimos esgotar um as-





sunto em um só encontro. Sempre existe mais algo a se falar sobre qualquer assunto.

Temos DISPOSIÇÃO? Então mãos à obra!

Qual a melhor hora para começar a viajar?

Tanto a hora do relógio, como a hora da História é importante. Explico: se não chegarmos ao ponto de partida na hora certa, perdemos a condução. É muito chato esperar. Chegar na hora certa é sinal de respeito. Quando chegamos sempre na hora certa, as pessoas também vão se esforçar. Os atrasos atrapalham o roteiro.

Existe outro tempo, que é o tempo histórico. Às vezes uma comunidade vive momentos bons para discutir determinados assuntos e outros não. Para saber isso, é importante escutar, dialogar e decidir junto.

Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Sobre a História, precisamos saber qual é a hora certa.

É preciso um motivo muito forte para juntar as pessoas.

Se não temos motivação suficiente, não deixamos o dia a dia para nos reunir. Quem sabe qual é o melhor motivo é o próprio grupo.

O grupo se reúne em torno daquilo que tem em comum:

Pressão alta, geração de emprego e renda, necessidade de se divertir, distrair, necessidade de conversar sobre a saúde das crianças, vontade de desabafar, ou até mais de um destes motivos. Muitas vezes, o grupo não dá certo porque não encontramos um bom motivo. Outras vezes, esse motivo é despertado no próprio grupo. É muito bom ouvir: “vou ao grupo porque gosto e me sinto bem”.

A Viagem

Não se esqueça de que viajamos juntos. Todos são importantes.

A mágica está em dar oportunidade a todos de demonstrar sua importância.

A gente se sentir útil pode transformar nossa vida.

Toda fala é importante. Mesmo quando parece desencontrada do assunto.





Toda fala ajuda a refletir. Quem puxa o tema deve valorizar as falas de todos. É importante também fazer a ligação entre o que se fala e o assunto proposto. Podemos ir até à Lua, mas temos que voltar ao chão em segurança.

A responsabilidade sobre os problemas pode ser dividida em duas partes: a parte da pessoa (indivíduo) e a parte da comunidade (coletiva). A solução também é ao mesmo tempo individual e coletiva.

É como se estivéssemos olhando um problema que está em nossas mãos. Levantamos o corpo e conseguimos olhar um pouco além da mão. Se subirmos numa escada, o olhar aumenta mais. Se pudermos voar, vemos mais longe ainda. No entanto, precisamos dos dois olhares: O de perto - mais nítido, e o de longe - mais abrangente.

Exemplo: eu estou com hepatite A. Um dos motivos pode ser: comi ou bebi algo contaminado. Se EU tivesse mais cuidado, talvez não estivesse doente. Mas a contaminação vem da falta de tratamento de esgoto. Se NÓS, do bairro, tivéssemos lutado pelo esgoto adequado, talvez isso não tivesse acontecido. No entanto, o governo não fez sua parte, o que prometeu em campanha. Se NÓS, da cidade, tivéssemos escolhido melhor, talvez isso não tivesse acontecido. Porém, para escolher melhor, NÓS do país, temos que estar presentes às reuniões, nos informar, fiscalizar o que está sendo feito, cobrar as promessas... para isto precisamos estar organizados e unidos. Entretanto, EU não me dou bem com o meu vizinho. Ele é muito fofoqueiro. Mas na luta comunitária ninguém pode ficar de fora! Então, preciso me aliar ao outro vizinho, amigo do fofoqueiro. Só assim NÓS conseguiremos a união de todos.

Todo problema é assim. Vamos desenrolando o fio. Parece que ele nunca acaba! É porque um problema tem sempre muitas causas. Mas assim dá a impressão que nunca vamos resolver os problemas!

Só conseguimos resolver sozinhos parte do problema. Precisamos saber disso para tentar juntos. Por isso, digo que o grupo é mágico: “muitas cabeças sempre pensam mais que uma só”! Todo assunto pode ser discutido como um problema. Ele tem várias causas, várias formas de se lidar, várias soluções.

Qual é a cara da nossa viagem?

O grupo vai ser sempre diferente. Mesmo quando está com as mesmas pessoas. Cada dia estamos de um jeito.





Pensar facilita a organização:

Qual o tamanho ideal para o grupo?

Quem vai fazer parte do grupo?

Qual o formato ideal para o grupo?

Quanto tempo deve durar cada encontro?

Quantas vezes vamos nos ver na semana, ou no mês, ou no ano?

Qual o lugar ideal para o grupo?

Quantas pessoas vão viajar conosco?

Grupos menores (de 20 a 25 pessoas) são mais fáceis de organizar; as pessoas falam mais e principalmente se escutam mais. Grupos muito pequenos (até 10 pessoas) discutem mais, mas têm menos pontos de vista. São bons para reflexão de leitura, para resumir opiniões. São ótimos para organizar grupos grandes.

Grupos muito grandes (acima de 40 pessoas) podem dispersar mais fácil. É importante um moderador que facilite a discussão e esteja atento. Não dá para conversar paralelo. Uma boa saída é dividir o grupo grande em vários pequenos. Os grupos pequenos explicam suas conclusões.

Quem vai fazer parte da viagem?

Toda escolha tem vantagens e desvantagens. Um grupo em que todos se conhecem, às vezes não acrescenta muitas novidades à maneira de ver um problema. No entanto, é preciso se conhecer bem para discutir alguns assuntos. Por exemplo: “os problemas da minha rua”, quem domina provavelmente já se conhece.

É importante misturar jovens, idosos, homens e mulheres. Isso enriquece a discussão. Cada geração tem sua maneira de ver o mundo. Mas alguns grupos se sentem mais à vontade se estiverem com pessoas parecidas.

Por exemplo, grupo de mulheres. Algumas mulheres não conseguem falar sobre si na presença de homens. Isso pode parecer preconceito. Mas isso deve ser levado em consideração. Para superar um preconceito precisamos primeiro ter segurança de nossos conceitos/pensamentos. Isso é conseguido através de muito trabalho.





O respeito cria espaço para assuntos às vezes difíceis. É o caso da sexualidade, da criação dos filhos, da violência. Quando o assunto é “delicado” é importante tratá-lo com “delicadeza”.

Exemplo, todos sabem sobre a necessidade de usar preservativo para evitar doenças sexualmente transmissíveis. No entanto, cresce o número de meninas com AIDS no país. O número de mulheres casadas com AIDS também é grande. Talvez o assunto para se discutir não seja o “uso de preservativo”. Talvez, nesse momento, o mais importante seja discutir a autoestima da mulher, o quanto ela é ou não dona do seu próprio corpo, o quanto ela gosta de si mesma, o preconceito contra a mulher. Suas necessidades e sonhos. Tudo isso pode estar fazendo ela não usar o preservativo.

E assim, outros assuntos.

Como as pessoas se acomodam durante a viagem?

Para se ouvir e ser ouvido preciso estar numa posição adequada. A melhor posição é estar de frente para o outro.

Como conseguimos estar de frente para todos do grupo? Responda em um minuto!

Se estivermos em uma roda!

Quando há muitas rodas pequenas, é bom ficar em pé para falar. A pessoa deve falar em nome do grupo. Alguém do grupo pode acrescentar o ela que esqueceu. Outras pessoas dos outros grupos podem comentar o pensamento. Depois que todos falaram, podemos comparar as falas e organizar o pensamento. A posição de roda facilita isso. É um bom treino de organização da Comunidade.

Em outros momentos, precisamos nos espalhar. Por exemplo, quando vamos fazer exercícios de alongamento numa sala pequena.

A organização dentro do espaço ajuda ou atrapalha. Depende da atividade proposta.

Quanto tempo deve durar nossa viagem?

O tempo ideal é aquele que mantém o grupo interessado. As mães com pilhas de roupas para lavar, casa para arrumar, comida para





fazer, em geral, querem soluções rápidas, conversas mais curtas (30 a 45 minutos).

Os solitários e as pessoas mais idosas, podem se sentir bem em ficar o dia todo juntos.

Mas tanto em uma situação como na outra, precisamos ter o cuidado de manter o interesse. A melhor forma é a participação. Quando “faço parte”, ajudo a construir, sou importante, vou fazer falta se for embora. Então eu fico!

Outro ponto importante é o prazer: “se a conversa é boa eu fico”, “se me sinto bem, se dou risada, nem sinto o tempo passar”. Ajuda, também, se a pessoa sabe o tempo de duração da reunião. Assim, ela pode se preparar. Se o assunto é importante para o grupo, ele vai achar que vale a pena.

Quanto tempo leva entre uma viagem e outra?

Às vezes, mais de uma reunião por mês atrapalha a rotina da casa ou do trabalho. No entanto, se para resolver um problema urgente, precisamos nos reunir mais vezes, conseguimos dar um jeito.

Sempre que tivermos dúvida sobre a cara da reunião, é bom perguntar a opinião do próprio grupo. O dia da reunião é um bom momento para combinar a próxima reunião. Até o próximo assunto pode ser combinado.

Onde nos encontramos para viajar?

Qualquer lugar é bom para um grupo. É importante as pessoas se sentirem bem, à vontade. Algumas pessoas gostam de sentar no chão. Outras não gostam ou têm dificuldade. Podemos arrumar cadeiras ou improvisar bancos. Se está muito sol, embaixo de uma árvore é ótimo. Se está chovendo, precisamos de uma cobertura.

Para usar música precisamos de tomada, ou extensão, ou de um cantor ou tocador. Crianças precisam de um local seguro, uma rua movimentada pode ser perigosa. Dançar em um barranco pode machucar alguém. Se você não conhece o lugar, pergunte como é. Chegue um pouco antes, é bom ver se está tudo certo. As atividades que propomos devem estar casadas com o espaço onde vão acontecer.





Final da viagem

As boas lembranças. O que registramos da viagem? Algumas coisas ficam na cabeça. Às vezes, tiramos fotos. Tem pessoas que fazem um diário. Para o grupo vale a mesma reflexão. É importante registrar a história do trabalho de grupo. Existem várias formas de registro: relatório de autoavaliação; livro de registro; avaliações dos participantes, etc.

Falar sobre o grupo com o próprio grupo é muito importante: “o que foi bom e o que não foi?”, “vamos dar ideias para melhorar?”, “vamos votar as ideias?”, “vamos conciliar as ideias?”

É muito bom quando o grupo gosta tanto dos encontros, que qualquer pessoa pode propor um encontro!!

Assim, nossas viagens ficarão cada vez mais gostosas e diversificadas. E poderemos viajar sempre!

Nem sempre as viagens saem como planejamos. Por isso, é preciso ter flexibilidade e também saber improvisar! Quanto mais experiência, melhor enfrentaremos as dificuldades e surpresas.

Existem surpresas boas e surpresas desagradáveis. Devemos superar as surpresas desagradáveis. Uma boa forma é o diálogo. Podemos aproveitar as boas surpresas. São oportunidades! Algumas vezes, temos que sair do que planejamos.

Às vezes, nossas viagens não dão muito certo. Não precisamos desanimar se isso acontecer! O mais importante é tentar aprender e compartilhar o que vivemos.





3º ATO

Experiências Extensionistas







1ª CENA

Algumas Experiências







Pela janela da extensão

Anna Carolina Martins Silva

Se debruçar sobre a janela para o mundo,
É algo a se praticar.
É revisitar aquilo que cruzamos a toda hora,
Aquilo que andando na rua quase chegamos a tropeçar.
Eu penso que a extensão permite nada (ou tudo) além de estender o olhar.
Nesse ampliar, aposto com quem ousar tentar, dá para conhecer o outro e se (re)conhecer também por lá.
Pode parecer raso ou discurso repetido,
Mas, não é tarefa fácil, ela consegue muito (e ainda bem!) incomodar.
Assim, que a extensão seja a oportunidade para encontrarmos as vivascenas,
Para ultrapassarmos o pronto-retrato que estão a nos mostrar.
Que além do contato com o que já foi achado,
Seja rico o processo individual e coletivo de buscar,
Para desconfiarmos de muita coisa e prosseguirmos no constante exercício de ora aprender, ora ensinar.
E que ainda como indivíduos não terminados(as),
Tenhamos andanças longas e que cheguemos finalmente transformados(as) a algum lugar.





A extensão da Bob

Roberta Melão

Em 1994, com o sonho de aprender a cuidar, entrei na turma 55 da Escola Paulista de Enfermagem. O currículo, na época, era bem diferente, voltado predominantemente aos cuidados hospitalares, mas foi logo no primeiro dia de aula da disciplina “Saúde Pública I” que o amor ao processo de educação da Professora Ana Brêtas cativou a mim e a tantos outros alunos. Desde então, tive certeza de que a realização do meu sonho profissional estava na atenção básica à saúde. Eu queria viver aquilo que ela falava nas aulas com brilho nos olhos, fazer parte da história de construção do Sistema Único de Saúde, entender de Políticas Públicas, ver o “postinho” perto da minha casa ganhar vida, movimento... A aula acabava, mas a gente queria mais, muito mais... A Ana e outros queridos professores, também... E assim, começo a me aventurar pelas oportunidades de extensão!

Durante a graduação, participei de todos os projetos de extensão que pude, perto ou longe de casa, de curta ou longa duração. Tendo a oportunidade de sair dos muros acadêmicos para aplicar e aprimorar meus conhecimentos em saúde pública, lá eu estava!

No Projeto Trans/Forma/Ação, o caminho para as visitas numa comunidade na Vila Mariana, que ficava cerca de dez quadras da Escola Paulista de Enfermagem, era animadíssimo! Uma espécie de roda de conversa em movimento, recheada de muitas histórias e imenso prazer de seguir a minha escolha. Lembrar da recepção das crianças e mães que chamavam a Ana pelo nome com satisfação em reencontrá-la ali, percorrer as estreitas vielas conhecendo as pessoas e suas histórias, ainda me emociona e inspira. Vê-la nos apresentar à comunidade, um a um pelo nome, fazia tudo ter sentido... Eram aqueles momentos que eu tinha a certeza de querer repetir para sempre em minha vida profissional!





Uma visita marcante foi a primeira vez que encontramos a Dona Isabel. Ela se alegrou com nossa chegada. Nós também! Era uma senhora muita simpática e morava com cinco ou mais gatos. Em meio a tanto aprendizado sobre assepsia, técnicas para realizar procedimentos de enfermagem, de como lavar corretamente as mãos e a obrigação de usar roupas brancas, estávamos dentro de um barraco de madeira bem pequeno, sem janela, sem energia elétrica, sem água encanada e era necessário avaliar uma ferida na perna direita de D. Isabel. Havia apenas uma cama e algumas coisas encaixotadas. Uau! Um estímulo ao uso da criatividade e do improviso para realizar a troca de curativo com o máximo de “limpeza” e com os recursos que levamos. Contou que aprendeu a se comunicar com seus gatos através da música. Cantava e eles miavam! “Traduzia” o canto deles para nós. Era engraçado! Algum tempo depois, em meio a movimentos de bonequinhas de gaze montadas na mais perfeita técnica de pinças cirúrgicas (quem se formou depois do ano 2000 nem deve saber o que é bonequinha de gaze!), limpamos a ferida, fechamos com esparadrapo e ao som da voz grave de Dona Isabel cantando junto com os gatos! Aprendemos que era possível cuidar no domicílio, seja ele como for. Compreendemos que respeitar os saberes e o modo de vida da D. Isabel era fundamental para a proposta de qualquer mudança para a prevenção de adoecimento.

Na Comunidade São Martinho, vivi um dos mais importantes dias da minha vida. A Ana propôs uma roda de conversa para discutir o conceito de saúde na visão dos 30 homens de meia idade, em situação de rua, catadores de material reciclável, que se reuniam no centro de convivência debaixo do Viaduto Guadalajara, no bairro do Belém, São Paulo. Foi ali que se tornou objetivo o conceito de saúde, até então subjetivo da forma que aprendi na sala de aula. Ouvi as histórias. As interpretações de cada um. Chegou minha vez de falar na roda, mas eu estava maravilhada com aquilo tudo. As lágrimas corriam pelo meu rosto. Disse apenas algumas palavras e passei dias pensando naquele momento. Como era possível se sentir saudável estando em situação de rua? Aprendi o significado das palavras que vêm do coração. Amo discutir o processo saúde-doença desde aquele dia, pois entendi na prática que saúde é a força de viver apesar dos danos, das privações.

Outra experiência marcante na extensão foi participar do programa Universidade Solidária, aos moldes do Projeto Rondon, que





proporcionava aos estudantes conhecer municípios/comunidades de difícil acesso e exercitar a responsabilidade social e a cidadania. Tive a oportunidade de ir para Monte Alegre-PA e para Ribeira do Amparo-BA. Dois meses de muito aprendizado na minha história de vida.

No quarto ano da graduação, passamos três semanas no Pará, coordenados pela Professora Elizabeth Niglio de Figueiredo, nossa “Tuchaua”! Éramos 11, entre estudantes de enfermagem e medicina. Foi a primeira vez que viajei de avião. Passamos inicialmente três dias em Manaus para um treinamento sobre doenças tropicais, com outros 300 estudantes de diversas universidades do Brasil. Quanta novidade em tão pouco tempo! Em Monte Alegre, município com 60 mil habitantes e 21.703 km², nossa base de apoio era um alojamento da Aeronáutica com vista para as cheias do rio Amazonas e a travessia de búfalos de uma margem a outra de lagoas, todos os finais de tarde. Antes da viagem, preparamos caixas com livros, folhetos, materiais de apoio para elaborar cartazes, cartilhas, produção de textos, enfim, tudo que se utiliza na elaboração de grupos com a comunidade. Todos os dias, saíamos às cinco horas da manhã, guiados por veículos de tração, caminhões, cavalos, barcos e depois de duas a três horas de trajeto, chegávamos às comunidades distantes de tudo o que é supérfluo. As crianças não conheciam a Xuxa, ou qualquer programa de TV, mas conheciam o saber das matas, o sabor das frutas amazônicas, o cheiro dos rios e igarapés, a beleza das brincadeiras de roda, de subir em árvores, nadar, correr... O conceito de saúde? Tente imaginar... Nossas conversas sobre saúde e sociedade eram ótimas. Respeitamos o saber dos cuidadores, das parteiras, dos pajés, do povo e aprendemos muito, muito, muito! Conseguimos ensinar um pouco do que a escola nos ensinou. Os grupos aconteciam em escolas, igrejas, centros comunitários, quintais, casas de prostituição, casas de farinha de mandioca (hummm!) e taperas. Visitamos as moradias também. Conhecemos e discutimos com a população, na medida do possível, a dura realidade da exploração sexual infantil na região Norte naquela época, descrita no livro *Meninas da Noite* de Gilberto Dimenstein. Todas as noites as reuniões da nossa turma aconteciam no quintal do alojamento e tudo ficava prontinho para partir cedo no dia seguinte. Sobrava tempo para diversão também... Boas lembranças... A festa de nossa despedida no município reuniu prefeito, padre, pastor, capitão, cafetão, cafetina, pescadores, professores, bailarinos no boi de Parintins, muita gente amiga, regada aos sabores e cores para-





enses. Inesquecível... Encontrar nos caminhos da vida cada uma das pessoas que participaram, é sempre com gratidão! A Bete “Tuchau”, Gleide, Astrid, Ariete (sempre!), Fabi, Mariana, a encantadora Sumire Sakabe, Zé, Montanha, Uberaba... Todos se tornaram profissionais de sucesso na área da saúde!

A segunda viagem foi para o sertão baiano e eu já estava formada, mas consegui convencer o pró-reitor da extensão de que eu seria útil na missão. E fui! Diferente de Monte Alegre. Outra cultura, o povo sofrido – menos organizado social e politicamente –, vivia o coronelismo e tivemos sérias discussões até com o prefeito! Os recursos não chegavam para a saúde e as unidades de saúde mal funcionavam. Faltava vacina e tudo o mais. Mobilizamos lideranças e deixamos contribuições, acredito. Tenho vontade de voltar lá. Mais experiências para me guiar para sempre. Mais amigos que se tornaram profissionais e pessoas que contribuem para uma sociedade mais justa.

Em seguida, com um currículo recheado de experiências de “extensionista”, fui selecionada para trabalhar no Programa Saúde da Família na Zona Leste de São Paulo. Iniciei segura de que poderia contribuir com a melhoria da qualidade de vida das famílias e comunidades. Conheci cada bairro que trabalhei como a palma da mão e muita parceria com os Agentes Comunitários de Saúde. Estando na UBS ou no território, até hoje, muito tempo depois, sou também chamada pelo nome, no meu caso, pelo apelido – Bob! Que significativo isso é para mim!

Parti para a pós-graduação no primeiro ano de formada e não parei nunca mais de estudar! Estudei profundamente sobre hanseníase, me tornei enfermeira de referência para evitar incapacidades nas pessoas em tratamento e mais tarde, em enfermagem e dermatologia. Sou especialista em recuperação nutricional de desnutrição na infância e junto com toda equipe traçamos o risco nutricional de mais de seis mil crianças, menores de cinco anos, numa das UBS onde trabalhei. Estudo a população em situação de rua e assuntos afins. Aventurei-me pela docência. Procuro conciliar todos esses amores. Se Saúde da Família é uma realização profissional para mim, cuidar de minha família é algo sagrado! Uma curiosidade é que o casamento também foi fruto da graduação na EPE... E dele, o filho!





A extensão universitária no processo de construção da identidade profissional

Anderson da Silva Rosa

Todas as explicações possíveis sobre as escolhas e rumos da minha vida profissional perpassam pelas experiências da extensão universitária. Nas próximas linhas, discorrerei sobre a importância e repercussões de algumas dessas experiências e espaços de socialização no meu processo de construção da identidade profissional.

Ainda adolescente, e com dúvidas em cursar ou não a graduação em enfermagem, eu assistia às apresentações sobre a Unifesp em um auditório lotado de estudantes que acabavam de ingressar nesta universidade. A motivação em experimentar a enfermagem veio do encantamento com os projetos de extensão que eram apresentados nesse auditório, e que me desvelou possibilidades de atuação e de implicação na vida de outras pessoas que eu desconhecia – fui fisgado. Logo nas semanas iniciais de aula, teve início um processo de investigação e experimentação junto aos projetos de extensão da Unifesp. Das primeiras impressões ficou a inquietação pelos processos de seleção para participar deles, pela burocracia, relações verticais e disputas por poder entre os membros, e pela necessidade de um período probatório para que se pudesse conhecer e interagir com o campo.

Em 2001, ainda no primeiro ano da graduação, juntei-me a um grupo de estudantes, em sua maioria da enfermagem e que compartilhava das inquietações descritas, e com o apoio da professora Ana Brêtas criamos o Projeto de Extensão Saber Cuidar. A ideia inicial foi desenvolver, nos finais de semana, atividades de saúde, esporte e cidadania em parceria com a equipe de Estratégia da Saúde da Família (ESF) na área de abrangência da Chácara Bela Vista – região vinculada à Coordenadoria de Saúde de Vila Maria da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. Os anos de atuação nesse projeto trouxeram experiências marcantes e, a todo o momento, as habilidades e a cria-





tividade dos participantes eram desafiadas – estudantes, profissionais e comunidade. Foram atividades de educação com grandes grupos de crianças; envolvimento com os líderes comunitários locais para pensar as possíveis contribuições do Projeto para a população; mobilização da comunidade para atuar sobre os problemas do lixo e saneamento básico da região; atividades com adolescentes para identificar talentos e alternativas pessoais e coletivas para inseri-los no mercado de trabalho, pensar em carreiras e afastá-los do assédio da criminalidade; atividades de orientação sexual e prevenção de doenças para estudantes de uma instituição religiosa de ensino. Construímos muitas relações, vivenciamos conquistas e perdas junto a essa comunidade. Recordações que após alguns anos ainda me impregnam de emoção e sentido. Esse Projeto se encontra em plena atividade nos dias de hoje, trabalhando na região do Jardim São Savério e Parque Bristol.

Paralelo às ações iniciais do Saber Cuidar participei do Projeto Universidade Solidária. Integrei um grupo de dez estudantes da Unifesp que foi ao município de Teolândia, na Bahia. Dentre as principais atividades, realizamos capacitações aos agentes comunitários de saúde, educação popular e a criação de duas brinquedotecas, após campanha de doação de brinquedos realizada previamente em São Paulo. Essas vivências trouxeram a possibilidade de pensar problemas de saúde típicos de outra região do país, interagir com as dificuldades e desafios de promover saúde e prevenir doenças em um pequeno município carente e com poucos recursos institucionais. Foi um choque de realidade e cenário de muitas aprendizagens. Das crianças que participaram do Projeto recebi o apelido de Gigante, e tenho o prazer de ainda hoje manter contato com algumas dessas pessoas. Hoje, homens e mulheres com famílias constituídas, mas que ainda me chamam de Gigante. Na época dessa experiência, nasceu a primeira pesquisa de iniciação científica com bolsa do CNPq e também o desejo de atuar na ESF – novamente fisgado. Anos depois, enquanto profissional, atuei como enfermeiro da ESF e atualmente trabalho como gerente de uma Unidade Básica de Saúde (UBS).

No segundo ano da graduação, por intermédio do Projeto de Extensão Saúde do Povo em Situação de Rua, vivi a experiência de conhecer usuários e trabalhadores de um Centro Comunitário que atendia pessoas em situação de rua. Tivemos a oportunidade de pensar a saúde sob a ótica dessa população, refletir sobre o processo de





inclusão e exclusão social, desenvolver outros repertórios de ações educativas e assistenciais, rever criticamente nosso papel social enquanto estudante de uma Universidade Pública. Através da segunda bolsa de iniciação científica me aprofundei no estudo sobre condições e sentidos de vida e de saúde para as pessoas em situação de rua. Fisgado pela terceira vez; somam-se, desde essa experiência, 12 anos de estudos nessa área, incluindo meu mestrado e doutorado.

Enquanto profissional, a afetação e sentido das experiências extensionistas se mantiveram ativas e ampliaram meu repertório de intervenção em atividades assistenciais, educativas e de gestão. Para ilustrar com alguns exemplos, em uma de minhas primeiras experiências profissionais supervisionava o estágio de estudantes do último semestre do curso de enfermagem. A atividade estava prevista para acontecer em uma UBS que passava por reforma no prédio e mudanças de profissionais, o que inviabilizava parte da atuação dos estudantes. Propus à universidade e aos estudantes desenvolver esse estágio em um Centro de Acolhida para pessoas em situação de rua e apesar do estranhamento inicial a experiência foi produtiva para todos que tiveram envolvidos nesta interação. Hoje, atuando como gerente de uma UBS, e transcorrida mais de uma década das principais experiências na extensão, continuo valendo-me dos repertórios de atuação apreendidos. Pensando e atuando com as lideranças comunitárias nos determinantes sociais de saúde da região, no fortalecimento do Conselho Gestor local, contribuindo com profissionais em estratégias de cuidado em situações complexas que fogem do habitual, negociando com lideranças políticas e institucionais, valorizando os interesses e necessidades da população e profissionais.

Não quero aqui minorar a importância dos conhecimentos que compõem às disciplinas da área da enfermagem, mas pensar em formas mais eficientes para o processo de ensino-aprendizagem que inclui a valorização de espaços de convívio social entre estudantes e diferentes populações. Espaços onde conteúdos possam ser testados e aprimorados, onde se vive a saúde em sua perspectiva multidimensional e se pode interagir com seus determinantes sociais; onde a universidade pode contribuir com processos de desenvolvimento local; onde possamos aprender e ensinar sob a lógica do trabalho interprofissional e interdisciplinar. Faz-se necessário ampliar os limites da formação profissional para além do desenvolvimento de competências técnico-





operacionais, incorporando às experiências outros aspectos da vida social e da vida organizativa; interferindo no processo de construção de identidades pessoais e profissionais ratificadas pela inserção dos estudantes nos principais problemas e desafios da sociedade.

Não consigo imaginar que profissional, ou que rumo minha carreira teria tomado, caso eu não tivesse tido a oportunidade de viver as experiências proporcionadas pela extensão universitária. Foi com auxílio delas que conferi sentido em ser enfermeiro, pesquisador, docente e gestor na área da saúde coletiva.





A extensão na formação do profissional da saúde

Patrícia Leal Sousa

Ao entrar na universidade, eu participei de diversas atividades oferecidas por graduandos e docentes dos diversos cursos. Das apresentações sobre as atividades realizadas no âmbito da universidade, além das relacionadas à grade curricular, chamou-me atenção as apresentações de alguns grupos de universitários que extrapolavam os limites espacial e curricular da universidade para estarem em contato com comunidades para “aprender, ensinar e trocar” assuntos que fogem da especificidade de cada profissional do campo da saúde.

Esses grupos que despertaram a minha curiosidade foram os dos projetos de extensão universitária, em especial o Projeto Cananéia e o Projeto Lá Fora.

Os projetos de extensão universitária tinham o propósito de promover experiências em atividades comunitárias, com a compreensão da dinâmica do processo saúde-doença e o papel ativo do estudante de saúde na sociedade. Partiam do pressuposto de que o ato de educar, acima de tudo, deve ser dialógico entre sujeitos, e requer uma ação transformadora sobre a realidade posta.

A diferença entre os dois projetos era em relação ao local de atuação, pois o Projeto Cananéia realizava as atividades na cidade de Cananéia-SP, e o Projeto Lá Fora, em algumas comunidades da cidade de São Paulo e da cidade de Ubatuba-SP.

Os Projetos eram ancorados no pensamento crítico da teoria pedagógica de Paulo Freire. Havia a presença de graduandos de todos os cursos, caracterizando-os como multiprofissional e interdisciplinar.

Além das atividades de campo, havia encontros periódicos com os participantes dos projetos para discutirem o planejamento e a avaliação das atividades, como a realização de leituras de textos referentes à linha metodológica adotada.





Mesmo com toda a preparação teórica, o desenvolvimento das atividades acontecia um pouco fora da programação determinada, pois estas atividades ocorriam de acordo com o interesse e participação do público. Somado a isso, havia a inquietude dos estudantes que, imbuídos da imagem do jaleco branco, sentiam vontade de trazer todo o conteúdo apreendido nas aulas para orientar a população sobre a prevenção e tratamento das doenças.

Destaco a experiência que um grupo do Projeto Cananéia vivenciou com as mulheres de uma comunidade visitada. Num primeiro momento, junto ao grupo de mulheres da cidade de Cananéia, recém-extensionistas ousaram discutir temas relacionados à saúde da mulher, como os temas menstruação e menopausa. Mas foi perceptível que a atividade ilustrada por um útero não agradou as mulheres. Elas esperavam mais do grupo, já que as atividades na comunidade aconteciam uma vez por mês no final de semana. Elas, como também grande parte da população que participava das atividades do projeto, esperavam a cada mês algo diferente, algo que pudesse fugir das atividades cotidianas.

Foi uma experiência inicialmente frustrante, mas desafiadora ao grupo. Era necessário planejar outra ação que pudesse envolver o grupo de mulheres. Ficou decidido que o grupo retornasse à comunidade e que iniciasse uma conversa com a população sobre a vida, gostos e desejos de cada um. Essa conversa permitiu uma relação mais próxima do grupo com as pessoas da comunidade, pois também foram trocadas experiências entre ambos. Foi necessário que tanto a população quanto o grupo do projeto se permitisse a falar e a ouvir.

A partir dessa experiência nasceu a ideia de criar um espaço de diálogo mediante a realização de atividades culinárias e artesanais, por exemplo, com as mulheres. Mesmo com a nossa inexperiência em relação à culinária e ao artesanato, o momento com o grupo foi enriquecedor, pois despertou a todos o interesse sobre a saúde e vida de cada um. O que se discutia não era somente a saúde das mulheres da comunidade, mas também a saúde dos estudantes, numa troca de experiências e saberes.

Esse exemplo ilustra o que acontecia entre os extensionistas e a comunidade: não havia lados, nem donos de saber. A troca de saberes e experiências tinha uma sensação de liberdade e construção conjunta. Sem excluir a responsabilidade de cada extensionista em relação ao seu papel enquanto estudante da saúde.





Com outros grupos da comunidade os projetos desenvolviam atividades lúdicas, principalmente com as crianças e adolescentes. Os estudantes, a partir de atividades artísticas e espontâneas, procuravam discutir e organizar ações com os diversos grupos, como as práticas de educação e promoção em saúde (teatro infantil sobre higiene corporal), atividades físicas (dança), atividades culturais (música), educação alimentar (culinária), entre outros.

Também foram realizadas capacitações aos profissionais de saúde das comunidades, o estudo de plantas medicinais, o estudo do território e também o apoio para a construção da associação de bairro e do conselho de saúde local.

Para os participantes da extensão a experiência foi extremamente rica e única em diversos aspectos, principalmente para a formação acadêmica. Após a vivência com a comunidade, os estudantes tiveram a capacidade e o interesse de propor novas alternativas de atuação em relação ao seu papel profissional em saúde, como também a iniciativa de promover espaços de reflexão dentro da universidade e nos espaços de atividade prática acadêmica.

Associado ao modelo metodológico adotado e aos paradigmas de educação e saúde, houve o estímulo ao exercício livre e criativo da transformação social e humana, tanto dos universitários quanto da comunidade. As atividades de extensão ofereceram aos estudantes a oportunidade de discutir temas como educação, Sistema Único de Saúde, ética, meio ambiente e desenvolvimento sustentável, economia e trabalho, antropologia, questões sociais e culturais, entre outros, que muitas vezes não são frequentemente abordados nos espaços acadêmicos.

Os resultados do trabalho de extensão foram conferidos com o estabelecimento do vínculo e parcerias com a comunidade, no sentido de criar possibilidades para a produção e reconstrução de conhecimentos sobre o processo saúde-doença, buscando conjuntamente formas para intervir nos problemas de saúde sentidos e detectados. O trabalho com a comunidade implicou o estabelecimento dos princípios de parceria, acolhimento, vínculo e controle social, e que trabalhar conjuntamente significou fazer “com” a comunidade e não somente “para” ela.





A experiência de gestão administrativa

*Anacleta Rodrigues Lima
Nanci Andrade Santana*

Conhecemos a professora Ana Cristina desde 2005, quando ingressamos na Universidade Federal de São Paulo. Até 2012, não conhecíamos o seu trabalho, mas já observávamos o atendimento preferencial e único dado a cada pessoa que lhe procurava. Não entendíamos porque tanta gente entrava em sua sala: do estudante de graduação aos moradores em situação de rua, palhaços, idosos, pessoas muito diferentes ao ambiente universitário. O que será que eles tanto conversavam...

Em 2013, o Com-Unidade, programa de extensão coordenado por ela, recebeu fomento do Programa de Extensão Universitária (ProExt) cujo objetivo é “apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas”. Nesse momento teve início a nossa participação no Com-Unidade.

Fomos convidadas para fazer a gestão administrativa do Programa, com isto nos aproximamos. No início pensamos que seria apenas mais um trabalho dentre tantos outros que desenvolvemos na Unifesp, contudo, foi a partir dessa experiência que entendemos o significado da extensão universitária para a formação dos estudantes e trabalhadores da área da educação. A extensão está associada à reciprocidade entre o conhecimento gerado na instituição e o produzido pelas comunidades, assegurando o estreitamento de vínculo entre todos os atores sociais envolvidos neste processo.

Sentimos o nosso trabalho valorizado, pois a gestão administrativa propiciava a execução cotidiana das ações extensionistas previstas no Programa e, conseqüentemente, em seus quatro projetos.

Para que os projetos pudessem ser executados diversos trâmites burocráticos precisaram ser seguidos, deixando evidente a impor-





tância da inclusão na equipe de trabalhadores com familiaridade e preparados para fazer a execução administrativa do uso do dinheiro público. A nossa presença é fundamental para agilizar a aplicação do fomento recebido, evitando que, no final de um ano, o recurso seja devolvido à União sem a devida aplicação prevista no Edital ProExt. Infelizmente, esse trabalhador é raro na universidade e essa demanda recai para o coordenador do Programa, que sabe fazer extensão, mas nem sempre é um gestor administrativo.

Apesar de cansativo, foi bom compor a equipe do Com-Unidade. Os caminhos não eram fáceis, tendo em vista, que um projeto deve ser executado em um ano e seguir as regras do Departamento de Gestão Financeira e Orçamentária da Universidade e caminhar por outros setores, conforme o plano de trabalho.

O que pudemos observar, ao longo do desenvolvimento do Programa, é que para que haja êxito no uso dos recursos é necessário ter uma visão global do funcionamento administrativo, pois cada setor dentro da universidade – principalmente os que tangem recursos (material, administrativo, permanente, consumo) –, tem prazos para solicitações já que as demandas são muito diversas e complexas. Não existe apenas a verba ProExt para ser executada na universidade, existem outros programas, portanto é necessário ter controle dos prazos para agilizar o trabalho junto a todos os setores administrativos.

Este foi o nosso trabalho: acompanhar administrativamente a “vida” do Com-Unidade dentro da Unifesp, otimizando os recursos, fazendo a gestão administrativa, estabelecendo diálogo intra e extra-programa. Coube interagir com a coordenação do Programa, com os estudantes extensionistas, com lideranças do Movimento Popular de Saúde.

Indubitavelmente, o comprometimento com o trabalho, com os participantes do Com-Unidade, foi um fator fundamental para o êxito da gestão administrativa. Essa experiência evidenciou que é necessário agregar à equipe extensionista um trabalhador que compreenda os trâmites burocráticos na universidade pública e assim viabilize a execução orçamentária dos fomentos captados pelos programas e projetos sociais.





2ª CENA

Projeto Saber Cuidar







Ser extensionista

Adriana Gleice

Ser extensionista do Projeto Sabe Cuidar é uma experiência única na vida de um estudante, pois possibilita muitos aprendizados, diversão, construção de novas amizades e, acima de tudo, encontrar pessoas com o mesmo ideal.

Em 2013, a escola na qual realizávamos as atividades extensionistas passou por uma depredação, alguns jovens entraram, picharam e roubaram algumas coisas. Assim, um professor, parceiro do Projeto, sugeriu para abordarmos em uma das nossas atividades a temática violência, sobretudo com os jovens estudantes.

Nas nossas reuniões pensamos em como trabalhar a questão da violência. Como lidar com esse assunto sem ser entediante e ao mesmo tempo ser crítico e reflexivo sobre essa problemática tão atual nas escolas brasileiras. Nós tínhamos dúvidas em como desenvolver esse tema sem ser pedante e/ou agressivo com a comunidade, após ampla discussão, com a ajuda de todos, tivemos a ideia de abordar o tema violência falando da paz.

Nisso você leitor me questiona: como falar de violência falando da paz?

Pois é, nós pensamos em desenvolver atividades em que eles se lembrassem da importância de trabalhar em grupo, de um cooperar com o outro, inclusive para ter um ambiente limpo e arrumado para que todos pudessem usufruir. Aprender e ensinar a valorizar os espaços públicos, entendendo que são lugares coletivos e, portanto, precisam ser ocupados e cuidados, é também uma forma de trabalhar com o tema violência, sobretudo a violência estrutural.

Optamos por trabalhar de forma lúdica, assim propusemos atividades físicas, nas quais estimularíamos a participação coletiva, a importância das regras sociais, o respeito ao outro por meio de jogos.





Assim, desenvolvemos atividades como a corrida solidária, corrida de “três pernas” (o participante tem uma de suas pernas atadas com outro companheiro formando uma dupla) e o futebol, e no término de cada atividade questionamos como eles se sentiram e lembro que teve um que relatou “que a corrida solidária foi bem difícil e que só consegui por conta da ajuda do outro”. Depois disso, falamos um pouco sobre a importância de trabalhar em grupo, reconhecer que sem o outro não conseguiria completar a atividade e que o ambiente precisa estar organizado e arrumado para que possa desenvolver as ações. Na corrida solidária havia uns obstáculos que dificultavam os percursos, mostrando a importância de preservar o meio em que vivemos.

Por último, fizemos o futebol solidário, “amarramos” duas crianças pela mão e ambas tinham que correr juntas para conseguir jogar. O engraçado de tudo isso, é que às vezes amarramos os jovens que não tinham a mesma idade, alguns eram mais novos com os mais velhos, e eu pensei: – isso não vai dar certo, o maior vai sair correndo e nem vai se importar com o menor. Eles me surpreenderam, um ajudava o outro e o mais velho muitas vezes ajudava o companheiro mostrando como fazer, e quando a pulseira que estava juntando um ao outro soltava o maior pegava e amarrava novamente e incentivava o menor a continuar o jogo.

Essas foram as atividades nas quais conseguimos ver alguns resultados imediatos. As pessoas que praticaram o ato de depredação não estavam ali, mas nós conseguimos atingir aquelas crianças e de alguma forma plantamos uma semente sobre a não violência.

Essa visita me tocou, quando chegamos lá não sabíamos se ia dar certo e tinha um grupo de jovens que não queria participar, mas no final todos participaram e estavam lá ajudando uns aos outros e fazendo parte dessa experiência.

No final deu tudo certo, mas o que aprendi com isso?!

Aprendi que na vida é possível abordar diversos assuntos de uma forma suave, de uma forma amorosa, em que o outro tenha a liberdade de concordar ou não, e, acima de tudo, levo comigo a certeza de que estou no caminho certo.





Essa visita mexeu comigo, porque naquele momento eu era um ser humano tentando fazer algo melhor para o outro, mostrando como devemos agir, sem a pretensão de ser alguém superior ensinando, mas uma pessoa igual a eles lembrando que estava ali só pra ajudar na coordenação das atividades. Levo comigo o princípio que se deve preservar o ambiente público, ter um sentimento de que o público também é meu e que precisamos cuidar dele.

Extensão provoca um sentimento que talvez eu não consiga traduzir em palavras, mas confere sentidos para a minha vida.





Vivências estudantis em extensão popular

Camila da Silva Oliveira

Com a extensão universitária pude expressar a enfermeira que há dentro de mim, não cuidando somente de pessoas em estado de doença, mas cuidando em forma de carinho e dedicação, levando assim à prevenção de morbidades e doenças sem pressões e represálias de professores e sem visar à nota no final da prova e/ou estágio.

A experiência da extensão mostrou-me uma visão diferenciada do cuidar e do fazer o bem, trazendo-me benefícios de satisfação por trabalhar com pessoas e/ou comunidades, dando sentido à minha vida.

A oportunidade de poder trabalhar com pessoas “diferentes”, possibilitou-me ter uma visão holística do mundo, evitando pré-conceitos. Tirou-me da “bolha universitária”, permitindo contado com comunidades e isto me dá alegria, conhecimentos e realização. Estou satisfeita.

Na extensão universitária aprendi a educação popular como meio de disseminar os conhecimentos adquiridos em formas de brincadeiras, conversas, teatros, simplesmente pelo prazer de fazer, pelo prazer de um sorriso, de um abraço apertado, de um obrigado tímido ou apenas por um olhar singelo, trabalhando sempre em conjunto com as pessoas e ajudando em suas demandas, esperando que um dia elas não precisem mais de nós como “orientadores da saúde”, mas, sim, como amigos, parceiros.

A extensão universitária proporcionou-me oportunidades únicas de aprender coisas que jamais aprenderia só com a universidade.

Em 2013, com os recursos do ProExt tive a oportunidade de ir ao Congresso Iberoamericano de Extensão Universitária, em Quito-Ecuador, fazer parte da organização do I Encontro Repertorial de Extensão e





Educação Popular (I EREEP) e de uma Oficina sobre Educação Popular, em que pude aprender mais sobre Extensão e ter contato com pessoas de outros estados e países que também fazem Extensão, podendo, assim, trocar experiências e ideias de como melhorar cada dia mais.

Essas experiências foram ricas e me instigaram a aprimorar meus conhecimentos sobre Educação Popular visando aprimorar cada dia mais a minha formação como enfermeira.





Transform(ação)

Juliana Yuri Nakayama

A extensão tem me proporcionado experiências muito além da universidade e do conhecimento que ela engloba. Desde as reuniões até as visitas realizadas, desde um discurso até o silêncio emoldurado por um sorriso.

Quando nos envolvemos em um projeto de extensão, pensamos logo naquela ideia de “devolver serviços à sociedade” e, atrelado inconscientemente a isto de que devemos ensinar, levar conhecimento para as pessoas menos favorecidas.

E assim começou a minha experiência na extensão. Mas não era o tipo de extensão como dito acima – se o fosse, talvez seria mais fácil. O Projeto Saber Cuidar tinha como pressuposto a tal educação popular. E então, vários dos conceitos que carregava, foram desconstruídos. As próprias visitas refizeram meus conceitos.

Na primeira reunião que participei, os estudantes extensionistas explicaram qual era o objetivo do projeto e que em nossa primeira visita, iríamos fazer uma passeata pela comunidade, para estimularmos os jovens a saírem das ruas e irem para a escola, onde havia atividades recreativas e muitos outros projetos. Essa ideia partiu de um morador da comunidade. Partiu de uma criança. E a forma como o Saber Cuidar não só ouviu a opinião do garoto, como acatou, como considerou importante a ideia dele, começou a revolucionar minha mente. Temos o soberbo pensamento de que a universidade e sua prole são detentoras do saber, de que nossas ideias são melhores do que as da comunidade (como se não fizéssemos parte desta). Mas, como disse, esse projeto era, aliás, é diferente. Não busca levar conhecimento da forma tradicional, busca troca de saberes. Não deseja que as pessoas que recebem nossas visitas dependam de nós para algo, mas o empo-





deramento da comunidade, independência. Não é fácil, no entanto, aderirmos a um pensamento totalmente contrário àquilo que vivemos toda nossa vida.

Assim, a extensão ensina-me em cada momento, em cada passo que dou. Modifica-me, reinventa-me. Cada visita ensinou-me em algum aspecto. No entanto, acho que quando mais aprendi não foram nas visitas, mas nas reuniões na faculdade, na vivência com pessoas totalmente diferentes em idades, tradições, pensamentos. São os debates, desde o que faremos nas visitas até as brigas que ocorrem por divergência de ideais.

Nunca imaginei que faria tanto (se comparado ao que já fiz, mas pouco se comparado a tudo o que pode ser feito) em tão pouco tempo. Não digo isso como se tivesse feito algo para a humanidade (talvez para uma parte dela, sim!), mas tanto por mim mesma. No final de tudo, as experiências que vivi na extensão, antes de fazerem bem a qualquer outra pessoa, fizeram bem a mim.

Há duas formas que posso expressar minhas reflexões. Poderia citar aqui várias cenas com várias pessoas que conheci durante as visitas e reuniões, exaltando ações que de alguma forma eu admirei. Mas não creio que essa é a melhor forma de expressar a minha vivência, essa seria a via mais fácil, pois não me exporia tanto. A outra é dizer o quanto mudei e em que mudei, e considero mais difícil porque sempre incomoda um pouco o ego assumir que antes eu não era assim, embora seja uma reflexão mais verdadeira e pessoal. A extensão (e com essa palavra já abranjo as pessoas com quem convivi, os lugares que conheci e eventos que participei) ensinou-me (e isso não é definitivo, pretérito perfeito, mas um perfeito gerúndio) a ser mais tolerante, mais feliz, menos soberba e mais solidária. Ensinou(ando)-me a amar o próximo na ação e não só da boca para fora, a sair da minha zona de conforto, a ter mente mais aberta. Ensinou(ando)-me a aprender, a ensinar. Ensinou(ando)-me a, sobretudo, cuidar de mim, do outro e de nós.





Projeto de extensão como mediador para a mudança

Keyla Naomi Ishizaki

Ao escolher o curso de Enfermagem pensava que seria capaz de modificar a sociedade através da promoção à saúde, me tornaria cada vez mais humana e que a faculdade seria a base para tudo isto. Entrando na Unifesp meus horizontes se ampliaram, e pude perceber que os professores e estágios poderiam me proporcionar isso, mas o projeto de extensão poderia muito mais. E indo a uma das reuniões do Saber Cuidar decidi me tornar membro.

No início, confesso que não compreendia o verdadeiro valor do Saber Cuidar, mas, ao ver o empenho dos membros mais veteranos e participando das visitas na escola no Jardim São Savério, entendi que o projeto é muito melhor que poderia imaginar. Compreendi que, como futuros enfermeiros devemos passar o nosso conhecimento para aqueles com mais dificuldades, promovendo a saúde.

Cada visita era uma grande reciprocidade, em que eu e meus companheiros de projeto levávamos o nosso conhecimento, mas em troca também aprendíamos muito com cada história, cada pessoa, cada vida!

Aprendi principalmente com as crianças, pois as mesmas nos surpreenderam pela noção que tinham de companheirismo, de valorizar o que têm e de serem felizes com tão pouco.

No Saber Cuidar aprendemos a ser mais humanos, a pensar em cada pessoa, dar o nosso melhor, valorizar cada ideia e opinião e, principalmente, o valor que a Educação Popular tem. Mesmo com alguns problemas no grupo, enxerguei pessoas dispostas a ajudar o próximo e com a real intenção de querer contribuir da melhor maneira para o projeto.





Agradeço o aprendizado que adquiri e aos membros dos Saber Cuidar que estiveram presentes. Terminei este relato com a frase de um dos melhores pensadores sobre educação popular, que acredito defina um pouco daquilo que acredito nesse projeto. “Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo. Se não é possível mudá-lo sem certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenho para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”
(Paulo Freire)





A importância do Saber Cuidar para minha formação

Leticia Lima da Silva

A minha participação no Projeto Saber Cuidar teve início em 2011, quando entrei na faculdade e estava à procura de um projeto de extensão em que eu tivesse a oportunidade de estar mais perto da comunidade e poder trabalhar com ela. O Saber Cuidar atendeu totalmente as minhas expectativas e percebi o quanto os membros, naquele momento, trabalhavam com o intuito de fazer ações com a comunidade, com as pessoas.

As visitas à comunidade ocorrem uma vez por mês, e em cada visita que eu realizava era nítido o envolvimento e a experiência mútua entre os membros do projeto e as pessoas. A experiência adquirida, desde 2011, foi essencialmente baseada em cada atividade realizada com eles, sejam as palestras para os adultos, os teatros e as gincanas para as crianças. Ao longo desses três anos, tive a certeza que todo o trabalho construído só foi viabilizado em razão da parceria com a comunidade, por meio do movimento popular de saúde e do Programa Escola da Família, realizado na escola estadual local.

Desde que ingressei no Saber Cuidar, tive o prazer de participar de muitas visitas mensais. Inclusive muitas me marcaram, de modo a perceber que as mudanças que desejamos são feitas a partir da iniciativa coletiva entre as pessoas. Eu me recordo que no ano de 2011, nós, membros do Projeto, realizamos uma ação com a proposta de explicar para as crianças e os adultos como prevenir doenças como dengue e leptospirose, aplicando ações simples no dia a dia.

O ano de 2012 foi gratificante, pois, pude participar de uma caminhada pela comunidade, e aquele momento foi decisivo para mim e acredito que para muitos dos membros novos do projeto, pois estabelecemos uma relação de reciprocidade com as pessoas da comuni-





dade. Ao longo da caminhada tive a oportunidade de conversar com uma senhora, que faz parte do movimento popular em saúde, quando compreendi melhor quais são os objetivos e o trabalho que realizam junto à comunidade.

Com o passar de algumas visitas, a certeza de estar no lugar certo e fazendo algo bom aumentou. Hoje, ao chegar ao meu último ano de graduação, posso afirmar que sou uma pessoa diferente daquela que entrou no projeto. Se me perguntarem o que projeto Saber Cuidar e a Enfermagem, que é o curso que realizo, possuem em comum, posso garantir que ambos buscam a promoção em saúde e o acolhimento das pessoas.

O ano de 2013 foi um período de constante contato com a comunidade, a chegada de novos membros ao projeto fortaleceu o nosso trabalho. Houve a realização de uma palestra para os adultos, tratando de doenças como a diabetes e hipertensão, na qual foi possível dialogar de maneira simples, tirar dúvidas e buscar estratégias coletivas para prevenir estas doenças ou tratá-las adequadamente. Nesse mesmo dia, realizamos atividades para as crianças abordando o cuidado com o corpo e o conhecimento sobre o corpo humano, dessa maneira, as crianças tiveram a oportunidade de tirar dúvidas acerca do que elas entendiam sobre seu corpo.

Outra visita muito marcante para mim foi abordar com as crianças sobre a preservação do meio ambiente e do meio em que vivem, de forma que elas pudessem refletir sobre a importância de ações simples, como não jogar papel no chão, mas que são fundamentais para não causar enchentes e, conseqüentemente, o aparecimento de doenças. Esse assunto foi abordado através de uma dramatização em que foi perceptível a atenção que elas mantinham durante a encenação e a curiosidade em querer saber mais sobre os problemas que podem ser causados no meio ambiente.

No final dessa visita, foi gratificante quando algumas crianças me contaram suas vivências sobre essa problemática e como elas pretendiam mudar e ensinar outras pessoas, com o propósito de que tais fatos ruins não acontecessem novamente. Recordo que uma dessas crianças propôs que na próxima visita, nós, membros do projeto, com estudantes da escola, tomássemos a iniciativa de limpar o jardim da escola. Esse foi um dos momentos no qual eu me senti totalmente





realizada ao ter a certeza que o ideal do projeto em “fazer com” e não “fazer para” estava sendo incorporado e praticado.

Enfim, aprender e ensinar com as pessoas que podemos ser agentes responsáveis por mudanças significativas nas nossas realidades é o que mais me agrada. Perceber a força da comunidade e sua atuação efetiva em busca de melhorias para si e para outros é a certeza de que o trabalho do projeto está sendo efetivo.

Só tenho a agradecer aos antigos membros do Saber Cuidar, que com a professora coordenadora do projeto ajudaram a construí-lo, aos atuais membros pelo trabalho realizado e, à comunidade, ao movimento popular de saúde e às pessoas que trabalham na escola estadual, onde as ações do projeto são realizadas, a gratidão pelas experiências proporcionadas.

Posso afirmar que o Saber Cuidar me fortaleceu como pessoa e mudou a minha percepção sobre como é construir e trabalhar verdadeiramente em conjunto.





Aprendizado apreendido

Mariana Barros Malta

O projeto Saber Cuidar esteve presente em toda a minha graduação e a partir dele pude ter mais intimidade com esse “mundo” que é a vida do outro, dos outros, ou de uma comunidade, que me mostraram sentidos e sentimentos as experiências nunca vividas, e eu tomei aqueles sentimentos para mim.

Depois de um ano trancada em uma sala de cursinho, com uma pilha de livros ao meu lado, entrei na faculdade com a necessidade de conhecer novas pessoas, ampliar meus horizontes, sair daquela mesmice em que eu me encontrava. Então fui convidada a participar do Saber Cuidar.

A partir desse momento, comecei a participar das reuniões, mas aquilo ainda não fazia muito sentido para mim. Não conseguia imaginar como aquele projeto iria influenciar a minha graduação. Mas veio a primeira visita. Várias pessoas, que eu nunca tinha visto antes, nos esperando para nos apresentar o local onde eles viviam. Aquilo foi a primeira melhor experiência, de tantas que ainda estavam por vir, que eu pude ter. A visita à Comunidade Jardim São Savério foi uma passeata para a divulgação do Projeto aos moradores e apresentação da região aos novos extensionistas. E o que mais deteve minha atenção foi o reconhecimento daquele espaço pelos próprios moradores como algo deles, não um simples endereço, e o contato de moradores novos e antigos, formando e reafirmando laços de amizade, em que uns eram acolhidos pelos outros e aumentando ainda mais a sensação de pertencimento àquele lugar.

Outra visita muito marcante abordava o tema “meio ambiente”, no qual foi feito um teatro que mostrava a contribuição direta e indireta de cada um na formação de uma enchente.





No fim dessa visita, vi um menino chamando seus amigos e recolhendo o lixo que foi jogado por outras pessoas no chão da escola, quando eu perguntei o que eles estavam fazendo, um deles disse “tia, essa escola é minha, então eu preciso cuidar dela. Mais tarde, vou recolher o lixo da rua toda!”. Naquele momento, vi que de alguma forma o Projeto estava fazendo diferença na vida daquelas pessoas. Vi que ainda há aquela tal “luz no fim do túnel” e que aquela ladainha de que um fio de esperança nasce a cada dia, pode ser mesmo verdade.

Para mim, o Saber Cuidar é um exercício de cidadania, pois me envolve para além do seu campo de vivência, permitindo a transposição de barreiras e preconceitos em benefício não só do outro, mas, também, de mim mesma. A extensão é isso, um meio para que haja maior conscientização de cada participante diante do papel que ele desempenha na sociedade, além de despertar o sentimento de solidariedade.





A transformação de uma graduanda em enfermagem

Mayara Caroline Moraes Medeiros

Faz exatamente três anos que escolhi participar do projeto Saber Cuidar e há três anos que estou aprendendo a ser mais humana. Comecei a frequentar as reuniões através de uma amiga, que já era membro, e não consegui mais parar de comparecer às reuniões, pois entre todos os projetos de extensão em que eu participava, o Saber Cuidar era o que eu mais me identificava. Não apenas pelo intuito do projeto, mas, também, pela dinâmica, em que os membros podem sugerir e opinar em qualquer assunto sem uma hierarquia, ou seja, todos são iguais perante o projeto. Denominamo-nos formiguinhas, que também é o nosso símbolo, pois trabalhamos unidos para conseguir o que queremos.

Durante o estágio obrigatório da faculdade, sempre conciliei a teoria dada em aula com a sabedoria que o projeto me dá, e isto me deixa mais confiante e humanizada, pois consigo realmente ver o indivíduo como um todo, não apenas a sua doença. Desse modo, pude observar que o paciente confia e se abre mais quando percebe que o profissional realmente quer cuidar dele, e então passa a contar coisas confidenciais que não contam para mais ninguém, que são importantes para sua saúde.

A experiência de participar do projeto de extensão Saber Cuidar foi grandiosa, tanto pessoal como profissionalmente. A cada visita à comunidade do Jardim São Savério, conquistávamos cada vez mais a confiança da população, que era demonstrada através das trocas de experiências, sugestões de temas para serem discutidos nas próximas visitas e com o pedido para que fossem trazidas as dúvidas e conhecimentos sobre assuntos diversos da saúde. O número de participantes da comunidade e dos membros do projeto também aumentou no decorrer dos encontros, o que nos proporcionava muita emoção e incentivo a continuar o nosso trabalho que estava dando certo.





Trabalhar com um grupo com grande diversidade etária, de um a noventa anos, com o tema de saúde, rendeu-nos muito estudo e trouxe muito conhecimento em como abordar cada faixa etária, principalmente com as crianças, pois tivemos de conhecer cada peculiaridade de seu desenvolvimento.

Uma das visitas que mais me emocionou, entre várias, nesses três anos, foi a de uma passeata organizada por um menino da comunidade que nos procurou para ajudá-lo. A passeata era para informar às crianças e aos adultos sobre as atividades que eram oferecidas na escola do bairro aos finais de semana, com o objetivo de as crianças não ficarem na rua e estarem em um lugar seguro, aprendendo coisas boas. Não obtivemos um número grande de pessoas, porém vários panfletos foram entregues e o objetivo foi cumprido. Emocionei-me com a garra de um pequeno guerreiro que acredita que pode fazer algo pela sua comunidade, e me orgulho em ser monitora do Saber Cuidar e participar desta luta.

A Festa Junina que preparamos foi incrível, pois além de contar-mos com a ajuda dos membros do projeto, também obtivemos auxílio de várias pessoas do curso de enfermagem (de todos os anos), que doaram prendas para deixar a nossa Festa Junina mais animada. Montamos várias barracas com diversas brincadeiras. As crianças mais velhas ajudavam as mais novas, e as crianças que ganhavam as prendas ficavam eufóricas, além de muitas relatarem que, como já tinham recebido uma prenda, iriam dar a outra para seu irmão ou amigo que ainda não tinham recebido. Foi muito bonito ver a união que todos tiveram durante o jogo e o senso de compartilhar com os outros.

Tive a honra de representar o projeto no I Congresso de Extensão organizado pela Associação de Universidades do grupo Montevideu (AUGM) I Congresso Internacional de Extensión de la AUG com o trabalho: “A (com)vivência de graduandas com o trabalho comunitário: a extensão universitária transformando ações individuais e coletivas”. A experiência foi excepcional e ótima para o crescimento do nosso Saber Cuidar, pois pude apresentá-lo a outras pessoas da América Latina com grandes trocas de experiência com os integrantes de outros projetos com temáticas parecidas ou bem diferentes, com miscigenação de cursos. Foi uma grande experiência pessoal e profissional, pois se tratou de um novo desafio: apresentar um trabalho





fora do ambiente da faculdade, com pessoas de outros lugares e em um país de língua diferente.

Aprendi tantas coisas com esse projeto que não aprenderia apenas com a grade curricular da minha formação, e posso dizer, com toda certeza que o projeto ajudou muito a me tornar uma enfermeira com um olhar mais realista e humanizado do mundo, deixando claro que podemos, sim, nos dedicar uns aos outros e que, assim, teremos resultados maravilhosos. Outra coisa que aprendi é que não adianta apenas passar a informação, temos que ter consciência e usar termos de compreensão de ambos, pois o outro pode entender realmente sobre o assunto. Não se deve apenas “jogar” a informação com termos técnicos.

Sou muito grata pelo Programa Com-Unidade e o Projeto Saber Cuidar que me proporcionaram muito conhecimento e momentos de felicidade. Saber que pude realizar a diferença na vida de alguém e saber que temos mais formiguinhas espalhadas por outros lugares. A minha vontade de continuar no Saber Cuidar só cresce a cada dia e, como uma boa apaixonada, tento ao máximo trazer pessoas para compartilhar o gosto maravilhoso que é participar e prosseguir o nosso trabalho. Dá um aperto no coração saber que estou no último ano da faculdade e que mais tarde não poderei estar tão presente, mas me sinto realizada e maravilhada com cada visita que fizemos, cada reunião, cada ato feito com amor, cada sorriso de uma criança e a gratidão dos adultos. Levarei comigo, para sempre, cada ensinamento, lições e a frase que mais me tocou, dita por um dos moradores da comunidade participante do projeto: “Vocês são os anjos da saúde, espero que guardem para sempre esse jeito de tratar das pessoas”. Com certeza, serei uma enfermeira muito melhor por ter participado desse projeto, onde aprendi coisas que nunca aprenderia na grade curricular.





Só pude me encontrar depois que me perdi

Samuel Sueharu Oka

O meu nome é Samuel, também conhecido como SAMUS, sou enfermeiro, grafiteiro, extensionista e outras coisas. Terminei minha graduação há um ano, portanto há um ano sou enfermeiro. Acho importante para qualquer indivíduo antes de tudo saber: de que lugar vem, aonde está e para onde vai.

Eu vim assim...

No começo achava que a enfermagem era apenas uma profissão predominantemente feminina e ligada à saúde, com a finalidade de aplicar medicações, vestir-se de branco, escrever relatórios, verificar os sinais vitais dos pacientes e ajudar os médicos.

Frente a essa visão, comecei meu curso de auxiliar de enfermagem e, concomitante ao curso passei a trabalhar em um hospital na área da administração. Continuei tendo uma visão superficial, achei que a enfermagem era só aquilo mesmo, o trabalho braçal de um hospital com o paciente. Até que fui chamado em um hospital para trabalhar como auxiliar, deixei aquela visão superficial e conheci um pouco melhor o trabalho do enfermeiro, fazíamos o trabalho braçal, mas também proporcionávamos conforto aos pacientes. Uma vez escutei de um amigo *“o quão importante e relaxante é um banho no leito quando não podemos mais caminhar até o chuveiro por conta do nosso estado clínico – talvez, mais importante que essa sessão de quimioterapia e radioterapia paliativa”*. Nesse trabalho aprendi muito. Esta e outras experiências me fizeram decidir fazer uma faculdade de enfermagem.

A formação da identidade profissional inevitavelmente acontecerá com qualquer ser humano. A formação de um conceito ocorre por meio de uma interação de múltiplos fatores, sistemas como as raízes rizomáticas, que são formadas por inúmeras outras raízes que vão se somando.





A dificuldade em relação à formação de uma identidade leva a insegurança nas decisões. A escolha da profissão é algo tão importante, porém é feita num momento precoce, muitas vezes sem o apoio necessário para tal escolha. (VIEIRA, 1999)

Em períodos mais remotos, por exemplo, a Idade Média, o desenvolvimento da criança era praticamente ignorado e rejeitado. O pensamento, nesse período, era que os homens se faziam humanos somente quando expulsavam tudo que houvesse da criança, as crianças não tinham uma imagem social, elas não eram nem mesmo o adulto em potencial ou em crescimento, ser criança era ser ninguém (CECCIM; PALOMBINI, 2009). Para os dias atuais, esse passado parece tão remoto, mas acredito que mantemos essa postura - não mais com as crianças, mas com os adolescentes -, em inúmeras situações ao tratar o adolescente por “aborrecente” ou na relação professor-aluno, quando o docente ignora as opiniões, vontades, anseios, manifestações dos jovens estudantes.

Eu estava assim...

O respeito é algo fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo. No Projeto Saber Cuidar (PSC) aprendi que o respeito à experiência do próximo se daria por meio de uma relação de mão dupla, diferente da relação unilateral tradicional. No Saber Cuidar éramos ouvidos e ouvíamos, na graduação só ouvíamos. A relação de via única era e é a regra na maioria das universidades.

A replicação da relação unilateral sempre se repetirá, a menos que o processo seja interrompido.

Eu vou assim...

Fugi um pouco da escuridão e fui para o palco, ouvi e fui ouvido, me envenenei pelo PSC. Infelizmente, não consigo mais frequentar as reuniões e atividades do projeto, mas busco aplicar todo o aprendizado do Saber Cuidar na minha vivência profissional.

Trabalho em um ambulatório dentro de um hospital público de médio porte, admito que o serviço não é perfeito, tem os seus problemas, mas também tem um grupo com vontade de partilhar soluções.





Um problema que tínhamos, e hoje não temos mais, era o sumiço de peças da Central de Material Estéril (CME). Para resolvê-lo, utilizamos a estratégia do Saber Cuidar: realização de reunião com conversa numa relação dialógica, horizontal, com os funcionários da enfermagem. O problema foi colocado, a discussão foi ampla, as propostas para solução discutidas em conjunto e acordado que seriam gerenciadas por todos. A partir daí conseguimos eliminar o sumiço dos materiais do CME, detectar por onde estavam sendo extraviados e, sobretudo construímos uma relação de confiança e reciprocidade entre os participantes do grupo. Após essa experiência, estamos realizando, pelo menos uma vez por mês, reuniões nesse mesmo molde para resolver os problemas cotidianos de trabalho. Falhamos em muitas situações, porém aprendemos com nossas falhas e, além disso, conseguimos nos colocar como autores dos processos das nossas vidas. O grupo se fortaleceu, o absenteísmo caiu muito, a produtividade aumentou e o mais importante: as pessoas sentem-se reconhecidas pelo seu conhecimento e responsáveis pelo bem coletivo.

Referências

CECCIM, R. B.; PALOMBINI, A.L. Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 301-312, 2009.

VIEIRA, M. J. A representação do cuidar na imagem cultural da enfermagem. *Rev.latino-am.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 7, n. 5, p. 25-31, 1999.





Conversando sobre extensão

Selma Eloy Machado

Para muitos, a extensão faz parte da graduação, complementa, ajuda no currículo... Para mim, hoje, penso que foi justamente o contrário: a extensão me deu ferramentas para fazer a graduação!

Ser extensionista é sair do quadradinho, da fôrma que a universidade a todo o momento tenta nos colocar, ser extensionista é ter liberdade para criar formas diferentes de ensinar, mas principalmente de aprender.

Foi a extensão que me, ensinou na pratica, o que é ser enfermeira, diria até que o que é ser cidadã, de ter direitos e deveres com o mundo e com as pessoas. A extensão apresentou-me a um mundo diferente, sem competição, sem assistencialismo, sem interesse no ganho.

Não é uma missão, não é voluntariado, é ser gente! É sair da lógica centrada no profissional detentor do saber/poder e se colocar na posição de eterno aprendiz.

A extensão, em particular o Projeto Saber Cuidar, apresentou-me pessoas maravilhosas e muito importantes na minha vida, não só na acadêmica ou profissional: Paulo Freire, Emanuel Falcão, Ana Brêtas, Dona Maria, a enfermeira Ione, Clara, meus colegas de turma e tantos outros que posso não me recordar do nome, mas que ajudaram a me construir.

A extensão ensinou-me a fazer saúde com o lúdico, com responsabilidade política e técnica. A extensão ensinou-me a escrever trabalhos científicos. Sim, afinal a extensão não é caridade. É ciência. É um local onde se produz conhecimento.

Lembro-me dos sábados que saía de Embu das Artes para ir ao bairro de Vila Maria com alegria para mais um dia de trabalho, de troca de experiências que guardo com muito carinho até hoje. Experiências que em quatro anos de graduação, no currículo proposto, não tive a oportunidade de viver/aprender.





Eis que chega a hora de escolher um tema para meu trabalho de conclusão do curso (TCC), e enquanto meus colegas buscavam os seus relacionados à fisiologia, procedimentos de enfermagem, técnicas, doenças, eu, felizmente, escolhia a Extensão. Optei por estudar a extensão em uma universidade pública, na qual o conhecimento estava centrado majoritariamente no médico e no hospital. Nesse cenário, era angustiante perceber que a vivência extensionista na comunidade, algo que me trazia tanto conhecimento e experiências, não era valorizado o quanto eu julgava que deveria ser. Assim, fui em busca dos significados da extensão para os diferentes atores sociais (docentes, discentes e comunidade) envolvidos ou não com atividades extensionistas na Unifesp

Por meio da abordagem qualitativa entrevistei pessoas envolvidas com a extensão na universidade (dois funcionários da coordenadoria dos projetos sociais, quatro coordenadores de programas/projetos de extensão, cinco graduandos e quatro membros de comunidades onde acontecem projetos de extensão) e pessoas que nunca participaram de nenhuma atividade extensionista (três docentes e cinco graduandos dos últimos anos de cada um dos cursos do campus Vila Clementino).

Em linhas gerais, apreendi que para os participantes a extensão é extracurricular, serve de complemento para a graduação, articula o ensino e a pesquisa e é responsável pela interação entre universidade e sociedade – compreendida como “mundo real”. É colocada como o único espaço para a realização de atividades cidadãs. Algumas das dificuldades apontadas para o envolvimento com ações extensionistas são a falta de tempo e de incentivo, o que faz com que outras atividades acadêmicas recebam maior atenção, já que são mais valorizadas, seja por currículo, por carreira ou por tradição. Percebe-se que o ensino, a pesquisa e a extensão foram citados como importantes na formação, porém são valorizados e executados de maneira diferente. A pesquisa aparece como a mais apreciada na instituição, seguida do ensino e depois a extensão, apontada como não valorizada. Em alguns discursos foi atribuído à extensão o papel de articular ensino e pesquisa, mas como fazê-lo se a mesma não tem espaço na Universidade? Como não dissociar esse tripé? Ao contrário do que eu pensava, não houve discrepância entre os significados atribuídos pelos extensionistas e não extensionistas. Apesar de vários realçarem a importância da extensão na formação, esta ainda não é valorizada na instituição.





Esse estudo conferiu sentido ao meu trabalho extensionista, principalmente porque possibilitou a minha vivência em relação a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Acredito que a formação não é completa quando se separa esse tripé, já que apenas a unidade propicia o conhecimento integrado assegurando a práxis.

Mas o que essa experiência impactou na minha vida profissional?

Ao me formar, fui trabalhar na Estratégia de Saúde da Família (ESF), como desejava desde o primeiro ano do curso de graduação: trabalhar com saúde pública. E percebi que por me proporcionar momentos de contato direto com a população, a extensão ensinou-me a fazer COM a comunidade e não PARA. Assim, quando vou realizar alguma ação de educação em saúde, busco compreender o que é importante para o grupo e avalio se o que julgo importante também é para a população que eu atendo. Na maioria das vezes, o que eu avaliava ser importante não era a prioridade no momento para o grupo. Alguns colegas da Unidade Básica de Saúde (UBS) não entendem porque os grupos que eu faço têm público. Tenho a certeza que fazer COM faz toda a diferença.

Quando cheguei à UBS me incumbiram de organizar o Dia das Crianças, que até então era um dia em que elas eram convocadas para verificação de peso e altura, para avaliação do Crescimento e desenvolvimento, sem muita aderência às atividades. Então, com a minha experiência do Projeto Saber Cuidar, do Show de Talentos Jovens, resolvi organizar com os agentes comunitários o nosso Show de Talentos, no qual as crianças poderiam cantar, dançar, recitar e também ter a avaliação clínica. Para surpresa de todos, foi um sucesso, quase enlouqueci com tantas crianças, com tantos sorrisos, euforia e orgulho dos pais, elas compareceram com suas melhores roupas e se apresentaram como artistas. Foi mágico...

Ideias simples que fazem toda diferença, porque promover saúde não é só evitar doenças, é promover qualidade de vida, é estimular a autoestima, é dançar e cantar... Por essa e outras situações que vivenciei, e vivencio, é que volto a dizer que a extensão fez toda diferença na minha formação pessoal e profissional.

Que delícia poder relembrar momentos tão intensos e importantes na minha vida; que privilégio poder dividir isso com vocês! Extensão para mim é um jeito de viver, de ser e estar no mundo! Extensão é transformAÇÃO!





O projeto de extensão em minha formação pessoal e profissional

Solange Aparecida de Souza Bera

A minha experiência com os projetos de extensão tem sido muito rica, no sentido de trazer vivências únicas de como lidar com a comunidade da qual pertencço e fazer o possível para ter um impacto positivo na vida destas pessoas. O Projeto Saber Cuidar, nesse sentido, me dá uma noção real de trabalho com unidade e me faz ver na prática o que é educar.

Tentamos por meio de estratégias educativas suprir algumas necessidades da comunidade. Na verdade, é um educar mútuo, no qual tentamos passar uma mensagem, por exemplo, de trabalho em equipe, ao mesmo tempo em que aprendemos com as pessoas sobre a sua realidade. Aprender quando se está aberto é algo tão natural que não existe fórmula, é um jogo de erros e acertos, em que no final todos saem ganhando.

Participar de um projeto de extensão é estar disposto a ir além. Além das aulas, dos estágios, isto é, das obrigadoriedades da grade curricular. É estar de mente e coração abertos para o novo, para rostos diferentes, culturas diferentes, formas de pensar diferentes, e completar a si mesmo como um quebra-cabeça.

Projeto de extensão, para mim, resumidamente é se expandir.

A cada novo contato com a comunidade sinto que estou trocando algumas “peças” com pré-conceitos inúteis por um aprendizado recíproco de convivência, o que faz com que eu amadureça e perceba o mundo além do meu umbigo e apenas deste modo sinto realmente que posso fazer mais com o próximo.

Estar junto às crianças da comunidade e sentir que apesar das dificuldades por elas enfrentadas no meio em que estão inseridas, elas





podem, sim, sorrir, brincar, serem parceiras e certamente serem cidadãs, com um senso de coletividade que impressiona e me deixa cada vez mais esperançosa quanto ao amanhã.

O Saber Cuidar faz de minha formação muito mais completa, faz com que eu saia da faculdade não apenas como uma profissional, mas principalmente como um ser humano melhor e cada vez mais cidadã.





Extensão, onde aprendo a me tornar mais humana

Thamires de Oliveira Rocha

Lembro-me da Semana do Calouro, logo nos primeiros dias que ingressei na Universidade Federal de São Paulo... Estava muito empolgada com a nova fase da minha vida, mas fiquei surpresa com a quantidade de oportunidades existentes na universidade apresentadas naquela semana, no tripé ensino-pesquisa-extensão. Esperava estudar esses quatro anos para me tornar uma enfermeira, mas me surpreendi quando estava aprendendo mais e mais a ser humana.

Quando descobri a extensão, vi que a minha graduação estava “completa”. Apaixonei-me e me realizei. Não consegui mais parar desde então. São nestes momentos extracurriculares que me descubro e me fortaleço. Não são conhecimentos que aprendo para a minha profissão apenas, mas principalmente para a minha vida.

Sempre tentei ver as pessoas com o coração, ir além das aparências, e gostar delas por seu jeito único. Sempre quis me tornar enfermeira, pois eu sabia que nesta profissão cuidaria das pessoas além da biologia. E na extensão consigo desenvolver cada vez mais esta característica de “holismo”. Consegui quebrar barreiras, preconceitos, inseguranças. Consegui descobrir mais um pouco dos meus potenciais, da minha força e da minha alma. Consegui, com a extensão, ver ainda mais com o coração.

Uma delas é o Saber Cuidar... A extensão que eu mais gosto, e conseqüentemente, a que mais me dedico e mais quero que cresça. Onde mais me identifico e mais consigo ser eu mesma. Foi o projeto que mais me tocou na Semana do Calouro, e que me toca a cada reunião, a cada visita à comunidade, a cada realização em grupo. É indescritível. Sabe aquele aperto no peito, quando você ama alguma coisa, quando isto lhe faz feliz, quando pensar nisto lhe faz feliz,





quando você quer que todos sintam a mesma coisa que você? Isso é o Saber Cuidar para mim. É trabalhar um mês inteiro para fazer uma manhã de sábado valer a pena. É ver o sorriso das crianças, a realização dos adultos, a gratidão dos nossos parceiros. É levar para a comunidade algo que não tem preço: conhecimento, cultura, carinho, diversão. É realizar algo em grupo, cada decisão, cada sugestão, cada doação. Doar corpo e alma, isso é o Saber Cuidar.

Esse ano foi muito especial, pois descobri isso tudo, descobri essa autorrealização. Fizemos na comunidade festas, passeios, gincanas, palestras interativas... São cuidados que a comunidade pode nem perceber que aconteceram, podem pensar nisso só daqui a alguns anos, mas aconteceram e foram gratificantes. Ver as crianças participando das atividades que fazemos, em meio a todos os problemas em suas casas, entre todas as chances de seguirem um caminho complicado, é a escolha que elas fazem que gratifica o nosso mês de trabalho e todos esses treze anos de trabalho do Saber Cuidar.

Entende porque aprendo a ser humana na extensão? Por que não é um pagamento palpável, mas, sim, um pagamento de realização, de reconhecimento, de satisfação. Ter feito algo bom, algo para pessoas que você muitas vezes nem conhece, algo que por mais simples que seja, é especial e cheio de valor... Não tem preço, não tem como descrever, é preciso sentir. E é o sentimento que nos torna humanos!





O que dizer do Projeto Saber Cuidar?

William Lima de Castilho

Foi o primeiro projeto de extensão que eu participei logo no primeiro ano de graduação e continuo nele até hoje, momento em que estou cursando o último ano de Enfermagem. No decorrer do Curso participei de outros projetos, porém este é aquele em que mais me identifico e por isso continuo a me dedicar às suas atividades. Na universidade, pude me desenvolver muito profissionalmente na dimensão do ensino e da pesquisa, porém, onde acredito que tive um maior crescimento como pessoa foi na da extensão universitária.

Foi atuando nos projetos que muita coisa começou fazer sentido, comecei a perceber que era ensinando que eu aprendia e que minhas ações, mesmo que para mim parecessem pequenas, eram valorizadas e auxiliavam outros a se desenvolverem. Permitiu a minha inserção num permanente movimento de procura, de curiosidade para alcançar autonomia e criticidade.

Eu conheci a extensão universitária assistindo uma apresentação para os calouros sobre os projetos desenvolvidos dentro da universidade, inicialmente dois me chamaram muito atenção: o “Saber Cuidar” e o “Periferia dos Sonhos”. Fiquei ali pensando como seriam as atividades, comecei a participar das reuniões e aos poucos fui me identificando com cada um deles.

Dentro do projeto Saber Cuidar, coloquei-me a conhecer como era desenvolvido o trabalho dentro da comunidade e lembro, como se fosse hoje quando fui pela primeira vez visitá-la. Fomos fazer uma ação de combate às doenças mais incidentes do verão e eu fui vestido de mosquito da dengue. Ali, comecei a ver que realmente estava fazendo parte do projeto. Quando me deparei com inúmeras crianças interessadas em nos ajudar e no que estávamos querendo transmitir,





me senti realizado pela primeira vez, já que percebi que havia um resultado concreto. Daí para frente foram muitas ações desenvolvidas dentro da comunidade e sempre com aquele propósito de não fazer ações PARA a comunidade e sim COM ela, para mostrar que nosso papel ali era apenas de facilitadores do processo de desenvolvimento.

Já participando das ações do Projeto Periferia dos Sonhos, também me identifiquei logo de início, embora as abordagens e atividades realizadas fossem bem distintas do outro projeto. Fui apresentado às ações que eram desenvolvidas e neste caso me despertou certa curiosidade em como seria a abordagem a pessoas em situação de rua, no entanto esta foi sendo sanada com o passar das visitas ao albergue e das atividades desenvolvidas junto àqueles personagens, muitas vezes esquecidos e subjugados pela nossa sociedade implicitamente preconceituosa e discriminatória. O trabalho desenvolvido no Periferia dos Sonhos trouxe-me além da oportunidade de crescer como pessoa, pois os ensinamentos que pude adquirir durante as atividades foram inesquecíveis, mas pude me desenvolver também academicamente, com oportunidades únicas, como a minha participação e de um grupo de extensionistas no Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, em 2011. Nesse congresso conheci pessoas e projetos desenvolvidos no Brasil inteiro, troquei experiências, fiz novas amizades e conheci novos horizontes dentro do pilar da extensão. Lembro-me que estava muito nervoso com a minha apresentação no momento da apresentação do projeto, mas na hora tudo ficou fácil, porque falar das coisas que nos fazem sentido, que nos movem é fácil, você fala com o coração e, ao final, entre os projetos apresentados naquela sala, o nosso foi o que mais teve perguntas dos ouvintes, que estavam interessados em saber como conseguíamos desenvolver aquelas atividades dentro daquele contexto, e isto mostrou a todos nós que estávamos realmente indo pelo caminho certo.

Outro fato muito relevante para mim é que dentro dos projetos pude criar laços fortes de amizade com pessoas que provavelmente eu não conheceria de outra forma e isto mostra também a importância da extensão. Esse estreitamento das interações interpessoais de pessoas que têm ideias semelhantes às suas, e que estão ali para também trocar figurinhas, é importante dentro de uma universidade. Essa coisa formal de aula, papel, livro, slide, etc. muitas vezes não faz sentido e a extensão nos dá esse olhar mais amplo e nos oferece a oportunidade de nos desenvolvermos.





Agora vou falar um pouco mais de minhas experiências dentro do projeto que ainda faço parte, o Saber Cuidar. Em 2013, a nossa atuação na comunidade ficou mais fortalecida graças às parcerias com o movimento popular de saúde, o projeto Reflorescer para a Vida, o grupo de Taekwondo, o grupo de capoeira e agora com o apoio do professor Arnaldo, um participante ativo por melhorias na Escola e região. A reaproximação do projeto com esses grupos reviveu os laços de parceria entre todos. Logo de início, o Arnaldo nos trouxe certas demandas da comunidade, relacionadas à escola e isto nos guiou como objetivos das ações a serem desenvolvidas mais para frente. Voltando à comunidade, fiquei muito surpreso por rever algumas das crianças que sempre participaram conosco das atividades em anos passados. Fico sempre muito realizado em perceber a dedicação de todos do grupo durante os meses e sei que é esse espírito de solidariedade que todos nós vamos crescer e criar multiplicadores que nos auxiliarão em manter sempre vivo o espírito da mudança.

As reuniões que desenvolvemos durante as terças-feiras, semanalmente, são outras ótimas oportunidades para desenvolvermos nossa interação e aprendermos como realizar esta prática de forma que todos possam participar e decidir as coisas em conjunto, sendo que todos têm votos com pesos iguais e isto nos mostra como ali dentro não há ninguém certo ou errado, há sempre uma discussão das possibilidades para que se procure, na maioria das vezes, chegar a um consenso. Claro que esta realidade nem sempre é possível, mas mesmo assim ali mesmo aprendemos, também, resolver nossos problemas.

Em outras visitas realizadas à comunidade pensamos e realizamos em conjunto uma série de atividades seguindo os temas propostos pelo professor Arnaldo e uma representante do movimento popular de saúde local, Zetildes. Ao final de cada atividade são realizadas rodas de conversa com todos que participaram e são nestes momentos que eu aprendo mais, pois ao ver tudo o que aquelas crianças captaram das atividades, propondo cada vez mais e mais atividades diferentes, de certa forma nos estimula também a continuar desenvolvendo o trabalho com a comunidade, para assim proporcionar a autonomia daquela população.

O ano de 2013 foi um ano de uma série de outras conquistas para nós extensionistas graduandos e para a comunidade. Para nós, conseguimos, depois de inúmeras batalhas, criar espaços/dias para se-





rem desenvolvidas atividades extracurriculares, o que vai certamente favorecer para que possamos cada vez mais. Pensando ainda em desenvolvimento e troca de experiências, pude auxiliar na organização e participação de encontros e fóruns sobre educação popular, o que me trouxe outros olhares e pontos de vista de como aplicar nossas atividades e de como fazer com que a comunidade participe ainda mais de nossas ações em 2014.

Nossa atuação dentro da comunidade expandiu ainda mais com a criação do jornal do bairro – o Mandacaru. Nossa contribuição, além de auxiliar com conteúdos relacionados ao Projeto e à educação em Saúde, auxiliou também com a divulgação de nossas ações desenvolvidas em conjunto com a comunidade.

Atividades como realizar um passeio cultural pelo Butantan com algumas das crianças, foi um dia especial, porque eu mesmo nunca tinha visitado aquele local e fiquei surpreso com tanta beleza e história juntas num só lugar. Fiquei emocionado também com a diversão e alegria que as crianças esbanjavam e que contagiava a todos nós.

Outra atividade que pude vivenciar foi a possibilidade de participar de um congresso internacional, desta vez o Congresso Iberoamericano de Extensão Universitária, realizado em Quito, Equador. Esta, talvez, uma das maiores oportunidades que já tive em minha vida. Fui ao congresso representar o grupo e lá vivenciei novamente oportunidades únicas dentro de minha formação. Trocamos experiências com muitos extensionistas latino-americanos e verificamos que estamos bem evoluídos quando comparamos com ações extensionistas de nossos vizinhos. Nosso trabalho foi muito elogiado e o mais importante foi ver como andam as ações extensionistas fora do Brasil e perceber também que, embora pensemos que nossas ações são pequenas, foi possível ver que, lá fora, outros se perguntam como fizemos para chegar até este ponto. Claro que ainda há muito a melhorar, mas acredito que estamos trilhando o caminho certo.

Quero finalizar dizendo que posso ter deixado de colocar outras situações importantes vivenciadas por mim nesse período, mas a mensagem principal é que certamente aprendi com as pessoas que conheci durante a extensão, aprendi trocando experiências extensionistas, aprendi quando tive de administrar situações de conflito, aprendi ouvindo mais, e o mais importante: aprendi a fazer sempre junto,





a acreditar no sonho de que com luta e foco as coisas podem sair do papel e se transformar em realidade. O que eu quis foi passar um pouco da minha visão de como a extensão realmente mudou o que eu sou hoje, como graduando, futuro enfermeiro e como pessoa, filho dos meus pais e noivo de uma grande mulher (também extensionista nata). Quero afirmar, também, que ver aqueles grupos de crianças, jovens e adultos se divertindo e entendendo a real mensagem de cada atividade realizada, me deixou satisfeito e muito emocionado com tudo. É a cada nova ação desenvolvida que me respondo o porquê de participar do do Projeto Saber Cuidar. Fiquei muito feliz com os resultados conquistados até hoje e espero poder contribuir cada dia mais com o crescimento do projeto, da comunidade e de nossas parcerias.





O Sol

Maria Zetildes Lima

Era um dia ensolarado, a porta abriu e lentamente foi deixando o Sol entrar avisando que acreditar na luz é preciso. Era uma reunião do Pró-Saúde na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) para conversar sobre formação de estudantes para o Sistema Único de Saúde (SUS), com a participação de professores, alguns estudantes, gestores da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, ativistas do Movimento Popular de Saúde: pessoas comprometidas com a Saúde Pública brasileira.

Enquanto esperava as pessoas chegarem para a reunião, sentei ao redor de uma mesa e para passar o tempo puxei conversa com uma pessoa que acabava de chegar. Dei bom dia e me apresentei, falei que era do Movimento Popular de Saúde e ela falou que era enfermeira, professora na Unifesp. Perguntei se podia me informar sobre como aplicar uma placa de hidrocoloide em um curativo, afinal ela era enfermeira. De súbito, ela riu e falou que não sabia fazer isso, e começou falar sobre um livro que estava vendo na prateleira ao lado que contava uma parte da história do Movimento Popular: “Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980”, do Eder Sader. Perguntou se eu conhecia. Eu disse que não. Folhei o livro e vi que o autor escrevia sobre nós. Fiquei curiosa, pedi emprestado para ler.

Na reunião muito se falou sobre a importância de fazer uma pesquisa para acompanhar e avaliar o Pró-Saúde e com isto, sobre a necessidade de colocar os currículos numa tal de Plataforma Lattes. Mais um desafio neste mundo da universidade. O que é Lattes? Por que só os professores precisam preencher essa Plataforma? A enfermeira falou que não via problema em que todos preenchessem e agendou uma data para que eu e mais alguns colegas do Movimento





Popular de Saúde trouxéssemos os certificados, declarações, enfim aqueles papéis que para nós ainda não faziam tanto sentido e, que juntos faríamos o tal Lattes.

Naquela reunião do Pró-Saúde – regada a hidrocoloide, Eder Sader, Plataforma Lattes, entre tantas outras coisas, começou a nossa parceria com o convite para que eu participasse do Núcleo de Estudo e Pesquisas sobre Saúde, Políticas Públicas e Sociais, na Escola Paulista de Enfermagem. Era o ano de 2009.

Para mim, o Sol com seu brilho continuou entrando pela porta e foi invadindo a casa, chegou a Luz cheia da felicidade para uma Nova Era. Participar do Núcleo. Voltar a estudar.

No Núcleo, mais experiências, amigos, parceiros, gente conversando, estudando, pesquisando sobre participação popular, movimentos sociais, SUS. Comecei a pegar gosto pela pesquisa, aprender a fazer projeto e, dessa maneira, iniciei com outros colegas um estudo sobre a história da comunidade do Jardim São Savério e Parque Bristol: uma pesquisa qualitativa, por meio da qual entrevistamos pessoas que ajudaram a construir a história da nossa gente.

Nesse processo, numa das conversas com a enfermeira veio outra proposta. Ela falou sobre um projeto de extensão universitária: o Saber Cuidar. Disse que foi criado em 2001 e estava acontecendo na região da Chácara Bela Vista, na Vila Maria, zona norte de São Paulo. Perguntou se fazia sentido para mim e para a comunidade o Saber Cuidar ser desenvolvido na nossa região.

Sem saber muito bem do que se tratava fazer extensão, recebemos na comunidade o Saber Cuidar e começamos a pensar atividades para desenvolver com eles. Aos poucos comecei a entender o que é extensão na universidade.

Do amanhecer ao nascer do Sol do dia seguinte, passamos a aprender a trabalhar junto com mais frequência. No coletivo – o grupo de estudante, pessoas da nossa comunidade e/ou ativistas do movimento popular de saúde – plantamos árvores, adotamos espaços públicos, brincamos, organizamos festas e passeamos com as crianças e os idosos, fomos a lançamento de livro, fizemos passeatas em defesa do SUS e pela Paz, participamos em congressos, entre tantas outras coisas.





Nessa comunhão-aprendizagem cresceu a coragem para continuar a Luta. Os projetos sociais já existentes na comunidade – o Taekwondo e Cidadania, o Futsal e Cidadania, o Grupo Reflorecer para a Vida – se fortaleceram e como o adubo na terra ajuda as plantas, mais padrinhos e colaboradores contribuíram para a autonomia desses projetos, potencializando suas atividades.

Nesse meio fecundo nasceu um Mandacaru, o Jornal. Seu nome foi escolhido em assembleia com a participação da comunidade e dos membros do Saber Cuidar, que aos poucos também vão se resignificando ao conhecer a comunidade e trabalhar junto com ela. Para 2014 vamos retomar as atividade da Brinquedoteca Saci Pererê.

Em meio a isso tudo, estudar era uma lição de casa na caminhada. Estudei, continuo estudando e neste momento estou me preparando para fazer mestrado para pesquisar sobre a minha comunidade.

Enfim, esse processo de militância tem sido gratificante. No Núcleo, no Saber Cuidar e na Comunidade, temos construído possibilidades de integrar um pouco melhor a universidade na vida cotidiana que existe fora dela. Por sua vez, enquanto Movimento Popular de Saúde temos contribuído com a formação de estudantes mais críticos em relação ao papel que exercerão no SUS.

Dizem que isso é Extensão.

Para mim, fazer junto é o normal na vida. A comunidade tem a sabedoria popular, a universidade a ciência. Laços e abraços podem aproximar mais esses dois lugares e talvez isso possa ajudar os estudantes a serem profissionais mais comprometidos com a defesa da Vida.







3ª CENA

Projeto Periferia dos Sonhos







Para continuar extensionista...

*Anna Carolina Martins Silva
Natalia Tenore Rocha*

Durante a graduação muito se ouve falar na indissociabilidade entre as ações de extensão, ensino e pesquisa, na perspectiva interdisciplinar. Apesar de o conceito ser recorrente, muitas vezes na prática, há impasses ou desinteresse para a efetivação de atividades que contemplam e misturam tais eixos.

A extensão é parte do processo de intervenção social no qual a Universidade deve estar inserida. Por meio das atividades de extensão acreditamos na construção de um mundo melhor e, pensando na nossa formação, enquanto enfermeiras, aprendemos ainda mais, a cuidar de gente. Através das atividades extensionistas desenvolvemos metodologias participativas voltadas ao reconhecimento e promoção de direitos.

Mesmo sem espaço na grade curricular proposta, sem incentivo e em momentos e horários “improvisados” durante o curso, a extensão no nosso processo de formação se fez muito presente e subsidiou as atividades de ensino e pesquisa. Assim, pudemos utilizar de outras formas as metodologias e cenários de práticas comuns às atividades extensionistas, especificamente nas atividades do Projeto de Extensão Periferia dos Sonhos.

A extensão é o caminho que possibilita encontrar o outro, o mundo e manter um olhar crítico para a realidade social. Mas, no início essa finalidade ou esse resultado não foi o que nos inseriu nos espaços de extensão. Compartilhamos a experiência de chegar à Universidade e participar da apresentação dos projetos e programas existentes ainda na primeira semana de aulas e isto, além de introduzir um conceito teórico de extensão, trouxe curiosidade. A curiosidade levou-nos a conhecer diversos projetos, mas, ela passa e é justamente o que surge depois que nos faz continuar como extensionistas.





A partir do momento em que percebemos que a prática da extensão permite criar vínculos, estabelecer relações e (re)conhecer realidades e histórias, a formação universitária ganha sentido. Esse sentido é, na verdade, a percepção de que o que apreendemos nos espaços de extensão ultrapassa a teoria e chega ao cotidiano.

Através das práticas de extensão percebemos uma transformação no modo de fazer e pensar, e também reconhecemos valores que a graduação pode ignorar durante o processo de formação, que algumas vezes deforma. Esse movimento, no qual percebemos que a prática que temos nas atividades de extensão nada mais é do que a relação que estabelecemos com o mundo, permite que o extensionista reaproveite tais atitudes em qualquer espaço. A extensão universitária possibilita a formação e é espaço privilegiado de produção do conhecimento.

É preciso que a Universidade crie resultados de extensão, pesquisa e ensino utilizáveis pela sociedade e que os mesmos estejam não só dentro dos muros, mas, também fora. Sousa (2000) afirma que a extensão é o instrumento necessário para que o produto Universidade – a pesquisa e o ensino – esteja articulado entre si e possa ser levado o mais próximo possível das aplicações úteis na sociedade e, ainda, que a Universidade deve estar presente na formação do cidadão, dentro e fora de seus muros.

Na prática é visível, ao menos em nossas experiências, que a extensão, além de garantir espaços em que percebíamos o nosso papel enquanto enfermeiras e cidadãs, foi responsável por despertar as atividades de pesquisa e por preencher de sentido os espaços formais de ensino. No ensino, ainda parece difícil garantir espaços “livres”, nos quais a educação possa mesmo ser vista como processo em que quem ensina aprende e vice-e-versa, e também no qual está presente algo além de projetores, slides e alguém que detém sozinho o saber. Na pesquisa, podemos ser protagonistas de ideias que construímos e que pretendemos; percebemos no espaço da pesquisa a garantia do diálogo para assim trazer histórias de vidas, nossas ou não, e a partir da escrita ou da oralidade devolvê-la para quem as conta. Fizemos nossas pesquisas em locais que transitávamos enquanto extensionistas, e desse modo, para nós foi óbvia a importância e a utilidade da extensão. Tivemos a possibilidade de propor espaços abertos, onde entrevistador e entrevistado trocavam de papéis e a única garantia era





que na troca de palavras, gestos e silêncios haveria a constituição de uma verdade com sentido para os momentos experimentados.

A extensão não termina com o diploma da graduação, ainda somos extensionistas porque acreditamos no seu papel (trans)formador. Levamos essas práticas para além da graduação, pois enquanto enfermeiras estamos em contato com os outros a todo o momento. Não faltam espaços para a valorização das relações humanas dentro da Universidade (por onde ainda estamos presentes) e fora dela.

A Universidade deve colaborar na construção de intervenções para os problemas sociais da população. Mendonça e Silva (2002) afirmam que poucos são os que têm acesso direto aos conhecimentos gerados na universidade pública e que a extensão universitária é imprescindível para a democratização do acesso a esses conhecimentos. A extensão traz os saberes da comunidade para o espaço universitário e leva, para quem está fora dele, os saberes que acumula. A partir do momento em que nós, enquanto graduandas, percebemos esse movimento, pudemos de fato estabelecer um diálogo com o mundo. As ações extensionistas nos propiciaram enxergar nos outros e, como enfermeiras, perceber que a Saúde é um direito social, portanto requer trocas interdisciplinares que são efetivadas no momentos em que nos relacionamos.

Referências

MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, V. P. *Extensão universitária: uma nova relação com a administração pública*.

SOUSA, A. L. L. *A história da extensão universitária*. Campinas: Alínea, 2000. 138 p.





Minha experiência no Periferia...

Felipe Tiago Salvador

O grupo de extensão popular com os moradores em situação de rua começou, para mim, sem nenhuma pretensão e acabou se tornando uma das melhores coisas que aconteceram comigo na universidade.

A experiência extra-acadêmica na minha concepção, tornou-se uma grande experiência acadêmica, pois me ajudou a ser um profissional melhor, o Periferia dos Sonhos limpou meus pré-conceitos, revelou-me que são pessoas e pronto. Que sempre e sempre tem uma história de vida que precisa ser respeitada. E isso é uma lição que levarei em todos os momentos da minha vida.

Às vezes, por ser um rapaz, sentia que alguns homens se sentiam mais a vontade em se abrir comigo, muitas vezes eles faziam perguntas simples sobre a minha vida, o que eu sentia e coisas que eles queriam saber... Talvez se imaginassem no meu lugar. Eu notava que eles sentiam um conforto quando ouviam sobre uma vida diferente daquela que eles veem lá todo dia, e assim, muitas vezes eles contavam aonde queriam estar se não estivessem no albergue.

Uma vez uma frase de um deles me marcou muito, era um jovem da minha idade, ele disse: *“rapaz você pode fazer tudo na sua vida menos usar crack, por que aí sua vida vai ser a morte, faz tudo, aproveita sua vida, estuda, mas não deixa de curtir as coisas, curtir as meninas entende? Mas jamais use crack, a minha vida acabou por isso eu sei que meu destino é a vala”*.

Às vezes, é difícil, e até impossível, me comparar com as pessoas que viviam no albergue Portal do Futuro: como eu, um jovem universitário cheio de sonhos e expectativas, me deparo com algumas pessoas que vivem o hoje? Vivem para viver o dia!





A única resposta que encontrei nesses anos no Periferia dos Sonhos foi aceitar que as pessoas são diferentes, cada ser humano é único, simplesmente aceite o melhor do seu próximo. E faça o melhor para eles e para você mesmo.





Experiência extensionista

Jéssica Silva Costa

A extensão tem o poder de levar o estudante para dentro da comunidade, de tirá-lo do seu universo escolar e inseri-lo em um universo que nem sempre é o dele. Em um mundo que, talvez, fosse desconhecido. Através da extensão, o estudante pode não só explorar campos sociais, mas se tornar parte deles à medida que cria vínculos com aqueles com quem interage. Fazer extensão é se lançar no desconhecido em busca de aprendizado. É uma interminável e surpreendente troca de conhecimentos.

O projeto de extensão Periferia dos Sonhos levou-me a um mundo desconhecido. A proposta do projeto é inserir o graduando no trabalho com a população em situação de rua. Tirá-lo do seu dia a dia e estimulá-lo a pensar e reconstruir seus conceitos a partir de um ponto de vista diferente, do ponto de vista do outro. É engraçado como formamos na nossa cabeça uma ideia, um conceito prévio, um pré-conceito, de tudo que é novo. Foi assim comigo. Iniciei minha jornada no Periferia dos Sonhos no início de 2013 e a ideia que o projeto trazia era fascinante. Ter contato com uma população em situação de rua seria uma experiência nova e inovadora para mim. Sempre tive vontade de entender e conhecer pessoas que estão em situações de vulnerabilidade e o projeto permitia esta experiência. A vantagem da extensão é a possibilidade de interagir com a comunidade ainda na vida acadêmica. Participei, então, da minha primeira visita ao Albergue Portal do Futuro e percebi que às vezes (na maior parte delas) o desconhecido é muito diferente do que pensamos. No Portal do Futuro, conheci histórias surpreendentes. Entrei com a expectativa de encontrar pessoas sem instrução e com histórias de vida sofridas. Sai conhecendo pessoas cheias de bagagens emocionais, sociais, culturais. O morador de rua não é um ser sem educação, sem família e





sem história. Ele está na rua por um motivo e nem sempre esteve lá. Ele tem história, família, sonhos e amores. Alguns estão fugindo de um passado triste, outros buscando um futuro promissor. A rua abriga pessoas analfabetas, e tem espaço para doutores. Abriga viciados e tem espaço para viajantes, estrangeiros e trabalhadores. A rua é apenas uma estrada por onde muitos passam, superam os obstáculos e alcançam seus sonhos. Talvez um sonho grande de deixar um vício e retomar a família. Talvez um sonho menor de sobreviver só mais um dia. Mas, quem é que pode definir o tamanho dos nossos sonhos? São eles que nos impulsionam a viver. No Periferia dos Sonhos aprendi a sonhar sonhos de outros e torna-los meus. Todos merecem um futuro melhor e o melhor depende do ponto de vista. Conheci pessoas que buscavam uma vida melhor, ser melhor, fazer melhor. Pessoas que não enxergam a rua como um fim, mas como um recomeço. A rua prende, mas também liberta. Só quem é livre é capaz de amar. Só quem ama é capaz de sonhar.

Guardo em mim todas as histórias que tive a oportunidade de conhecer nas visitas ao Portal. Todos que impregnaram de sentido a minha existência e mostraram, na convivência, a importância da partilha.





Um Dia

Jessica Maira Sarilho da Silva

Um dos momentos mais significantes na participação no Periferia dos Sonhos foi o dia em que me caracterizei de moradora de rua para apresentar um trabalho do nosso Projeto no II Congresso Paulista de Extensão (COPEX)¹, nas dependências da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Nesse dia, fazia frio. Sobrepus várias peças de roupa, gastas pelo uso, algumas esgarçadas e de número maior do que o meu manequim. Para proteger da garoa, me envelopei em um saco plástico preto grande. Gorro na cabeça, luvas puídas nas mãos, chinelo de dedo... Para chegar até o local onde estava acontecendo o evento precisei atravessar uma rua bem movimentada por estudantes, servidores da Unifesp, usuários do hospital universitário.

Não fui reconhecida por ninguém.

A rua era a mesma onde eu passava todos os dias, as pessoas eram as mesmas que eu via todos os dias, contudo a reação que tiveram foi completamente diferente do que acontecia todos os dias.

Pergunto... qual é o peso de um estereótipo?

Os olhares sobre mim transformaram-se em olhares nulos, aquele velho: “olhar rápido, desviar os olhos e fingir que não viu”. Quando eu insistia em olhar nos olhos de quem passava, desviavam o corpo e às vezes mudavam de calçada.

Pude sentir e observar, mesmo que brevemente, a carga de desprezo em cima das pessoas que têm a rua como casa.

¹ SANTOS, M. T. et al. Sentimentos e percepções que as ações extensionistas do projeto Periferia dos Sonhos acarretam em seus integrantes. *Rev. Ciênc. Ext.*, v. 8, n. 3, p. 233, 2012.





O que mudou?

No dia a dia, enquanto estudante transeunte, as pessoas também raramente cumprimentam, cada uma segue o seu rumo como as outras não estivessem por lá. Mantêm a rotina de morar em São Paulo. Entretanto, não desviam o olhar, não fazem cara de nojo, tampouco de piedade ou de repreensão.

O que muda é a relação entre humanos, o que reforça a premissa de que o grande problema social não está somente na desigualdade, mas na dessemelhança, ou seja, naquelas situações nas quais se tira do ser o atributo de humano – passa a ser um não semelhante. E aí...

Essa experiência realmente me impactou.

Afinal, certas inquietações surgem para mudarmos a nossa maneira de ser e viver, essa experiência fez com que eu ficasse mais atenta cada vez que olho para o outro, principalmente para as pessoas que vivem em situação de rua.





Vestido de Noiva

Jessica Maira Sarilho da Silva

Thiago Brunelli Silva

Éramos um par, em típica tarde paulistana. Carregávamos um vestido de noiva, encontrado nos arredores da nossa universidade, em direção ao albergue. Ao vê-lo, logo pensamos em uma pessoa muito especial para nós. Sabíamos que, apesar de ser pouco usual, Z. adoraria o presente e daria vida àquele velho vestido branco.

Admirávamos Z. não apenas por ser uma transexual em situação de rua, mas, sim por ser alguém que consegue sorrir e transmitir carinho em uma dura realidade social, mesmo sem conseguir se expressar verbalmente. Z. sempre transmitia seus sentimentos de agradecimento com o olhar, ou com um abraço, sendo estes praticamente inexistentes para quem vive em um aglomerado humano, como São Paulo.

Essas expressões demasiadamente humanas nos impregnam de sentido quando pensamos na importância de se entender as particularidades de cada pessoa, longe de qualquer preceito socialmente já construído. Afinal, para nós, futuros enfermeiros, o cuidado deve estar entrelaçado com o sentir.

Z. nos olhou especialmente no momento em que o vestido foi entregue. Ela abriu o pacote ansiosamente e o vestiu para nos provar o quão significativo ele era. Conseguimos capturar cada momento de felicidade expresso em seu rosto. Para ela, não importava o tamanho do vestido, ou o fato de ser um presente incomum. A emoção estava voltada ao fato de Z poder ser livre e assumir sua personalidade sem julgamentos e exclusão. Na realidade, Z. estava feliz por ser aceita como uma cidadã, sendo reconhecidas suas necessidades e vontades.

Como aprendizado, entendemos que esses sentimentos nos retiraram da realidade do mundo medíocre em que temos contato na universidade. Nesse mundo, a distinção entre as classes sociais ainda é





marcante e poucos são os ensinamentos que nos levam a ser críticos perante a realidade social. Acreditamos que através dessas pequenas expressões podemos transformar a vida, ou o cotidiano de quem enfrenta diariamente o cenário de ser e estar sozinho.

Isso, a Extensão pode propiciar.





Curiosidades, expectativas e sensações marcantes

Luana Nayara Gallego Adami

Escolhi iniciar minha exposição sobre as experiências vividas no projeto através das primeiras sensações que tive quando comecei a participar do Periferia dos Sonhos, inclusive dando valor às anotações feitas naquela época (há dois anos).

A princípio, o que me atraiu foi curiosidade e interesse em saber o que era o projeto, por ser tão diferente e distante do comum para uma vida acadêmica de uma graduanda em Biomedicina que tem um convívio forte com laboratórios, moléculas, células, jalecos... No começo foi difícil distinguir e entender os objetivos das reuniões e o futuro que teria essa extensão, mas aos poucos aquilo que queria entender como conceito foi se entremeando em mim sem ter um significado que estivesse escrito em literatura alguma. Na realidade, a força que me moveu a ir aos encontros, às visitas, foi um misto de sentimento que me fez começar um processo de autoquestionamento e autoconhecimento. Para que a vontade e o interesse surgissem foi preciso senso de solidariedade e compaixão aflorando, na ânsia de querer fazer algo por alguém, de alguma forma, ainda mais quando me deparava com pessoas em situações de tamanha vulnerabilidade, os moradores de rua, somando-se isto a uma sensação de dívida que parecia ter para com a sociedade.

O desafio foi compreender que um dos maiores beneficiados era eu mesma. Nas primeiras visitas ao albergue, comecei a ver e “viver”, embora fosse por algumas horas, a realidade dos moradores, as surpresas e o inesperado acontecerem. De repente, eu estava aprendendo muito com quem jamais imaginei aprender, afinal todos tínhamos muito a ensinar e absorver com o outro. Aquele estágio que acontece, o de acarinhar o ego por estar “ajudando”, é passageiro e então vem à tona a atenção para escutar, com todo carinho e cuidado, aquela histó-





ria única que eu presenciava. Depois, veio a fase do questionamento: o porquê, qual era o motivo ou a atração que uma pessoa tinha por viver na rua, será que as histórias eram verídicas ou apenas fantasias, que de tanto serem contadas acabaram se tornando uma verdade para aquela pessoa?

Por fim, percebi que o que poderia fazer, no mínimo, era levar uma “harmonia” para aquilo que se encontrava em um estado desconcertado, inerte, de muitos dos moradores de rua. Só minha presença podia causar a vontade, por parte deles, de demonstrar suas decepções, suas condições, seus problemas, suas intimidações, suas expectativas, suas descrenças, suas válvulas de escape.

Esse projeto de extensão, ao meu ver, se torna interessante a partir do momento que “foge” do propósito não ideal, mas real, da universidade; propósito este de afirmar que a vida é maravilhosamente bem explicada pelas leis e teorias descritas e que a didática maçante de suas aulas e seminários é base fundamental para se formar um cidadão formador de opinião e ciente de sua sociedade e de seu país. O Periferia dos Sonhos fez-me pensar um pouco como o Marco Polo do livro O Futuro da Humanidade de Augusto Cury. Um jovem estudante de medicina que ao entrar na universidade, cheio de sonhos e expectativas, fica chocado ao conhecer a frieza com que os seus professores se referem aos corpos nas aulas de anatomia, dizendo que ali a identidade não importava, que aqueles corpos não tinham nomes, eram mendigos encontrados na rua.

Quem sabe, com a ideia do projeto, passaríamos a observar menos academicamente, tão condicionados que estamos para não perceber à nossa volta pessoas fora do nosso mundo restrito, a existência destas que estão na rua, lugar onde todos deveríamos ser iguais.

Agora, depois de dois anos, lendo e relendo aquilo escrito por mim quando entrava no projeto, diria que repetiria praticamente tudo. Em alguns dias de visita ao albergue, ninguém está muito a fim de conversar ou trocar experiências, entretanto, na maioria deles, sempre tem alguém necessitando se abrir ou mesmo repetir aquela velha história de sempre. Há dias de “evento”, como os saraus de leitura ou música, que são visivelmente necessários, pois os moradores acabam pedindo essa troca até pelo olhar. É sempre muito bom ir às visitas e conversar com eles, por mínimo que seja, conversas estas mais





intensas, tristes e pesadas, contrastando com histórias de superação, vontade de vencer, histórias de amor..

Muitas histórias me marcaram, mas uma das frases mais fortes que escutei, veio do depoimento de um morador de rua dizendo: “...a melhor coisa que eu fiz foi vir para a rua, na rua é melhor, lá em casa era pior...”

Com o tempo, fui percebendo os objetivos intrínsecos do projeto, tornando pública a realidade ofuscada pelo individualismo que marginaliza e exclui pessoas e classes sociais. Diferente e distante da sala de aula, provas, laboratórios, células, jalecos e animais, o projeto foi um convite à mistura de sentimentos que me instigou ao processo de autoquestionamento e autoconhecimento.

Minhas expectativas daqui pra frente, são melhorar cada vez mais o Projeto, me dedicar mais para que as experiências trocadas lá no albergue possam cada vez mais me fazer crescer, na tentativa de expandir as experiências e as vontades de tentar tornar as coisas mais iguais e equilibradas.





A extensão me motiva a ser diferente

Michelle Cardoso Billett

Então me deparo envolvida em alguns projetos, ansiosa para saber como essa tal extensão funciona. Logo de cara, estou discutindo sobre moradores de rua, um assunto que a sociedade sabe, mas receia olhar com outros olhos, pois são simplesmente “pobres coitados”. Não é?

Muitas pessoas quando andam na rua e avistam um morador de rua ou olham para baixo e ignoram a presença dele, ou atravessam para o outro lado da rua, ou apenas o fitam com um olhar de medo misturado com desprezo. O que passa na cabeça da maioria é que: “está na rua porque quer“! De fato, alguns continuam por vontade própria... mas, e a história dessas pessoas, a família, os amigos, as expectativas de vida, os sonhos?

Não se pode julgar a sociedade por agir dessa maneira, pois existe o estereótipo do morador de rua, do “sujo, perigoso e coitado“. Como abolir isso que já foi passado na escola ou em casa desde que éramos crianças?

Admito que antes não os olhava fixamente apenas por não saber como reagir, mas sempre respeitei. Contudo, depois que comecei a fazer parte do Projeto, foi como se um estalo soasse em meus ouvidos. Como eu agi assim todos esses anos? Por que não me interessei antes em conhecer e entender como funciona com o mundo deles? Como não observei atentamente aquela situação de vulnerabilidade? Tais questionamentos rondaram a minha cabeça até o primeiro dia que visitei o albergue onde o Periferia dos Sonhos atua.

Eu mal podia esperar para saber como seria, no fundo, me batia uma leve pontada de medo por não saber como reagiria. Entretanto, depois de conhecer a estrutura e desenrolar uma boa conversa com dois moradores, eu não queria mais parar ali... queria conversar com





todos e descobrir as grandes histórias de vida e experiências que “escondem” por trás de uma singela roupa.

Conversar é o que fazemos, mesmo parecendo algo tão simples e de quase nenhum efeito, no entanto, cada conversa lá é especial, única, divertida e diferente. Parece que quem entra no projeto e frequenta tal equipamento social, adquire uma sintonia, uma ligação especial com aquela “parte da sociedade”. Quem não quer ser ouvido? Quem não tem sonhos? Quem não quer um pouco de atenção?

Aquela pontada de medo desapareceu e não volta mais, pois o bem que eu teoricamente estou fazendo para eles é o mesmo que eles fazem por mim. Como uma grande professora minha sempre diz: “É fazer com eles e não para eles”.

Estou há dois anos no projeto e pretendo continuar sem prazo. Algumas pessoas me perguntam: “Por que lidar com moradores de rua sendo que você faz enfermagem”? Para tais, a grande maioria da população, ser enfermeira é trabalhar apenas em hospitais. Entretanto, a diversidade de áreas que a enfermagem pode abranger é imensa, afinal se optei por fazer enfermagem, optei por cuidar, e cuidar de quem quer que seja.

Não hesito em explicar quando me perguntam, pois de pessoa em pessoa sei que estou plantando uma sementinha para um diferente olhar, para uma diferente janela do conhecimento, porque somos todos seres humanos e vivemos em um mundo onde o que se preza é a igualdade (ou pelo menos se tenta) e o respeito, independentemente de como a pessoa é e/ou em que situação social se encontra.

A extensão motiva-me a ser diferente, a continuar descobrindo que o mundo é muito maior do que a gente imagina, pois a cada sorriso que recebo é um sinal de que tudo até agora valeu a pena, cada segundo, e que estudar e conhecer novos horizontes nunca será demais.





A teoria desfeita

Mylla Calefi

Participo do projeto de extensão Periferia dos Sonhos desde o meu primeiro ano de graduação e confesso que todas as visitas que fiz no albergue Portal do Futuro me marcaram de alguma forma e me fizeram sair de lá mais reflexiva sobre a vida, a organização da nossa sociedade e o papel que desenvolvemos nela diariamente. Porém, a visita que mais me marcou aconteceu no final do ano de 2013, quando conheci o senhor A.

Já tinha notado sua presença no albergue outras vezes, mas nunca tive a oportunidade de me aproximar e construir um diálogo até então. Naquele dia, percebi que ele estava sentado sozinho em um banco e logo me aproximei para conhecê-lo. Ele foi bem receptivo e me contou parte de sua história de vida, como havia chegado ao albergue e sobre planos futuros que ainda tinha e que me impressionaram muito, pois sempre imaginei que moradores de rua eram pessoas muito tristes e sem esperança.

Um dos seus sonhos, que me chamou atenção, foi o desejo de encontrar uma namorada, casar-se com ela e ter quatro filhos. Porém, tal sonho tinha um impedimento relatado pelo ele: o fato de ele ser um homem de 30 e poucos anos, com obesidade mórbida.

Logo comecei a perguntar sobre seus hábitos de vida, como era sua alimentação e se fazia uso de medicamentos e as suas respostas me deixaram inquieta e sem ter o que responder na hora, pois ele não praticava nenhuma atividade física e não sentia vontade de praticar, todas as suas refeições eram feitas no albergue e algumas vezes ele comprava “besteiras”, principalmente doces com o dinheiro que ele conseguia distribuindo um folheto que contava sua história de vida e pedia ajuda com qualquer quantia em dinheiro, no metrô. Não tinha apoio da família desde quando descobriram que ele era esquizofrêni-





co e não conseguiram conviver com a sua loucura, ele fazia uso de vários medicamentos, dentre eles o Haldol, um antipsicótico que tem como efeito colateral o aumento de peso.

Ao ouvir tudo aquilo, fiquei sem jeito porque ele sabia que eu era estudante de enfermagem e estava esperando uma resposta ou opinião minha sobre essa situação que lhe causava muita angústia. Lembro que fiquei olhando para ele durante um tempo para ver se ele queria dizer mais alguma coisa e, enquanto isso, fiquei pensando no contexto de vida desse “morador” do albergue e imaginando quais os desafios que os profissionais de saúde dispostos a ajudá-lo enfrentariam.

Com certeza, existe uma explicação para indivíduos chegarem à obesidade mórbida hoje e com ele não é diferente. Considero que perder peso atualmente seja um desafio cruel e muito difícil, uma vez que somos tentados o tempo todo, por meio das propagandas em todas as mídias sociais existentes, a comer produtos industrializados e bem saborosos. Deve-se oferecer um cuidado integral para esses indivíduos, trabalhando muito a parte motivacional e a saúde mental, como se emagrecer fosse o único problema que uma pessoa deveria se preocupar, tendo todo o resto bem resolvido.

Toda essa situação me fez pensar no que uma professora de Saúde Coletiva disse em uma aula sobre sua experiência com pessoas em situação de rua: como tratar e orientar um morador de rua com diabetes se ele não tem condições, principalmente financeiras, para se alimentar direito, ou não tem acesso aos medicamentos, por exemplo, de forma gratuita, sem um documento de identidade e um comprovante de endereço. Parece que a história dele é a mesma, pois está inserido em um sistema que não oferece um cuidado integral à sua saúde para vencer a obesidade mórbida.

Essa vivência me fez considerar esse usuário como um eterno doente social, que sofre pela falta de amparo dos familiares e da sociedade como um todo por não conseguirem lidar com a sua loucura, e pela falta de empatia de um sistema que está organizado para ter cada vez mais doentes para tratar e não para promover cada vez mais a saúde das pessoas saudáveis.

Pra mim, a extensão faz perceber que a teoria apreendida nas aulas é desfeita em muitas situações práticas, deixando os estudantes e





profissionais incapacitados, pois não sabem lidar com desafios como esse descrito. É um momento único para enxergar, se indignar, discutir e pensar sobre aquilo que não se aprende nas salas de aula da universidade. Não posso negar, também, que a participação nesse projeto de extensão me fez desconstruir muitos preconceitos e perceber que todo ser humano, independente da classe social, do lugar que mora, da orientação sexual e das crenças religiosas merece ser escutado e respeitado, pois todos nós temos histórias de vida incríveis e somos movidos por desejos e sonhos até mesmo nas piores situações de vida, depende do ponto de vista de cada um.





O poder do olhar

Natalia Tenore Rocha

Pensando aqui com meus botões (ou com estas teclas do computador), a primeira vez que realmente parei para pensar no poder que o olhar tem, foi nas atividades com a população em situação de rua. Meu primeiro contato com eles não foi durante a graduação, mas, sim, bem antes disso.

Assim que a licença maternidade da minha mãe acabou, eu comecei a frequentar a creche do lugar em que ela trabalhava, na região central de São Paulo, ao lado da Praça da Sé. Nessa Praça, tinha (e ainda tem) uma grande concentração de pessoas em situação de rua, minha mãe conta que eu adorava passar por lá, corria atrás dos pombos e sorria para um monte de gente, fosse gente passando ou gente morando por ali. O centro e as pessoas do centro fizeram parte da minha infância, não eram seres de outro mundo, dos quais eu sentia medo.

Passados vários anos, veio a faculdade e também a oportunidade de estar, de um jeito diferente, com as pessoas que viviam na rua. Digo estar de um jeito diferente já que eu nunca estive longe; afinal, ninguém que more em um grande centro pode dizer que está longe, ao menos que seja alguém que vive em uma redoma de vidro e que se recuse a olhar à sua volta. Quase no final do primeiro ano da graduação, uma professora possibilitou-nos ir a um centro de convivência frequentado por pessoas em situação de vulnerabilidade social, um local novo para mim que desconhecia a existência de um espaço onde aqueles que moram ou estão nas ruas poderiam tomar banho, sentar, conversar e almoçar.

Na noite anterior à nossa visita eu não dormi direito, não sabia como seria, o que me esperava e morria de medo de não conseguir conversar com ninguém. Na preparação para esse primeiro contato, conversamos sobre ficar tranquilas e que assim saberíamos a hora certa e com quem conversar. Nesses momentos os nossos olhares iriam





se cruzar e a gente entenderia e sentiria que era aquela pessoa. Talvez para quem já fizesse isso e conhecesse a população em situação de rua fosse fácil, mas, para mim que tinha tantas vontades, o medo de voltar para casa sem conversar com ninguém era grande.

Peguei o metrô sentindo algo tão novo, parecia primeiro dia de escola, coração batendo mais forte e borboletas no estômago. Fomos andando da estação até o Centro de Convivência, na parte de fora havia vários homens e mulheres sentados no chão, uns conversavam, outros dormiam e muitos deles nos cumprimentavam. Chegou o grande momento, entrar naquele Centro de Convivência foi incrível: um salão gigante, com pé-direito bem alto (estávamos embaixo de um viaduto), aquelas cinco ou seis mesas enormes e cheias de gente sentada.

Uns liam gibi, outros revista, livro, jornal. Escreviam, bordavam, conversavam e outros tantos dormiam. Fomos conhecer os funcionários e a estrutura do local, passando pela cozinha alguns estudantes começaram a ajudar na montagem dos pratos do almoço. Eu, que queria conversar, conhecer as histórias e um pouco da vida de cada um deles, voltei para o grande salão e percebi que tínhamos olhares de curiosidade, dúvidas e medos semelhantes.

O que será que estão fazendo aqui?

Será que posso conversar com eles?

Será que vieram para almoçar?

Será que sentem medo de mim?

Fui vendo o quanto ainda precisava aprender sobre a vida, enquanto eu observava que aquelas pessoas não eram os “moradores de rua” que eu conhecia da Praça da Sé. Eles eram pessoas parecidas com muitos de nós e fugiam do estereótipo socialmente construído.

Logo, alguns estudantes começaram a conversar com as pessoas dali e eu pensava “o tal poder do olhar deve estar falhando comigo, não devo ter essa função acionada dentro em mim”, olhava vários nos olhos e não entendia se o olhar era de “vem aqui falar comigo”, “preciso conversar”, “saia daqui”, “por que você está me olhando?”. Até que aconteceu, eu não sei explicar muito bem, mas, a gente sente lá dentro do peito... Algo soprou baixinho “vá” e eu fui, conversei, contei coisas, ouvi outras tantas e simplesmente foi assim que percebi pela primeira vez o poder desse olhar.





Nós só fomos interrompidos pelo cheiro estonteante do almoço e do anúncio da oração antes de servirem. Os funcionários e alguns estudantes vinham com pratos repletos de arroz, feijão, purê de batata, salsicha e uma salada, esse era o sinal também de que nosso horário ali tinha acabado, tínhamos que voltar para a faculdade.

Nas outras visitas foi ficando tudo mais fácil, o coração estava mais calmo e eu ia percebendo que só por estar ali já ficava feliz, as trocas de olhares eram diferentes umas das outras, muitas vezes sem palavras conseguia sentir o carinho ou a raiva, eu abracei e fui abraçada por olhos tristes, alegres, distantes e cheios de vida.

Na volta, sentia-me outra pessoa, nada tinha mudado fisicamente, mas por dentro eu estava renovada, consegui finalmente entender que para conversar nem sempre precisa haver palavras. Esse nosso estágio terminou, mas a vontade de estar com eles, não. Fui percebendo que meu olhar mudou, percebia cada vez mais que a única diferença entre eu e eles era “a chave de casa”.

Algum tempo passou até que um grupo de estudantes – uns que tiveram essa experiência no Centro de Convivência e outros que somente ouviram falar – se reuniu e criou o que hoje é o Projeto de Extensão Periferia dos Sonhos. Neste projeto, além de garantir um espaço para reflexão sobre a rua e a desigualdade social, frequentamos um albergue na região central da cidade.

As primeiras visitas ainda traziam sensações semelhantes... Pegávamos o metrô no horário de pico, lotado. No rosto das pessoas o desgaste de um dia inteiro de trabalho, e no nosso, apesar do cansaço de um dia todo de aulas, estávamos apreensivos e eufóricos.

A sensação de ir a esse albergue não foi diferente daquela mencionada anteriormente, já as expectativas, medos e preocupações eram as mesmas, talvez um pouco amenizadas, pois eu já havia tido um contato mais direto com essa população.

Lembro-me de chegar por lá e saber que bastava me acalmar e perceber o momento, o coração iria entender. Foi e tem sido assim nos últimos anos, existe hora para se aproximar e para se afastar, eu comecei, além de olhar, a enxergar aquelas pessoas em situação de rua e as pessoas à minha volta, percebi que há vida por detrás das rugas e das roupas, há histórias tristes e alegres e fui desnudando-me de cada preconceito a cada conversa, a cada toque, a cada sorriso, choro ou silêncio.





Limitações

Tatiane Soares Fagundes dos Santos

“Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”

(Rubem Alves)

Antes de entrar na Universidade, acreditava que todas as escolas eram gaiolas, a graduação servia para formar e nos colocar em uma fôrma de modelos e estereótipos. Foi através da extensão que constatei minhas maiores limitações e inquietações.

Lembro-me de uma visita em especial, ainda era nova no projeto Periferia dos Sonhos e não sabia direito como conversar com os moradores em situação de rua; no meu entendimento ninguém conversaria comigo porque eu jamais passei por uma situação parecida e para muitos eu era/sou apenas uma menina, universitária que não sabe nada de sofrimento e decepções. Era necessário sair da minha “zona de conforto” para conseguir trocar conhecimentos com os moradores em situação de rua.

Até hoje, de todas as visitas que tive, a que mais me marcou foi uma ocorrida no começo de 2013. Tratava-se uma visita normal, porém fazia muito calor e uma grande quantidade de adultos e idosos em situação de rua estavam no Albergue; aproximou-se de mim um senhor de





62 anos, magro, branco, com cabelos grisalhos e que não desgrudava de sua mochila. Esse senhor se chama João, sentou ao meu lado e não queria conversar, só sentar e ficar olhando para as próprias mãos. Esta é uma atitude bem comum no albergue – sentar e não conversar –, muitas vezes eles não querem conversar ou demoram um pouco para falar...

Depois de alguns minutos em silêncio, João me olhou e perguntou o que fazia e o que estava fazendo lá. Passadas todas as explicações, veio a tão repetida pergunta “Por que uma moça como você está aqui? Você gosta de ver tristeza?” Tentei explicar tudo a ele, inclusive que as experiências trocadas é que nos ajudam a crescer. Ele riu, mas riu muito de mim, na verdade, ele gargalhou e disse que pessoas como ele não tinham experiências que mereciam ser contadas, mas se eu quisesse me falava sua história.

João era casado, com três filhos; há vinte e três anos começou a sair do serviço e passar no bar para descansar do dia turbulento, sua esposa não gostava, mas deixava porque ele ainda trabalhava. Passado algum tempo, ele começou a passar no bar antes do expediente de trabalho também, e isto acarretou sua demissão; assim que foi demitido, sua esposa começou a ficar cada vez mais insatisfeita. Vendo a situação tornar-se mais difícil em casa, João passava o dia todo no bar e estava cada dia mais triste com a situação.

Foi nesse período que começou a fumar, experimentou outras drogas e passava por períodos prolongados sem ir para casa. Sua esposa não gostava da situação e resolveu mandá-lo embora de casa. Sem ter para onde ir, ficou na rua. Acreditava que era só uma semana para se estabelecer e alugar uma casa.

Acontece que se passaram vinte e três anos... Está em situação de rua, com HIV, tuberculose reincidida e sem esperanças.

Ao conversar com João, ressaltai todas as experiências que ele teve, todas as pessoas que conheceu e o namoro que aconteceu nesse período no centro de acolhida. E tudo o que ele me falava, era que a vida tirou tudo que era bom dele, tirou todas as pessoas especiais e ele continuava vivo e não entendia o motivo.

Confesso que é uma situação muito complicada e para os profissionais da saúde chega a ser angustiante. João não terminava o tratamento de tuberculose porque não conseguia ir a todas as consultas





marcadas; não conseguia fazer o tratamento adequado de HIV, pois, por não possuir endereço fixo, não podia levar os antirretrovirais com ele, tinha de ir até o equipamento de saúde para pegá-los, os mesmos causavam muita dor de estômago e a enfermeira da Unidade Básica de Saúde disse que o remédio não funcionava se ele fosse consumir bebidas alcoólicas; então, João resolveu beber ao invés de tomar remédio, primeiro porque ele gosta mais e segundo porque ele não consegue parar de beber.

Após escutar a história de João, pude perceber quanto o ensino formal na universidade nos limita. Não sabia o que falar, não sabia como agir e nada do que eu dissesse parecia ser útil. Quanto me sentia incompetente por não poder ajudá-lo. A Universidade nos prepara todos os dias para lidarmos com situações diferentes, mas todos os dias a vida nos prega peças e a Extensão nos proporciona olhos sensíveis para não nos esquecermos de manter sempre a ternura.

O nome João foi inventado para preservar a confidência da sua história, contudo representa um dos milhares de Joões e Marias que estão em situação de rua. Eles têm me proporcionado ensinamentos e experiências que têm contribuído para que eu seja uma pessoa e profissional melhor.

O voo foi encorajado, resta-me continuar a voar...





Iracema

Thiago Brunelli Silva

“Iracema, eu nunca mais que te vi
Iracema meu grande amor foi embora
Chorei, eu chorei de dor porque
Iracema, meu grande amor foi você
Iracema, eu sempre dizia
Cuidado ao travessar essas ruas
Eu falava, mas você não me escutava não
Iracema você atravessou contra mão
E hoje ela vive lá no céu
E ela vive bem juntinho de nosso Senhor
De lembranças guardo somente suas meias e seus sapatos
Iracema, eu perdi o seu retrato”

(Adoniran Barbosa)

O medo dominava a minha mente. Estava escuro e o local, onde eu estava, era diferente. Uma fábrica abandonada, com muitas acomodações improvisadas. O momento era distinto de tudo aquilo que havia vivenciado. Foi nesse cenário que eu o conheci.

Ele possuía idade para ser meu avô. Os seus olhos escuros, o seu cabelo branco e as suas mãos calejadas demonstravam um homem frágil. O sofrimento estava diante dos meus olhos, sentado e personificado pela figura humana. No primeiro momento, eu não resisti e sentei ao seu lado. Desconfiado, ele não acreditava que estava ali para ouvi-lo e para conversarmos.

Perguntei sobre sua família, sobre sua comida favorita e sobre seu time de futebol, mas o silêncio pairava entre nós. Foi então que o ouvi cantar Iracema. A melodia era triste e ganhava entonação a cada





nota. A música relatava tudo o que havia perguntado e, ao terminar de cantar, os seus olhos gritavam isso.

Um abraço foi tudo o que pude oferecer e ele retribuiu com um obrigado. Nesse momento, percebi que a sua vida era como a de Iracema, que fora atropelada por algum fato infeliz.

Naquela noite, ele conseguiu abrir os meus olhos e me retirar dessa plena cegueira que muitos de nós temos quando nos deparamos com uma pessoa em situação de rua. Aprendi a valorizar o humano, sobretudo seus pensamentos e crenças.

Como futuro enfermeiro, sou eternamente grato a esses ensinamentos que obtive além das fronteiras de uma universidade. Hoje, eu sei que todos nós possuímos histórias que marcaram nossas decisões, mas poucas são as vezes que alguém está disposto a ouvir.

Após essa noite, eu sempre estarei.





Uma experiência de escuta

Karen Patricia Pena Trannin

Cotidianamente, utilizamos a rua somente como meio para chegar a lugares como trabalho, escola ou para passeio, considerando que temos uma moradia, não somos capazes de visualizar a dimensão deste mundo particular. À margem da sociedade há uma estrutura que possui seu próprio sistema e complexidade, quando utilizada como habitação se torna um lugar de sobrevivência e formação de vínculos, diante deste contexto é natural existir rejeição e agressão no cotidiano dos moradores em situação de rua.

Constantemente, presenciamos a marginalização e a ignorância da sociedade perante esses indivíduos, essa ação provoca, com frequência, sua entrega às bebidas e às drogas, como anestésico para esse mal. Fui apresentada a esse quadro social no início da graduação, quando me deparei com um projeto sobre moradores em situação de rua.

Uma das conversas que me fez perceber a visão errada que possuía antes da participação no grupo foi aquela que tive com uma senhora de baixa estatura, acima do peso, cabelos brancos, roupas arrumadas e um semblante entristecido, como quem já viveu muitas histórias, segundo ela sempre se encontrava perambulando próximo à estação Tiradentes do metrô, na cidade de São Paulo.

No início, passava e nos via conversar com as outras pessoas, fica observando à distância; nesse dia, estava sentada em um banco velho, me sentei ao seu lado iniciando uma conversa agradável. No começo parecia relutante, desviando o olhar e não querendo sequer dizer seu nome, então disse se chamar Madalena, ao fim da longa conversa agradeceu pelo momento e pela atenção dispendida. Relatou, então, ter cinquenta e nove anos, ser natural do Maranhão, onde viveu trinta e quatro anos, trabalhava como doméstica e cuidava de





três crianças de uma família muito rica em sua cidade, era casada e possuía casa própria, enfatizando a vida normal que vivia comparada à visão equivocada da maioria das pessoas. Iniciava, assim, seu projeto de vida e sua família.

Aos onze anos, com o falecimento de seu pai, sua mãe revelou que, na verdade, eles eram seus tios, pois seus pais biológicos não tinham condições de criá-la e quando ela completou dois anos de idade foi entregue aos tios para que a criassem. Seus pais biológicos, que até então ela conhecia como tios, foram sempre muito ausentes e mantinham pouco contato. Posteriormente, se tornaram mais próximos, e então Madalena pôde entender porque seus pais tiveram de entrega-la aos cuidados dos tios. Alguns meses depois, sua mãe de criação também faleceu, mas Madalena continuou morando na mesma cidade, porém seu marido abusava de bebida alcóolica e a agredia fisicamente, então terminaram o casamento.

Divorciada e sem lugar para morar, Madalena, sem alternativa, com a ajuda financeira do irmão foi morar na cidade de São Paulo e passou a viver com sua mãe biológica. Na capital, voltou a trabalhar como doméstica em uma casa de uma família de classe média alta, e assim viveu por quatro anos. Após dois anos, sua mãe biológica também faleceu, porém Madalena continuou morando na mesma casa, pois agora poderia se sustentar. Madalena ficava muito sozinha, estava desmotivada, não tinha amigos, família ou filhos, então teve início uma crise depressiva, que fez com que ela perdesse o emprego, como consequência ficou com três meses de aluguel atrasados, não mantinha contato com seus irmãos, pois nunca tiveram uma boa relação familiar pensavam muito diferente, dizia, além de terem sido criados distantes uns dos outros, contou também que não tivera filhos, pois não conseguira engravidar; seus irmãos não podiam ajudá-la e Madalena foi despejada da casa onde vivia. Nesse momento difícil tentou procurar ajuda na igreja que frequentava e uma conhecida resolveu ajuda-la, oferecendo sua casa por um tempo, até que retomasse sua vida normal.

Algumas semanas depois, Madalena deixou essa casa devido a muitos problemas e discussões com o marido da conhecida, foi aí que ela procurou as ruas como solução. Sua vinda às ruas foi natural, no início, pensou que apenas uma semana bastaria para que a situação se resolvesse, porém, quando percebeu, já fazia um ano que Madalena





vivia em situação de rua, fazendo de um lugar diferente sua casa a cada dia.

Assim se passaram quatro longos anos, uma historia confusa, marcada por sofrimentos e revelações, desde então, não tinha nenhum contato com a família, pois dizia que eram muito diferentes, o que dificultava as relações familiares. Quando perguntei se ela se sentia abandonada, disse que abandonada, não, mas diria triste, porque depois de um tempo vivendo nas ruas você perde as esperanças de voltar a ser quem foi um dia, porém falou que ainda não perdera a sua e que algum dia quer ter uma casa e família para cuidar.

Madalena disse que sabe que será difícil recomeçar, pois depois que se vive um tempo nas ruas as pessoas não confiam em você, mesmo sem usar drogas e sendo reservada, mesmo contando sua história e dizendo que trabalhou em casa de família por vários anos e que podiam confiar nela, mesmo assim sua palavra não valia de nada.

Quanto à questão da agressão nas ruas, Madalena disse ser complicada, pois há pouco menos de um ano, enquanto dormia numa calçada um homem que também era morador de rua tentou furtá-la e a agrediu; embora fosse de madrugada algumas pessoas viram as agressões, mas ninguém a ajudou. Disse que a rua é perigosa e que leva consigo uma teoria: para os homens é mais fácil viver nas ruas do que para as mulheres, principalmente de mais idade, como ela, sem levar em conta, ainda, a questão da higiene, que se torna cada vez mais complicada diante da atual situação em que a sociedade se encontra.

Apesar de tudo isso, disse ter boas recordações de todas as pessoas que reservam um tempo em suas vidas e sentam ao seu lado para conversar, assim como estávamos fazendo, ainda enfatizou que hoje seria um dia que dormiria mais em paz por saber que sua história não passaria em branco, e que pelo menos alguém no mundo saberia de sua jornada e que ela existiu. Seu principal sonho é sair das ruas e constituir uma família, mas disse ser racional e saber o quanto isto é difícil. Madalena disse não ser feliz, pois felicidade para ela é poder ter uma família, casa, trabalho e conviver bem com os demais, e na rua isto não existe.

No final, aconselhou para que eu nunca abandonasse minha família, porque brigas e discussões são normais, todos se entendem de-





pois, e falou para que nunca percamos a esperança, pois é ela que nos faz seguir pela vida.

Essa conversa e a pequena vivência com moradores em situação de rua me mostraram ser angustiante para quem a experimenta, por viverem sempre sozinhos e não possuírem vínculos afetivos não têm nenhum meio que lhes garanta alívio psicológico ou apoio moral, portanto se percebe a grande necessidade de que alguém lhes ouça com atenção. A situação precária obriga-os a ter uma postura onipotente, pois para sobreviver nas ruas é preciso se mostrar confiante e sem fraquezas. A grande maioria da sociedade não os considera como membros dessa sociedade, é como se não participassem das relações humanas, não tivessem sentimentos, sonhos, nem fizessem planos para o futuro.







4ª CENA

Projeto A Cor da Rua







Contribuições e significados do Projeto de Extensão “A Cor da Rua” para extensionistas e travestis em situação de rua

Patrícia Cabral

Carmen Lúcia Albuquerque de Santana

Eduardo Sodré de Souza

Final de tarde... começo de noite ... conversa boa... num lugar legal...

Assim foi o meu encontro, no Centro Cultural São Paulo, próximo ao metrô Vergueiro, com Patrícia Cabral que pede para ser identificada neste capítulo como transexual. Patrícia é uma das participantes do Projeto de Extensão A Cor da Rua que colaborou para elaboração deste relato de experiência.

O encontro, marcado para 18h30, atrasou por causa do trânsito caótico da cidade grande; nada de novo nisto. A novidade para a Patrícia, que falou durante o retorno para a casa, foi conhecer um lugar de que gostou muito, pelas oportunidades e atividades oferecidas naquele lugar.

Era então quase 19h quando avistei Patrícia sentada ao lado de um jovem rapaz, que após se aproximar, se apresentou como “Naná”. Interagimos por alguns minutos. Ele falava sobre um espetáculo chamado “Trilogia Pirandello”, demonstrou (fez questão disso) conhecer o espetáculo e a vida do personagem, que segundo ele “é uma personalidade da Itália”. Pareceu um “cara” muito simpático!

Algumas perguntas ficaram “martelando” na minha cabeça durante os minutos que tivemos de interação e ganharam importância nas linhas deste texto, pelo significado que teve o nosso encontro: Mas quem é Naná? Seria o esposo da Patrícia? Um amigo? Ou alguém que ela, assim como eu, acabara de conhecer?

Decidi então perguntar: vocês estão juntos? Patrícia, muito naturalmente e com uma postura tranquila, espontânea e já familiarizada com o ambiente, respondeu que acabava de conhecê-lo. Esse fato me causou estranhamento (comentei com ela) porque eu esperava encon-





trar Patrícia um pouco deslocada, num ambiente e pessoas desconhecidos. Bobagem minha!

Despedimo-nos do tal Naná. Patrícia, que já tinha dado uma volta no Centro Cultural enquanto me esperava, sugeriu um lugar para ficarmos mais à vontade para conversarmos sobre o trabalho que desenvolveríamos. Mais um estranhamento, agora, feliz estranhamento. A atitude proativa e assertiva da Patrícia reforçava, naquele momento, seu envolvimento com o grupo e com o Projeto, sobre os quais falaríamos e escreveríamos.

No percurso até o local onde ela havia sugerido, enquanto conversávamos, tive a preocupação rápida de ver a reação e olhares das pessoas e o da Patrícia; digo que foi uma rápida preocupação porque ao mesmo tempo em que ela apareceu, me ocupei mais de aproveitar aquele momento ímpar do que perceber coisas talvez sem importância. E assim, mais uma vez eu me revisitava e me ressignificava. Curti!

No trajeto, fui me sentindo mais leve e menos desconfortável com o suposto e imaginado desconforto da Patrícia; ela conseguia me deixar mais seguro de mim a cada passo firme e postura desenvolva naquele território desconhecido para ela. Propus então um convite: que tal um café? Hummm... o aceite rápido ao convite foi a prova mais real da sintonia que aquele encontro reservava. Tive a impressão, ou sensação, de que ela teria feito esse convite: mentalmente? “subconscientemente”?; não sei. Tem coisas que não consigo explicar, mas, enfim... A isso chamo de sintonia.

Na lanchonete, já pude perceber algumas reações das pessoas que se encontravam na fila para fazer seus pedidos, e mais imaginações, mas agora, confortável e achando graça. Pensei o quão interessante seria poder “entrar na mente” daquelas pessoas para saber o que pensavam; seria, no mínimo, interessante ou engraçado, já preferia acreditar nisso.

Fomos bem atendidos por dois atendentes: meu pedido, um suco de pêssego e uma esfiha de frango, decidi alterar, pedi para trocar a esfiha por uma de carne, estava agora mais atraente. Patrícia, segura, como sempre, pediu uma coxinha e um café.

Fomos até a mesa e num clima muito agradável e amistoso fizemos uma pequena, mas ótima refeição; senti-me alimentado em muitos sentidos e vocês poderão perceber isto no texto que segue, não com a mesma propriedade e emoções do momento, porque seria





impossível, não só pela minha limitação e inabilidade pela escrita, mas também pelo sentido indescritível do encontro: feliz encontro!

A partir daqui, o texto que segue, são palavras ditas, interpretadas, decodificadas e até algumas sensações e percepções derivadas desse encontro que embora espontâneo e livre, teve o objetivo claro de identificar e descrever as opiniões, significados e contribuições relacionados às ações realizadas a partir do Projeto A Cor da Rua. Passamos a escrever agora na primeira pessoa do plural, já que são falas e opiniões nossas e não mais um relato meu (do Eduardo) sobre o percurso até chegar a essa conversa.

Dividiremos em dois itens, um sobre os significados e contribuições e outro sobre as emoções e sensações, ambos relacionados à participação nas ações desenvolvidas pelo Projeto A Cor da Rua.

Significado e contribuições do projeto A Cor da Rua

Uma das coisas que discutimos na nossa conversa sobre as contribuições das ações do projeto A Cor da Rua foi que elas existem em muitos aspectos, principalmente para as travestis em situação de rua que dele fazem parte. A convivência promovida e valorizada não é comum nas realidades que essas pessoas vivem e relatam.

Discutir sobre “coisas da vida”, num âmbito mais geral e “das vidas”, num âmbito mais individual e particular, implica em um movimento que permite “abrir a cabeça” para questões ainda desconfortáveis e que fazem parte, ou até prejudicam, um bom convívio. Um exemplo é a questão de gênero, conforme relatado por Patrícia; para ela, apesar de o mundo estar moderno, ainda existem pequenas questões que ficam a desejar. O uso do banheiro por travestis e transexuais, amplamente discutido e apresentado pela mídia hoje em dia, é uma dessas questões. Algumas pessoas se dizem abertas, mas o que observamos é que no fundo são conservadoras. Mesmo nos serviços que atendem ao público LGBT, e que teoricamente têm mais facilidade no manejo dessas situações, há resquícios de uma prática preconceituosa e que tende a excluir o público transexual e travesti, restringindo os horários para uso do banheiro, por exemplo.

Normalmente, os cenários de convivência e sobrevivência das travestis e transexuais em situação de rua são marcados por situações





constrangedoras e homofóbicas como “piadinhas”, “rusginhas” e “olhares tortos”. Assim os grupos realizados pelo projeto de extensão contribuem para o fortalecimento de todos os participantes (homossexuais ou não), inclusive para reconhecer essas situações e saber lidar com as mesmas. Ainda, pudemos perceber mudanças no comportamento de algumas pessoas, que pareciam desconhecer este “universo gay” ou travesti. Na opinião do grupo este desconhecimento pode tornar o ambiente homofóbico.

Além disso, a relação humana, no ambiente que aconteciam os grupos de extensão e onde as travestis, transexuais e outras pessoas em situação de rua convivem e desempenham suas funções, parece ter sofrido algum impacto positivo em termos de aceitação dessa diferença, da diversidade. Pessoas que não se conheciam e não se cumprimentava, passaram a dar valor para este tipo de interação.

Nessa perspectiva, os grupos assumem um forte significado e ao mesmo tempo refletem um avanço não só para os conviventes, mas também para outras pessoas que não estão em situação de rua, como alguns trabalhadores e gestores do serviço.

Uma travesti ou transexual em situação de rua sofre mais preconceito do que “um hetero” na mesma condição. Muitas vezes elas nos contam que a sociedade pode enxergar o “hetero” como vítima, no entanto percebem que muitas vezes, elas (travestis) são encaradas como merecedoras da situação de rua como um castigo ou punição pela sua identidade de gênero.

Dialogamos sobre as experiências travestis e transexuais que são únicas e têm forte relação com o território, ou seja, ser travesti aqui em São Paulo não é a mesma coisa que ser travesti no interior. Embora a capital seja um lugar onde há mais oportunidades e facilidades para se marginalizar, pode ser um local que assusta e revela para uma travesti do interior uma realidade dura e fria; uma condição de degradação - higiene precária, envolvimento com crimes, pernoitar na rua sem segurança e mendicância. Viver em São Paulo, para essas pessoas, faz rever conceitos e escolhas para a vida (parar de usar drogas, por exemplo).

Esta e outras diferenças transformam a rua num espaço que acolhe múltiplas identidades, várias cores. Mas é difícil que tantas identidades se vejam comunidade na rua. Nesse espaço, a rua talvez seja o único elemento comum entre as pessoas que dela/nela vivem.





O espaço e tempo de “desabafo” que os grupos extensionistas proporcionam contribuem para uma aproximação das travestis com suas próprias realidades, histórias e expectativas em relação ao futuro. Essa aproximação e conhecimento (entre e sobre elas), fortalece, aproxima, inclui, facilita e problematiza... Nesse processo, situações e pessoas são ressignificados e novas propostas e ideias emergem naturalmente, ganham cor, corpo e sabor.

O movimento de aproximação de “microuniversos” tão diferentes permitiu adentrar em campos desconhecidos, mas igualmente ricos pelas essências que guardam em si. À medida que nos aproximamos da realidade e história do outro, reconhecemos elementos que nos fortalecem e nos unem nas nossas diferenças. Sim, podemos afirmar que existiram pequenas transformações, que fazem grande diferença.

Os eventos desse projeto de extensão abrem portas para conversarmos com “pessoas importantes”, isto nos faz sentir também importantes. Na Universidade, conversamos com o poder público em um encontro promovido com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC). Eles ouviram as nossas reivindicações. Na visita à galeria de arte, em um bairro nobre de São Paulo, conversamos com a fotógrafa Ana Carolina Fernandes, autora de uma exposição de fotografias chamada “Mem de Sá, 100” que retratou a vida de travestis do Rio de Janeiro, numa temporada em São Paulo, suscitou reflexões a partir do debate com ela, sobre alguns temas: condições de vida e de saúde das travestis; arte como elemento para representar a vida e como recurso para a saúde; exclusão e inclusão social; uso de drogas e dependência química; autoestima e outros. Acreditamos que esses encontros são raros, é provável que um encontro como este nunca tenha acontecido naquela galeria. A percepção de uma mistura de classes sociais, para além de um “desconforto” inicial, provocou a mistura de emoções e a sensação de potência em relação às possibilidades que se apresentam e as oportunidades que queremos e devemos buscar.

Sensações e emoções

Sentir-se parte do Projeto A Cor da Rua não necessariamente implica em se identificar como travesti ou transexual, menos ainda como uma pessoa em situação de rua. O projeto nos convida a entrar para rua: um espaço público que é tolerante, às vezes violento, mas que nos ensina sempre a respeitar e valorizar a diversidade.





Ser ou não ser homossexual e estar ou não vivendo na ou das ruas não são condições exclusivas para que o grupo assuma uma característica e identidade. Fazemos parte porque nos solidarizamos e nos identificamos com a diversidade proposta por elas: com a luta da rua, com a vida na rua, com a cor da rua e com a liberdade de ser.

No percurso de luta e reivindicações que o grupo das travestis escolheu, algumas ações nos uniram e nos trouxeram sensações e emoções que todos nós já sentimos algum dia: o medo, dúvida sobre aceitação no e do grupo, vergonha em falar sobre alguns temas, receio de se expor, mas também empatia, solidariedade, entusiasmo, alegria e coragem para enfrentar alguns problemas. Todas essas emoções nos aproximam porque percebemos que não são exclusividades nossas. Daí o grupo se converte também em um espaço ou em um refúgio, onde nós, “fracos sozinhos”, nos tornamos “fortes em grupo”, pois a fragilidade é também um elemento que nos une e fortalece.

Quando falávamos sobre as ações que participamos juntos, surgiu o significado da magia e honra de representar um grupo e ser seu porta-voz. Esse movimento de rompermos as barreiras da universidade e nela adentrarmos, seja em qualquer condição, aumentou a sensação de importância de sermos humanos. Essa possibilidade de fazer parte e de ter voz (ou vozes) fortalece os indivíduos e o grupo nessa “luta que é nossa”. “A gente tem que correr atrás!”

É mágico também ter a sensação de que as pessoas (acadêmicos, profissionais da saúde e da assistência social, representantes do governo e da sociedade civil – “uma sociedade que precisa mudar”) – estão nos ouvindo e prestando atenção àquilo que estamos falando; é uma forma de conscientizar que aquilo que falamos é um “desabafo real”. Uma sensação que é muito difícil de explicar!





5ª CENA

Projeto Envelhecer com Arte







Envelhecer

Michelle Cardoso Billett

O calouro entra na faculdade e é apresentado a um mundo completamente novo, se depara com um turbilhão de informações e uma das frases repetida insistentemente é: “A Universidade é feita por ensino, pesquisa e extensão”. Introduzem o que é extensão, separam um dia para apresentar praticamente todos os projetos de extensão e, no final, bate aquele entusiasmo de querer fazer tudo e descobrir esse tal mundo da extensão, não porque os créditos serão cobrados futuramente, mas por se interessar em descobrir algo fora do “quadrado”.

Acredito que a pergunta seria: “Por que quero continuar fazendo extensão”? A extensão proporcionou-me mudanças incríveis na maneira como eu passei a lidar com a sociedade, adquiri um novo olhar para manejar os problemas, percebi que o mundo é muito maior e mais cheio de detalhes do que eu imaginava.

Pode parecer um pouco estranho, mas me tornou mais humana, desfêz o olhar que você olha para a sociedade e “não se sente parte dela”. Sinto que meu coração se abriu de uma maneira que eu jamais imaginava, sinto-me mais próxima das pessoas, do ser humano... Para entender o que ele realmente passa, para sentir o calor do toque de alguém que, às vezes só precisa de um pouco de atenção ou um olhar acolhedor.

Minha paixão e admiração por idosos me acompanha desde que eu era criança, e uma das escolhas por fazer enfermagem foi ter a certeza de que eu poderia me aproximar deles especializando-me na área do envelhecimento. A grande maioria é esquecida em asilos ou simplesmente ignorada, pois é considerada “gaga” ou que não sabe de nada. Pouco sabem, tais ignorantes, que eles já viveram uma longa jornada e com isso se tornam como tesouros que guardam joias raras: muitas histórias, experiências, sentimentos e opiniões.





Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa para 2020 é que 12% da população sejam de pessoas com mais de 60 anos de idade. Além do envelhecimento da população total, pois a proporção de pessoas com idade acima de 80 anos está aumentando substancialmente. Então eu me pergunto: as pessoas que não dão a mínima para os idosos de hoje em dia, um dia também envelhecerão; gostariam de serem tratadas da mesma forma como os tratam?

O projeto de extensão “Envelhecer com Arte” surgiu por essa inquietação que era minha e de mais algumas estudantes, e por analisar que apenas ter a disciplina de Enfermagem Gerontológica no segundo ano não era suficiente. Foi então que buscamos professoras para nos informar sobre a possibilidade de esse assunto entrar para a extensão e, felizmente, obtivemos com muito sucesso a criação do projeto.

Os profissionais da saúde com o tempo se tornam um pouco frios, acabam “caindo na rotina” e ficam um tanto mecanizados. A extensão existe para “acabar” com isso, para fazer pensar, para ser diferente, para ser único e “impregnar de sentido o que fazemos a cada instante”. A universidade precisa de extensionistas! O mundo também...





○ despertar para a extensão: Envelhecer com Arte

Bruna Serra da Clara

Carla de Lima Silva

Michelle Cardoso Billett

Karine Cardoso Santos

Luciene Cristina de Souza Tambosco

Juliane de Fátima Santos Antunes

Lilian Ludscher Martins

Daniela Reuter do Amaral

Sônia Maria Garcia Vigeta

Nós, do currículo anterior¹ do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo, trabalhamos com idosos no Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO). Lá, vários idosos com frequentadores mais jovens desenvolviam atividades para reabilitação psicossocial, tendo em vista a promoção da Saúde Mental. Participavam de oficinas de arte, de culinária, entre outras, e por meio da convivência social tratavam a depressão, qualificavam a saúde e com isto o próprio envelhecimento.

Gostamos da área da Gerontologia e acreditamos que a atual mudança curricular pode inibir ações que possibilitam a convivência dos novos graduandos com o envelhecimento ativo, centrando o cuidado na assistência hospitalar, valorizando mais a Geriatria em detrimento da Gerontologia. Desse receio, reunimos um grupo de estudantes com interesse na área e procuramos professoras que pudessem viabilizar conosco um projeto de extensão universitária.

Assim nasceu, em 2013, o projeto de extensão Envelhecer com Arte, objetivando propiciar para os estudantes vivências com idosos e contribuir com a formação gerontológica, valorizando experiências interdisciplinares.

A primeira atividade foi visitar o nosso hospital universitário, focalizando o olhar para questões vinculadas ao idoso. Buscamos perce-

¹ Em 2012, o Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo passa a ter um novo Projeto Pedagógico. A disciplina de Enfermagem Gerontológica migra da 3ª para a 2ª série e neste processo passa de 72 horas teórico-práticas para 36 horas teóricas com o argumento que a prática pode ser desenvolvida nas diversas disciplinas da área da Saúde Coletiva, Enfermagem Clínica e Cirúrgica.





ber as estruturas na perspectiva gerontológica, uma vez que já havíamos entrado inúmeras vezes no local para estágio curricular. Dentro do hospital, de uma maneira geral, começamos a observar como o idoso era tratado; terminamos a visita na unidade de internação da geriatria. Ao sair do hospital nos dirigimos ao ambulatório da Disciplina Geriatria e Gerontologia (DIGG) da Escola Paulista de Medicina da Unifesp.

Nesse contato inicial conhecemos a atuação do enfermeiro e vimos como o idoso é acolhido nesses locais. Observamos a ausência de um enfermeiro fixo no Ambulatório, porém com respaldo do enfermeiro residente multiprofissional na área do Envelhecimento. Foi interessante esse primeiro contato. Conversamos muito sobre essa experiência de olhar o local e as pessoas como ainda não havíamos visto. Decidimos iniciar nossas ações extensionistas no Ambulatório, com atividades na sala de espera para consulta.

Momento bem interessante: trazer a teoria à prática.

Partimos para a ação, utilizando a estratégia da dramatização para trabalhar com a temática prevenção de quedas. Utilizar o teatro foi muito bom – para nós e para os idosos – afinal, envelhecer é arte.

Os idosos prestaram atenção à dramatização, pareceu que fazia sentido para eles. Fizeram perguntas, ficaram interessadas em saber mais sobre o tema, principalmente os cuidadores que os acompanhavam. Na conversa, após a dramatização, multiplicamos conhecimentos. Ensinamos, mas também aprendemos muito. O objetivo de sensibilizar os participantes para o tema foi atingido.

Lidamos ainda com os nossos medos. Tínhamos receio de desenvolver uma atividade de dramatização em um lugar que não nos era familiar. E se desse tudo errado? E se não tivéssemos uma resposta positiva? Fomos preparadas teoricamente, mas tínhamos receio de fazer a ação, afinal, a teoria não é suficiente para efetivar a educação para a saúde.

Essa lição deixou a certeza de que é possível trabalhar com educação, numa perspectiva crítica, em diferentes locais. Conseguimos fazer um bom trabalho em uma sala de espera de ambulatório. Além dos idosos, percebemos que os profissionais que trabalham no DIGG também se mobilizaram positivamente com a atividade realizada.

Outras ações se seguiram a essa. Aos poucos fomos aprendendo a ensinar e a compreender o processo de envelhecimento humano.





O projeto deixou-nos mais sensibilizadas em relação ao cuidado gerontológico. Ficamos mais atentas e com o olhar mais aguçado para observar os idosos em diferentes ambientes e para planejar estratégias para promover a saúde e estimular o envelhecimento ativo. Passamos a pensar o cuidado em qualquer ambiente: nas casas, em teatros, nos shoppings, nos transportes coletivos, entre outros. Sensibilizou-nos também à participação social e política, pois percebemos que muito precisa ser feito na sociedade para assegurar o Envelhecimento/Velhice com dignidade. Tomamos partido.

O Envelhecer com Arte possibilitou ampliar a visão sobre a Gerontologia ensinada na grade curricular. Estamos felizes por ter desencadeado esse movimento dentro da Escola Paulista de Enfermagem. Nosso desejo é que mais estudantes optem por participar conosco neste processo de construção do projeto.

Já percebemos mudanças na nossa prática assistencial, mesmo na área hospitalar. Ficamos mais atentas na forma de orientar, dialogando para ter certeza de que o plano construído com ele é acessível e viável para ser realizado quando retornar a casa.

Aprendemos, na prática, que o principal cuidador é sempre a pessoa que está sendo cuidada, portanto o autocuidado precisa ser estimulado. Acreditamos que a educação problematizadora é uma ferramenta muito importante para assegurar a autonomia do idoso durante todo o processo de cuidado gerontológico.

Atentamos que é necessário introduzir o idoso no planejamento do seu próprio cuidado e não orientar somente o seu cuidador/acompanhante. Perguntar sobre singularidades que podem impactar positivamente na assistência de enfermagem. Inserir outras dimensões ao cuidado é fundamental, afinal, somos seres biopsicossociais.

Enfim, o Projeto está dando certo. É novo. Muita coisa precisa ser construída, mas, certamente, aos poucos está mostrando que é importante e tem impacto social. Para nós, foi um diferencial. Contribuiu para modificar nossas ações não só em relação aos idosos atendidos no ambulatório, mas, também, junto aos nossos familiares idosos, principalmente com os nossos avós.





APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS E DOS AUTORES

ADRIANA GLEICE

Graduada em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

ALESSANDRO GUZZETTA

Scuola di Farmacia, Biotecnologie e Scienze Motorie, Università di Bologna (Unibo), Collettivo Tommie Smith.

ANA CRISTINA PASSARELLA BRÊTAS

Enfermeira. Socióloga. Professora associado da Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa Com-Unidade/Projetos Saber Cuidar e Periferia dos Sonhos.

ANACLETA RODRIGUES LIMA

Tecnóloga em Processamento de Dados. Técnico administrativo em Educação da Escola Paulista de Enfermagem/Universidade Federal de São Paulo.

ANDERSON DA SILVA ROSA

Enfermeiro. Mestre e Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Unifesp. Gerente de Unidade Básica de Saúde na cidade de São Paulo.

ANDREA CANINI

Centro Studi e Ricerche in Salute Internazionale e Interculturale, Università di Bologna.

ANDRÉA LÚCIA TORRES AMORIM PELLEGRINI

Médica. Terapeuta Comunitária e de Família. Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva e Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem, ambos da Unifesp.

ANNA CAROLINA MARTINS SILVA

Enfermeira. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Unifesp. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Periferia dos Sonhos.

ANTONIO DONATO

Scuola di Farmacia, Biotecnologie e Scienze Motorie, Università di Bologna (Unibo), Collettivo Tommie Smith.

ARDIGÒ MARTINO

Centro Studi e Ricerche in Salute Internazionale e Interculturale, Università di Bologna.

BRIGIDA LILIA MARTA

Centro Studi e Ricerche in Salute Internazionale e Interculturale, Università di Bologna.

BRUNA SERRA DA CLARA

Graduada em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Envelhecer com Arte.

CAMILA DA SILVA OLIVEIRA

Graduada em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

CARLA DE LIMA SILVA

Graduada em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Envelhecer com Arte.

CARMEN LÚCIA ALBUQUERQUE DE SANTANA

Médica psiquiatra. Arteterapeuta. Mestre em Medicina (Saúde Mental) pela Universidade de São Paulo (USP) e em Políticas e Serviços de Saúde Mental pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Doutora em Ciências pela USP. Professora afiliado da Escola Paulista de Enfermagem da Unifesp. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto A Cor da Rua.

DANIELA REUTER DO AMARAL

Graduada em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Envelhecer com Arte.

EDME SEVERINO DOS SANTOS

Enfermeiro. Especialização de Enfermagem em Saúde Pública em andamento pela Escola Paulista de Enfermagem/Unifesp. Ex-membro do Projeto Saber Cuidar.

EDUARDO SODRÉ DE SOUZA

Enfermeiro. Mestre em Ciências da Saúde pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Doutorando em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem/Unifesp. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto A Cor da Rua.

ELISABETH NIGLIO DE FIGUEIREDO

Farmacêutica. Enfermeira. Mestre em Microbiologia e Imunologia pela Universidade Federal de São Paulo e Doutora em Ciências pela Universi-





dade Federal de São Paulo. Professora Adjunto da Escola Paulista de Enfermagem/Unifesp. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

EMMA CAVALLERI

Scuola di Lettere e Beni Culturali, CdL Antropologia, Religioni e Civiltà Orientali.

FABIANO GUIMARÃES CRISTIAN

Centro Studi e Ricerche in Salute Internazionale e Interculturale, Università di Bologna. Doutorando em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

FELIPE TIAGO SALVADOR

Tecnólogo Oftálmico. Ex-membro do Projeto de Extensão Periferia dos Sonhos.

JESSICA SILVA COSTA

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Periferia dos Sonhos.

JESSICA MAIRA SARILHO DA SILVA

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro e bolsista do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Periferia dos Sonhos.

JULIANA YURI NAKAYAMA

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro e bolsista do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

JULIANE DE FÁTIMA SANTOS ANTUNES

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Envelhecer com Arte.

KARINE CARDOSO SANTOS

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Envelhecer com Arte.

KAREN PATRICIA PEÑA TRANNIN

Enfermeira. Pós-graduanda em Urgência e Emergência pela FMU. Ex-membro do Projeto de Extensão Periferia dos Sonhos.

KEYLA NAOMI ISHIZAKI

Graduanda em Enfermagem. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

LEONARDO TONELLI

Scuola di Farmacia, Biotecnologie e Scienze Motorie, Università di Bologna (Unibo), Collettivo Tommie Smith

LETÍCIA LIMA DA SILVA

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

LILIAN LUDSCHER MARTINS

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Envelhecer com Arte.

LUANA NAYARA GALLEGO ADAMI

Graduanda em Ciências Biológicas na Modalidade Médica pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Periferia dos Sonhos.

LUCIENE CRISTINA DE SOUZA TAMBOSCO

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Envelhecer com Arte.

MARIA CRISTINA WAFEE FELIX DE CARVALHO

Assistente Social. Técnico administrativo em Educação aposentada da Escola Paulista de Enfermagem/Unifesp. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

MARIA ZETILDES LIMA

Pedagoga. Membro do Movimento popular de Saúde do Jardim São Savério/Parque Bristol e membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

MARIANA BARROS MALTA

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

MARTINA RICCIO

Centro Studi e Ricerche in Salute Internazionale e Interculturale, Università di Bologna.





APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS E DOS AUTORES

MAYARA CAROLINE MORAES MEDEIROS

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

MICHELLE CARDOSO BILLET

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Periferia dos Sonhos e bolsista do Projeto Envelhecer com Arte.

MYLLA CALEFI

Graduanda em Enfermagem pela Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Periferia dos Sonhos.

NANCI ANDRADE SANTANA

Economista. Técnico administrativo em Educação da Universidade Federal de São Paulo.

NATALIA TENORE ROCHA

Enfermeira. Especialista em Emergência e Urgência pelo Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Periferia dos Sonhos.

PATRÍCIA CABRAL

Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto A Cor da Rua.

PATRÍCIA LEAL SOUSA

Enfermeira. Mestre em Ciências pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem da Unifesp. Atua na Vigilância em Saúde da Coordenadoria de Saúde a Região Sul.

ROBERTA MELÃO

Enfermeira. Assessor Técnico da Associação Saúde da Família do município de São Paulo.

SAMUEL SUEHARU OKA

Enfermeiro. Pós-graduando em Enfermagem em Clínica e Cirúrgica pela Escola Paulista de Enfermagem/Unifesp. Ex-membro do Projeto Saber Cuidar.

SELMA ELOY MACHADO

Enfermeira. Terapeuta Comunitária. Especialista em Saúde Pública, Terapia de Casal e Família pela Unifesp. Supervisora do Centro de Estudos e Pesquisas Dr. João Amorim.

SÔNIA MARIA GARCIA VIGETA

Enfermeira. Mestre e Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Unifesp. Técnico administrativo em Educação da Escola Paulista de Enfermagem/Unifesp. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Envelhecer com Arte.

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA BERA

Graduanda em Enfermagem. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

TATIANE SOARES FAGUNDES DOS SANTOS

Graduanda em Enfermagem. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Periferia dos Sonhos e membro do Projeto de Extensão Crescer Brincando da EPE/Unifesp.

THAMIRES DE OLIVEIRA ROCHA

Graduanda em Enfermagem. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.

THIAGO BRUNELLI SILVA

Graduando em Enfermagem. cursando o Programa Ciências Sem Fronteiras. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Periferia dos Sonhos.

WILLIAM CASTILHO

Graduando em Enfermagem. Membro do Programa de Extensão Com-Unidade/Projeto Saber Cuidar.



ISBN 978-85-8191-035-2



9 788581 910352

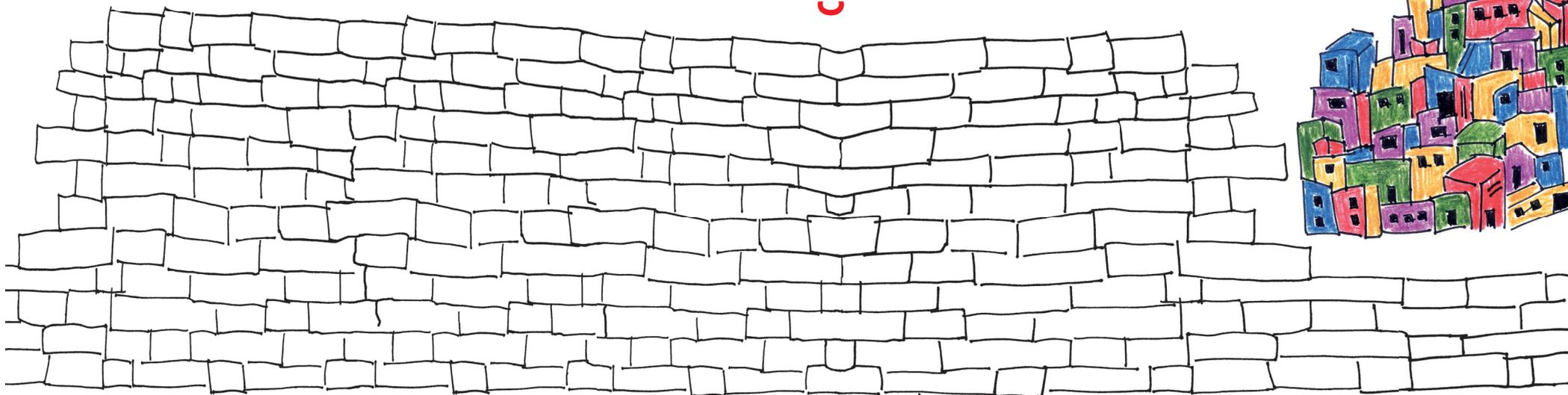
COM-UNIDADE: experiências extensionistas

COM-UNIDADE: experiências extensionistas

Este livro é uma construção coletiva.
É um espaço para refletir, compartilhar ideias e experiências
extensionistas vinculadas ao Programa Com-Unidade:
Saúde, Assistência Social, Educação e Direitos Humanos.
Integra as atividades do Núcleo de Estudo e Pesquisa
sobre Saúde, Políticas Públicas e Sociais, da
Escola Paulista de Enfermagem da
Universidade Federal de São Paulo.

Organizadoras

ANNA CAROLINA MARTINS SILVA
ANA CRISTINA PASSARELLA BRÊTAS
CARMEN LÚCIA ALBUQUERQUE DE SANTANA



COM - UNIDADE